



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, SAÚDE E TECNOLOGIA – CCSST
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE IMPERATRIZ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA- PPGS**

JANEIDE DA SILVA CAVALCANTE

**“SOU MAIS CIGANO QUE MORADOR”: RELAÇÕES INTERÉTNICAS E A
QUESTÃO DA IDENTIDADE CIGANA EM SÃO JOÃO DO PARAÍSO (MA)**

IMPERATRIZ
2021

“SOU MAIS CIGANO QUE MORADOR”: RELAÇÕES INTERÉTNICAS E A QUESTÃO DA IDENTIDADE CIGANA EM SÃO JOÃO DO PARAÍSO (MA)

JANEIDE DA SILVA CAVALCANTE

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus de Imperatriz, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Linha 1: Questões urbanas e rurais: etnia, cultura, identidade, alteridades e territorialidades

Orientador: Prof. Dr. Wellington da Silva Conceição

Coorientadora: Profa. Dra. Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Diretoria Integrada de Bibliotecas/ UFMA

Cavalcante, Janeide da Silva.

Sou mais cigano que morador: Relações interétnicas e a questão da identidade cigana em São João do Paraíso MA / Janeide da Silva Cavalcante. - 2021.

138 p.

Coorientador(a): Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro.

Orientador(a): Wellington da Silva Conceição.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Sociologia/ccsst, Universidade Federal do Maranhão, Imperatriz, 2021.

1. Ciganos. 2. Identidade. 3. Relações Sociais. I. Conceição, Wellington da Silva. II. Monteiro, Edilma do Nascimento Jacinto. III. Título.

JANEIDE DA SILVA CAVALCANTE

**“SOU MAIS CIGANO QUE MORADOR”: RELAÇÕES INTERÉTNICAS E A
QUESTÃO DA IDENTIDADE CIGANA EM SÃO JOÃO DO PARAÍSO (MA)**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), Campus de Imperatriz, como requisito parcial à obtenção de título de Mestre em Sociologia.

Aprovada em: 30/06/2021

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Wellington da Silva Conceição (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro (Coorientadora)
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Profa. Dra. Mirian Alves de Souza (Examinadora externa)
Universidade Federal Fluminense

Prof. Dr. Jesus Marmanillo Pereira (Examinador interno)
Universidade Federal do Maranhão

*Com todo meu amor e gratidão
Dedico este trabalho à minha mãe, a minha maior incentivadora,
agradeço a compreensão e o afeto durante esta caminhada;
Ao meu pai (in memoriam), o qual sempre me falava da importância dos estudos, você continua sendo inspiração em minha vida;
À minha vó (in memoriam), que nos deixou durante a escrita desse trabalho, continuando, entretanto, sendo sinônimo de amor, fé e afeto.*

AGRADECIMENTOS

Esse trabalho é fruto da coragem de não desistir e enfrentar os desafios como possibilidade de crescimento profissional e pessoal. Venho de escola pública e carrego comigo todos os desafios e problemas enfrentados por aqueles com trajeto educacional semelhante e, como consequência, o sonho de fazer um mestrado se mostrava ainda mais difícil de se realizar. Foram dois anos de dedicação, buscando sempre melhorar e isso só foi possível por ter ao meu lado pessoas, as quais não posso deixar de agradecer, pois sempre acreditaram, incentivaram e me deram forças.

À universidade pública e de qualidade, sempre contribuindo com a educação brasileira, com pesquisas e formando profissionais de qualidade e, em especial, à Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia (PPGS), pela oferta do curso de mestrado, aos professores, os quais se dedicaram e se esforçaram para esse programa se tornar realidade e buscam trabalhar incansavelmente para o fortalecimento do mesmo. Meu obrigado a todos vocês.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoa de Nível Superior (CAPES), pela bolsa de pesquisa recebida durante os dois anos do curso, possibilitando a realização, com dedicação exclusiva, do curso e a participação em eventos, podendo me dedicar de forma exclusiva à pesquisa.

Ao meu orientador, acompanhando-me desde a graduação e o maior incentivador para a continuação na vida acadêmica, professor Dr. Wellington da Silva Conceição. Um professor por quem tenho uma admiração enorme, tanto pela pessoa em si, quanto pelo profissional. Você se tornou uma inspiração para mim, por incentivar seus alunos a sonharem e a acreditarem na continuação da vida acadêmica, mesmo com todos os desafios. Agradeço imensamente por me auxiliar na escrita deste trabalho, pelo olhar atento e pelos incentivos durante os dois anos de mestrado, obrigado por acreditar em mim e por me ajudar durante este período.

À minha coorientadora, professora Dra. Edilma do Nascimento Jacinto Monteiro, obrigada por aceitar o nosso convite e auxiliar neste trabalho, agradeço também por me apresentar aos estudos e trabalhos ciganos no Brasil. Obrigada pelo afeto e o carinho durante esse percurso, por sempre estar atenta às minhas dúvidas e sempre responder minhas mensagens no WhatsApp.

Sou imensamente grata aos meus orientadores, acredito ser este texto fruto de um trabalho coletivo, de olhares atentos, indicações de leituras, das orientações e correções. Obrigada por terem me guiado até a conclusão deste trabalho. Sinto um carinho enorme por vocês.

Meus agradecimentos aos ciganos de São João do Paraíso, sempre me permitindo estar junto a eles. Obrigada pelo carinho e atenção com que sempre me receberam. Obrigada pela disponibilidade em responder minhas perguntas e inquietações, pelas conversas à tarde. Aprendi muito com vocês e tenho uma grande admiração e afeto por todos.

À professora Dra. Mirian Souza, pelo aceite de estar nesta banca, o seu trabalho com os ciganos foi um dos primeiros lidos por mim, quando iniciei a pesquisa e é uma grande referência, por isso me sinto lisonjeada pela sua presença nessa banca. Obrigada por todos as contribuições dadas para este trabalho, desde a qualificação.

Ao professor Dr. Jesus Marmanillo, que foi coordenador do curso e, também, meu professor nesse período. Obrigada por toda a dedicação e empenho em prol do programa e por todos os ensinamentos. Obrigada por aceitar o convite para estar nesta banca e pelas contribuições dadas. Você também é uma grande referência para mim, como grande professor e pesquisador que é.

À minha mãe, Terezinha, a qual sempre me incentivou e cujo apoio incondicional é o maior alicerce da minha família, obrigada pelo apoio e compreensão neste percurso. Ao meu Pai Geraldo Ferreira Cavalcante (In memorian).

A todos os meus familiares e, em especial, ao meu tio Maurisley Rodrigues, o qual me recebeu em sua casa em Imperatriz e a minha vó Maria das Virgens Rodrigues (in memorian), falecida no ano passado, quando eu estava preste a qualificar. Sempre vou me lembrar do seu orgulho em me ver formada e estudando. A lembrança do afeto e de todos os teus ensinamentos são eternos.

Aos meus amigos de São João do Paraíso e aos amigos e colegas, cujas amizades foram construídas por mim, durante a graduação na Universidade Federal do Tocantins, campus de Tocantinópolis. E em especial aos amigos mais próximos neste percurso, sempre me incentivando, acalmando e me fazendo acreditar que era possível realizar este sonho em realidade, a eles: Laylson Mota, Sara Rúbia Martins da Silva e Ana Paula Silva Mota. Ao Laylson, em especial, agradeço também pelas leituras dos artigos e deste trabalho.

À minha turma, a primeira do PPGS, agradeço pelos diálogos nos corredores da UFMA sobre autores e textos, ou ainda pelas tardes no Tio Zé para distrair e conversar e pelas caronas.

Em especial, à Francisca Regilma, pelo afeto e carinho sempre demonstrados a mim e por me ajudar em Imperatriz, você é uma amizade a qual levarei para a vida. Ao Leandro, Luíza e Jéssica, obrigada pelas conversas sobre medos e angústias com o mes-trado e pelo apoio irrestrito e incondicional.

E, em especial, a Deus o meu refúgio e força. Sei de sua acolhida sempre dispo-nível a mim e que nunca me deixa só, embora nos momentos mais difíceis.

As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas pra empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade (ADICHIE, 2019, p. 32)

RESUMO

A presente pesquisa tem o objetivo de compreender a presença cigana em São João do Paraíso (MA), buscando identificar, nas relações sociais estabelecidas entre ciganos e a população local, o processo de fixação deles na cidade e como são negociados os estereótipos e preconceitos associados aos ciganos. Reconhecemos as interações sociais dos ciganos na cidade, assim como em todo Brasil, sendo marcadas por um estigma (GOFFMAN, 2004) contra esse grupo étnico, representados por estereótipos ativados/agenciados pelos não ciganos. Considero, também, a questão da identidade, destacando quais as categorias são utilizadas para reconhecer sua ciganicidade. Este trabalho busca compreender a presença cigana na cidade diante da elaboração de relações amigáveis com a população local, numa perspectiva moral positiva e observar como, na articulação identitária, os ciganos Calon, mesmos na condição de moradores, definem-se “mais cigano, que morador”. A metodologia utilizada para a pesquisa realizada com os ciganos em São João do Paraíso inclui a observação direta e a utilização de conversas informais (WHYTE, 2005) (ROCHA; ERCKET, 2008), além do uso de questionários aplicados por meios digitais com os não ciganos residentes do município. Esta investigação minuciosa identificou como o início das relações entre os ciganos e moradores – marcadas por preconceitos e ativação de estereótipos – permitem aos ciganos a construção de estratégias de negociação e redirecionamento do estigma para outros ciganos, buscando assim uma representação positiva na cidade e a construção de relações amigáveis com os moradores. Identificou-se também como *o trabalho* foi considerado por eles como fator contributivo nessa negociação em prol da imagem mais positiva na cidade, embora incipiente. Outra característica evidenciada nas relações entre moradores e ciganos são elos de compadrio e casamentos entre essas etnias. Ademais, pôde-se observar como os ciganos constroem maneiras próprias de se apropriarem do espaço, a partir de um ethos Calon, agregando valores a elementos como a andança como marca inerente ao “ser cigano” ressaltando, assim, o pertencimento étnico de serem “*mais ciganos que moradores*” entre os Calons de São João Paraíso.

Palavras Chaves: Ciganos; Relações Sociais; Identidade

ABSTRACT

This research aims to understand the Gypsy presence in São João do Paraíso (MA), seeking to identify, in the social relations established between Gypsies and the local population, the process of their fixation in the city and how stereotypes and prejudices associated with Roma. We recognize the social interactions of Gypsies in the city, as well as throughout Brazil, being marked by a stigma (GOFFMAN, 2004) against this ethnic group, represented by stereotypes active/aged by non-Gypsies. I also consider the issue of identity, highlighting which categories are used to recognize their gypsyism. This work seeks to understand the Roma presence in the city in the face of the development of friendly relations with the local population, in a positive moral perspective and observe how, in the articulation of identity, the Calon Roma, even as residents, define themselves as “more gypsy than resident”. The methodology used for the research carried out with gypsies in São João do Paraíso includes direct observation and the use of informal conversations (WHYTE, 2005) (ROCHA; ERCKET, 2008), in addition to the use of questionnaires applied by digital means with the non Gypsies residing in the municipality. This in-depth investigation identified how the beginning of relations between Roma and residents – marked by prejudice and activation of stereotypes – allow Roma to build negotiation strategies and redirect stigma towards other Roma, thus seeking a positive representation in the city and building friendly relationships with residents. It was also identified how work was considered by them as a contributing factor in this negotiation in favor of a more positive image in the city, although incipient. Another characteristic evidenced in the relations between residents and Gypsies are compadrio ties and marriages between these ethnic groups. Furthermore, it was possible to observe how gypsies build their own ways of appropriating space, based on a Calon ethos, adding values to elements such as walking as an inherent mark of “being a gypsy”, thus emphasizing the ethnic belonging of being “more gypsies than residents” among the Calons of São João Paraíso.

Keywords: Gypsies; Social relationships; Identity

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1: Rua e bairro Maciel, localizando os ciganos na cidade.....	41
Imagem 2: Projeto de indicação de título de cidadão paraisense à Diogo.	80
Imagem 3: Rua e casas dos ciganos.....	97

LISTA DE MAPAS

Mapa 1- Localização da cidade	33
Mapa 2: Localizando os trajetos ciganos em São João do Paraíso (MA)	40

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Diagrama	36
---------------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMSK – Associação Internacional Maylê Sara Kali

CadÚnico – Cadastro Único

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INSS – Instituto Nacional do Seguro Social

IMESC – Instituto Maranhense de Estudos Socioeconômicos e Cartográficos

UFT – Universidade Federal do Tocantins

MA – Maranhão

MUNIC – Pesquisa de Informações Básicas Municipais

OMS – Organização Mundial de Saúde

SEIR/MA – Secretaria de Estado Extraordinária de Igualdade Racial do Maranhão

SEPPIR – Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

SECOMT – Secretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais

TO – Tocantins

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
1. IDENTIFICANDO OS CIGANOS E TRAÇANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA COM OS CALONS EM SÃO JOÃO DO PARAÍSO (MA).....	24
1.1. Definindo os ciganos: Dos estereótipos aos debates conceituais.....	24
1.2. Contextualizando a Pesquisa.....	30
1.3. “Por que hoje em dia estamos moradores”: O grupo familiar do Tião Cigano	34
1.4. Entrada em Campo: Dúvidas e desconfiças sobre a pesquisa.....	45
1.5. Procedimentos metodológicos	51
2. “AGORA TODOS CONHECEM A GENTE”: SE ESTABELECENDO, NEGOCIANDO A IDENTIDADE E TECENDO RELAÇÕES NA CIDADE.....	59
2.1. Outsiders e estrangeiros: Os ciganos como recém-chegados	59
2.2. Redirecionando e negociando os estereótipos e estigmas.....	68
2.3. Da chegada ao cotidiano na tessitura das relações: “Aqui todo mundo conhece a gente”	72
2.4. “Esse bairro foi mais eu quem construí, fiz várias casas”: As trocas e vendas	77
2.5. “Em especial, os de nossa cidade são pessoas tranquilas e de boa convivência”: Percepções dos moradores sobre os ciganos em São João do Paraíso (MA).....	81
2.6. Compadrio e casamentos entre ciganos e não ciganos	84
2.7. As calçadas como palco de interações sociais	90
3. “SOU MAIS CIGANO QUE MORADOR”: DESTACANDO E PERFORMATIZANDO A IDENTIDADE.....	95
3.1 “Sou mais cigano que morador”: Ser andador, ser morador, ser cigano.	95
3.2. Expressões locais de fé e religiosidade entre os ciganos de São João do Paraíso.....	110
3.3. A importância da Língua: “É a cultura deles”	112
3.4. As festas como momento de performatização da identidade cigana.	117
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS	124
REFERÊNCIAS	129
APÊNDICE I.....	137
APÊNDICE II – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM GESTORA PÚBLICA.....	138

INTRODUÇÃO

Os povos ciganos encontram-se no Brasil desde o período colonial e, apesar deste longo intervalo de tempo em território brasileiro, a maioria da população local continua reconhecendo-os por meio dos estereótipos construídos acerca dos ciganos. O interesse em pesquisar os ciganos iniciou-se no decorrer da minha trajetória acadêmica, ainda no período da graduação em Ciências Sociais¹, quando o processo de estranhamento e as problematizações mudaram a minha percepção do mundo e das coisas e, a partir deste processo, passei a ter um outro olhar sobre esses povos com os quais convivo há anos, na cidade onde moro.

Ainda na graduação, enquanto cursava a disciplina de Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais, o professor Dr. Wellington da Silva Conceição solicitou aos alunos uma pesquisa sobre categorias nativas presentes no cotidiano das cidades, bairros e demais espaços onde circulávamos, recomendando a busca por categorias com significados próprios de uso e importância na comunicação cotidiana de um grupo social. Imediatamente me veio à mente os ciganos, pois havia ciganos na cidade onde cresci e resido, São João do Paraíso – MA, sendo comum vê-los utilizando termos, os quais pudessem se encaixar dentro do conceito de categoria nativa. Na entrega da minha pesquisa, apresentei duas palavras muito utilizadas pelos ciganos: *Jurin* e *Garrin*, termos da língua cigana (chibi) – *Jurin-Garrin* é o termo denominado para especificar mulher não-cigana. O professor rapidamente se interessou e me questionou se haveria interesse da minha parte em pesquisar os ciganos para o meu trabalho de conclusão de curso e, caso houvesse interesse da minha parte, ele conhecia professores no Rio de Janeiro, os quais também desenvolviam pesquisas sobre povos ciganos.

Por estar em um curso de licenciatura, eu acreditava ser ideal trabalhar algum tema versando sobre educação na minha conclusão de curso e, somava a esse fato, um certo receio sobre esta comunidade, a qual reside na minha cidade. Assim como o imaginário da maioria dos moradores da cidade, eu convivía com essas estereotipificações sem uma reflexão e considerava, caso decidisse seguir a sugestão do professor, o meu temor em não haver interesse, ou mesmo, permissão, por parte dos ciganos, para as pesquisas necessárias, o que exigiria minha convivência entre eles. De certo, sobre os ciganos, o meu

¹ Cursei a licenciatura em Ciências Sociais na Universidade Federal do Tocantins (Campus de Tocantinópolis), entre os anos de 2013 e 2018.

saber se dividia entre os conhecimentos advindos das literaturas, nas quais estes eram apresentados como nômades e em histórias retratando as mulheres como dançarinas e “leitoras” de mãos. A população da cidade, além de repetir esses mesmos estereótipos, ainda apontavam outros, como a valentia e o fato deles não serem merecedores de confiança. Apesar de membros da minha família conhecerem alguns ciganos pertencentes a um dos grupos, eu particularmente não tinha contato com eles.

A formação em Ciências Sociais foi de suma importância no processo de mudança do olhar para com este grupo social, ajudando-me a entender o valor da diversidade dos povos e costumes para a formação da sociedade brasileira.

Vale ressaltar o fato da região tocantina (sul do Maranhão/Norte do Tocantins), onde se insere tanto o campus no qual eu estudava, como a cidade em que moro, ser marcada por uma significativa presença de povos tradicionais e além dos ciganos, podemos encontrar indígenas, ribeirinhos e quilombolas nesta região, permitindo assim, a possibilidade de voltar o meu olhar para os povos ciganos e entendê-los como povos de costumes próprios, para além dos estereótipos presentes em meus conceitos e pré-conceitos – resultados da minha socialização. A partir daí, iniciei a pesquisa sobre essas comunidades residentes na cidade de São João do Paraíso.

Quando falava para os colegas da graduação sobre o interesse em pesquisar os povos ciganos, ouvi muitos questionamentos sobre onde encontraria ciganos e isso fez com que eu percebesse a invisibilidade dos povos ciganos, seja por parte do Poder Público, ou mesmo, das pessoas com as quais convivemos na nossa região, é uma questão comum em todo o país e, a partir de tal percepção, o estudo com tais comunidades presentes na minha cidade resultou no meu trabalho de conclusão de curso. A partir do meu trabalho de pesquisa, pude conhecer mais sobre estes povos, fascinar-me com a cultura deles e desconstruir várias percepções do meu imaginário, fato influenciador do meu interesse em continuar a pesquisa no mestrado.

Frans Moonem (2011) define cigano como sendo cada indivíduo que “[...] se considera membro de um grupo étnico que se auto identifica como Rom, Sinti ou Calon, ou um de seus inúmeros subgrupos, e é por ele reconhecido como membro” (MOONEM, 2011, p.21). Estes são os três principais grupos ciganos, porém, existem outras dezenas de subgrupos espalhados pelo mundo.

Um questionamento comum sobre esses povos é em relação a sua origem. Uma das versões mais aceitas remete sua origem à Índia, pois “[...]de cada trinta vocábulos da língua cigana, treze são de origem hindi, língua derivada do sânscrito” (MELO, 2018, p.

15). Conforme Toyansk (2019), a origem indiana tem sido um dos critérios para definir os ciganos, formando assim um “denominador comum da identidade coletiva [...] “a noção de origem compartilhada (indiana)” (TOYANSK, 2019, p.24).

Toyansk (2019) discorre sobre os intelectuais iniciarem um processo de relacionar os ciganos com a Índia. De acordo com Melo (2018, p. 15), “essas semelhanças linguísticas podem significar que os ciganos viveram na Índia, sem necessariamente terem sua origem nesse espaço geográfico”. Diante disso, na construção do seu argumento a respeito da origem indiana tornar-se hegemônica, Toyansk descreve sobre o questionamento feito pelos pesquisadores “se há uma região ancestral anterior à passagem pela Índia [...], ou quão indianos são os ciganos, isto é, qual a relevância do comportamento indiano na identidade romani” (TOYANSK, 2019, p.26). Apesar da aceitação dessa possível história originária sobre a diáspora cigana, a maioria dos ciganos afirma essa origem ser anterior à origem indiana e estar no Egito, inclusive os ciganos observados durante minha pesquisa de campo.

A história destes povos é marcada por perseguições, inclusive por meio do ordenamento jurídico utilizado como ferramenta legal para expulsar os ciganos de onde estivessem instalados, sendo perseguidos, inclusive, pelo nazismo e fascismo, episódio no qual muitos ciganos foram mortos por conta do seu pertencimento étnico.

A história dos ciganos é marcada por políticas anticiganas, com leis e decretos, forçando-os a migrarem. Em alguns países da Europa, os ciganos foram denominados de “raça maldita” e “demônios”, sendo associados a mendigos e bandoleiros. Para muitos, até sua língua era “estranha” e usada como um artifício para enganar. Sua dispersão pelo mundo se deu, por vezes, forçadamente e outras tantas por vontade própria, porém, evidenciando o fato de esses povos, ao longo dos anos, sofrerem sistematicamente com políticas anticiganas, as quais forçaram-nos a mudar constantemente de lugar (PEREIRA, 2009), dispersando-se nos lugares pelos quais passaram.

As políticas agressivas a eles também marcaram a vinda dos ciganos para o nosso país, quando foram deportados de Portugal e enviados para o Brasil – até então colônia portuguesa – por meio de um decreto cuja função era expurgá-los da Europa. Já em terras

brasileiras, eles chegaram com os mesmos estigmas² trazidos da Europa, tais como: ladrões de língua estranha, percebida como uma forma de enrolar as pessoas e, por isso, eram mantidos sob vigilância constante.

Segundo Rodrigo Corrêa Teixeira (2009), os primeiros ciganos deportados para o Brasil foram inicialmente alocados no Maranhão, com o intuito de serem mantidos longe dos principais pontos da colônia e, após alguns anos, outros estados brasileiros, também começaram a recebê-los.

Alguns grupos ciganos passaram a residir no Brasil, desenvolvendo as mais diversas profissões, vivendo em acampamentos, ou em residências fixas e, inclusive, praticando a leitura de mãos em praças. Era muito comum, no Brasil colônia, a vinculação destes povos a ladrões e assassinos, não havendo provas sobre tais acusações, por diversas vezes. Apesar de não haver muitos dados históricos a respeito da presença cigana nesse período, pode-se afirmar tal presença no Brasil desde a colônia e, mesmo assim, pouco se fala sobre estes povos e na sua importância para a formação do país. Os primeiros ciganos degredados para o Brasil eram do grupo Calon, depois vieram outros da Europa, dos grupos Sinti e Rom.

As deportações de ciganos portugueses continuaram pelo menos até o final do Século XVIII, cerca de 400 ciganos eram enviados para o Brasil anualmente (TEIXEIRA, 2009). A presença cigana podia ser notada em vários estados brasileiros, tais como: Maranhão, Ceará, São Paulo, Minas Gerais, Bahia, Pernambuco e Rio de Janeiro. Percebia-se também uma rejeição das pessoas pelo diferente, ou seja, pelos ciganos serem sempre os indesejados nos lugares por onde passavam, ocorrendo no Brasil as mesmas atitudes, reflexo da intolerância, perpetuadas em outros países onde os ciganos estavam presentes: serem convidados, ou obrigados, a se retirarem, pois eram indesejados, odiados e discriminados. Porém, apesar dessas situações de adversidades, a população cigana conseguiu permanecer no Brasil e, aos poucos, foram se fixando no país, mudando de cidades e estados, até conseguirem locais nos quais pudessem resistir como cultura e viver como ciganos.

Apesar da constituição brasileira de 1988 garantir direitos iguais para todos os indivíduos, e resguardar as minorias presentes no país, os ciganos não eram citados e nem resguardados como minoria étnica. Diante disso, os marcos legais em relação aos direitos

2 Estigma é um conceito de Goffman (2004), é um atributo utilizado para diferenciar pessoas, uma característica profundamente depreciativa, que caracteriza alguém nas relações sociais. Esse atributo é assim uma “identidade Social”.

dos ciganos no Brasil só têm início a partir de 2006, quando o então presidente Luís Inácio Lula da Silva, decreta o dia 24 de maio como o dia nacional dos ciganos no Brasil.

Estabelecida a moradia em território brasileiro, os povos ciganos estão em grande parte dos estados do país. Ainda no governo Lula, existiam secretarias, hoje extintas, cujas atribuições estão atualmente no Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, nas quais estes foram reconhecidos como população tradicional pela Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR) e por meio da Secretaria de Políticas para Comunidades Tradicionais (SECOMT)), destacando assim a importância de políticas públicas para estes povos. Os ciganos eram uma população presente no país em plena invisibilidade, porém, mesmo com o reconhecimento como população tradicional, os ciganos continuam não aparecendo nos dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) como uma etnia.

Segundo Aquino (2020), os povos ciganos, embora sejam citados em decretos e exista uma cartilha informadora do acesso às políticas públicas³ (BRASIL, 2013), a eficiências dessas políticas mostram-se ineficazes, já que as ações políticas direcionadas aos povos ciganos agregam diversas medidas gerais, sem contemplar suas especificidades. Nesse sentido, as comunidades ciganas no Brasil necessitam de direitos efetivos e reconhecimento. Sendo assim, cabe destacar que transita no senado um projeto de lei, o PL nº 248 de 2015, denominado “Estatuto Cigano”.

O Estatuto do Cigano tem o objetivo de garantir aos povos ciganos direitos relacionados à educação, saúde, moradia e ao trabalho, por meio de uma legislação específica, valorizando sua cultura (ROTHENBURG; STROPPIA, 2020), em suma, promove a igualdade e os direitos ciganos perante o estado.

Uma das demandas presentes no estatuto é o reconhecimento formal dos povos ciganos e a inclusão dessa população no censo, a fim de dirimir a incógnita sobre a quantidade de ciganos no Brasil.

A respeito de tal contagem, pode-se destacar o fato de não haver, até a atualidade um levantamento específico contabilizando a quantidade correta de ciganos vivendo no Brasil, pois a contagem resulta de dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os quais apresentam apenas os ciganos estabelecidos em acampamentos. Conforme Rodrigo Teixeira (2009), os ciganos no Brasil só eram notados pelas autoridades

3 A cartilha “Povo cigano o direito em suas mãos” foi lançada em 2007, primeiro ano em que se comemorou o dia 24 de maio como o dia nacional do cigano, instituído pelo então presidente Luís Inácio Lula da Silva.

policiais, ou seja, quando eram acusados de roubos, ou eram mandados embora de alguma cidade, na qual estavam instalados, questão também observada pela historiadora Coutinho (2016).

Entre os séculos XVIII a XX, a presença cigana em Minas Gerais começava a ser notada a partir de perseguições policiais, pois, no ano de 1720 foi criada uma lei proibindo a entrada de ciganos, o que possibilitou, a partir de inquéritos policiais, a percepção da presença cigana no estado.

A pesquisa de Coutinho (2016) analisa as imagens dos ciganos retratadas nos relatos policiais, em Minas Gerais e, para isso ela utiliza registros das autoridades mineiras. Coutinho utiliza um recorte temporal de 1907 a 1920, período no qual o Brasil era marcado pelas ideias de modernização e progresso, porém permitindo, de forma ampla, perseguições e repressões a esses sujeitos, ficando então conhecidas como “correrias de ciganos” (COUTINHO, 2016, 184), sendo organizadas pela polícia, a fim de se estabelecer a ordem, havendo, dessa forma, inúmeros confrontos no interior e na fronteira do estado mineiro.

Coutinho (2016) destaca que não havia qualquer preparo ou conhecimento sobre os ciganos e como agir com eles. A autora aponta o fato dos ciganos serem descritos, de forma estereotipada nos relatos policiais, como perigosos e, em consequência dessa descrição, eram expulsos do município e da região onde estavam estabelecidos, logo, acionar a polícia era uma das formas de solucionar o problema da presença dos ciganos. “Os ciganos são categorizados a partir de pré-concepções construídas na longa duração que os marginalizou” (COUTINHO, 2016, p. 15)

Durante minha pesquisa, buscando compreender mais sobre a população conhecida como cigana, percebi como os ciganos são representados, ainda na atualidade, a partir de imagens depreciativas e, a maioria da população ainda desconhece quem são realmente estas comunidades presentes no país.

Sendo assim, percebi a necessidade da pesquisa para o meu trabalho de conclusão de curso trazer o conhecimento sobre o cotidiano de algumas famílias ciganas em São João do Paraíso (MA), destacando os fatos motivantes na decisão de fixarem residências na cidade, mesmo considerando a relação do ser cigano ao ser andador, porém, apontando estarem em uma condição de moradores a fim de buscar melhores condições de vida e fugindo do sofrimento advindo de uma vida de andarilhos. Tal trabalho suscitou questões, as quais ficaram abertas e direcionaram-me a continuar pesquisando no campo dos estudos ciganos.

A convivência com os ciganos permitiu conhecer mais sobre tais povos e desenvolver ainda mais questionamentos a respeito destes, preenchendo os questionamentos e as lacunas que me trouxeram para a escrita desta dissertação. A presente pesquisa busca compreender como os ciganos se estabeleceram na cidade e como as relações interétnicas entre ciganos e a população local vão sendo tecidas, analisando também a construção do ethos cigano, entre estes, na cidade, levando em conta a identidade ser uma construção social, dada pelas relações sociais.

Objetivando analisar a presença cigana em São João do Paraíso (MA), cidade que fica localizada na parte sul, da região Tocantina, do estado do Maranhão, a dissertação busca compreender o processo de chegada e as relações estabelecidas com a população local, dado aos contextos de preconceito e estereótipos sobre os ciganos, nos lugares em que eles se estabelecem, não sendo diferente com relação aos Calons de São João do Paraíso e, além disso, busca-se discutir quais sinais diacríticos são acionados para destacar a identidade e a pertença étnica como ciganos.

A frase que faz parte do título deste trabalho, “*Sou mais cigano que morador*”, foi ouvida em trabalho de campo, numa das tantas conversas com os ciganos, em São João do Paraíso, os quais consideram estarem na condição de *moradores* na cidade, dado viverem na mesma há muitos anos e pelas contribuições econômicas dadas ao município, resultando no reconhecimento recebido por estes na cidade.

São João do Paraíso obteve ganhos econômicos com a presença cigana e isso demonstra o fato de a frase destacada no parágrafo anterior ressaltar que a condição de morador, não afasta o sentimento da pertença étnica ser maior e mais impactante na autodefinição dos ciganos. Diante de tal contexto, busco estudar como os ciganos, considerados *ladrões*, *trambiqueiros* e pessoas perigosas, conseguiram construir relações amigáveis com a população local, em relações mais próximas, como de compadrio, ou casamentos, compreendendo como eles negociaram tais estereótipos e estigmas e como, neste contexto, acionam a identidade cigana.

Tomo como ponto de partida as definições que orbitam os ciganos, de estereótipos a estudos conceituais, os considerando como grupos étnicos (WEBER, 1999; BARTH, 1998), destacando o problema dos estereótipos resultarem numa história única (ADICHIE, 2019), sendo possível pensar como se criou, em torno dos ciganos, uma história única. Dialogando com Herzfeld (2008) que se deve estudar a vida social dos estereótipos, não sendo preciso aprová-los, mas identificar as estratégias de diferentes grupos humanos durante as relações de alteridade, em relação aos estereótipos.

Pensando as relações interétnicas, a pesquisa mobiliza os conceitos de *Outsiders* e *Estrangeiros* (ELIAS; SCOTSON, 2000; SIMMEL, 1983), buscando compreender as primeiras impressões impostas aos ciganos recém-chegados, consideradas pessoas de fora, perigosas e desconhecidas. Esse trabalho, também examina como eles construíram relações mais amigáveis, a partir dos processos de negociação e redirecionamento de estereótipos e estigmas e o processo de construção moral perante a população local (GOFFMAN, 2013; Herzfeld, 2005; CONCEIÇÃO, 2018; SARTI, 1994). É necessário, portanto, destacar como os ciganos adentraram as relações de *pessoalidade* locais, marco da sociabilidade das cidades pequenas (PRADO, 1995).

Outra questão trabalhada nesta pesquisa é a identidade étnica que fora ressaltada em oposição aos moradores. Vale ressaltar ser no âmbito das relações interétnicas, que sistemas de oposição são destacados. A identidade étnica, segundo Oliveira (1976), se firma “negando” outra, ou seja, na afirmação do *nós* diante dos *outros*. Diante disso, os ciganos em foco destacam a identidade em oposição aos moradores, acionando símbolos e valores referente à cultura cigana, dialogando com Bourdieu (2007), cuja obra destaca os critérios objetivos de identidade étnica ou regional, devendo ser pautada na prática social do grupo. Busco assim identificar quais sinais diacríticos são utilizados e como se dá a construção de um espaço Calon na cidade, bem como eles, a partir das festas e um “arsenal estético” no corpo (FERRARI, 2010), ou ainda, a partir de roupas e acessórios performatizam tal identidade (SCHECHNER, 2003).

A dissertação está estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo, haverá uma discussão sobre as definições em torno dos ciganos, dos estereótipos, que se constitui como uma das primeiras formas de defini-los, aos estudos conceituais, considerando os ciganos dentro das discussões sobre grupo étnicos. Faço ainda uma contextualização da pesquisa, trazendo a localização geográfica da cidade, na qual o grupo se encontra, uma apresentação do grupo estudado e como foi o processo de entrada e aceitação em campo, assim como os percursos metodológicos da pesquisa.

No segundo capítulo, analiso primeiramente, como as relações entre ciganos e não ciganos geraram estigmas e preconceitos, pois, por serem de fora, foram postos em vigilância pela população local. Em seguida, analiso como se deu o processo de negociação da identidade cigana para a construção de outra imagem e moral referentes ao seu grupo étnico. Ademais, discuto as relações sociais mais íntimas estabelecidas entre ciganos e não ciganos, tais como compadrio, casamentos e a relação de vizinhança, trazendo também relatos de não ciganos, para melhor compreender tais interações.

No terceiro capítulo, abordo a questão da identidade, destacando quais categorias os ciganos utilizam para (re) atualizarem sua ciganidade⁴ neste espaço/tempo, bem como estes constroem a definição do ser *andador* e o ser *morador*, analisando assim, quais os elementos destacados para a construção da pertença como ciganos. Outro fator abordado é como neste espaço os ciganos, após destacarem viver de forma semelhante aos moradores, se contrapõem aos moradores, destacando *serem mais ciganos que moradores*.

A metodologia utilizada para obtenção de dados foi a observação direta, a partir das conversas informais (WHYTE, 2005; ROCHA; ECKERT, 2008) com o grupo familiar do Tião cigano, no qual pude interagir com as mulheres jovens e demais participantes da família. As conversas seguiram uma estrutura para especificar as questões: a chegada em São João do Paraíso (MA), o processo de estabelecimento das relações com os moradores, possíveis preconceitos e estereótipos, casamentos e compadrio entre ciganos e não ciganos e, por fim, aspectos da identidade e cultura cigana em meio à vida urbana. Utilizei também questionário online (Apêndice I e II), com os moradores da cidade, para compreender melhor as relações interétnicas entre moradores e ciganos.

Cabe destacar que o meu estudo com este grupo cigano se iniciou em 2017, por meio de visitas, durante os meses de novembro de 2017 a junho de 2018. Com a aprovação no mestrado, fiz algumas visitas no ano de 2019. Entretanto, foi após a finalização das disciplinas, a possibilidade de realizar o trabalho de campo, no período de janeiro a março de 2020, junto aos ciganos. Com o advento da pandemia da Covid-19, SARS-COV2, provocada pelo novo coronavírus, tive de interromper as visitas, seguindo assim as orientações de distanciamento social como forma de prevenir o contágio e ajudar a não disseminar o vírus, contudo, sempre mantive contato com o grupo familiar do Tião cigano, por meio das redes sociais.

A partir de tais metodologias, tenho observado e analisado a presença cigana em São João do Paraíso (MA), compreendendo as relações interétnicas, e como, neste espaço de interação, eles se distinguem como ciganos que são. Analiso ainda as categorias utilizadas pelos ciganos para simbolizar a sua ciganidade nas relações sociais, nas quais tal identidade é requerida pelos sujeitos.

⁴ O termo ciganidade é utilizado pela antropóloga Florencia Ferrari (2010) de quem tomo emprestado para me referir a identidade cigana.

Neste processo de interação e identificação, permite-se ao indivíduo seu autocohecimento em uma relação de nós/eles, na qual a identidade é baseada nas representações sociais, construídas no grupo. Ademais, saliento e discorro sobre as interações entre moradores e ciganos e as tensões existentes nessas relações.

1. IDENTIFICANDO OS CIGANOS E TRAÇANDO OS CAMINHOS DA PESQUISA COM OS CALONS EM SÃO JOÃO DO PARAÍSO (MA)

O termo cigano carrega consigo várias histórias estereotipadas desses povos, referindo-se a eles sempre de forma preconceituosa. Criaram-se em torno dessas pessoas relatos fantasiosos, os quais se cristalizaram negativamente no imaginário popular, dentre as diversas sociedades nas quais eles tentavam se integrar, sendo as comunidades ciganas marginalizadas e comparadas a malfeitores. Este capítulo, ao introduzir meu trabalho, objetiva traçar os caminhos da pesquisa, tendo como ponto inicial a definição dos ciganos como grupo étnico bem como podem ser compreendidos ou rotulados a partir de estereótipos. Em seguida, faço apresentação do grupo pesquisado em seu contexto social e as metodologias e técnicas utilizadas para obtenção de dados.

1.1. Definindo os ciganos: Dos estereótipos aos debates conceituais

A presença cigana no mundo é notada desde o século XI (MOONEM, 2011), já que nunca se mantiveram isolados, convivendo com os não-ciganos no mesmo ambiente social. Ao falar em pessoas ciganas, sempre tem alguém para contar alguma história, que envolve desde o rapto de crianças, aos estereótipos de ladrões, velhacos, pedintes, dentre outros circulantes em torno da definição sobre esses povos.

Por vezes, temos a impressão de os ciganos serem povos desconhecidos e invisíveis. Ocorre, contudo, nas representações entorno deles o misticismo, a etereotipação, colocando-os como povos errôneos, principalmente, pela vida de itinerância. De acordo com Fazito (2000), a história dos ciganos e as projeções imagéticas sobre eles são percebidas por meio das representações, memórias e impressões cristalizadas em uma consciência coletiva, fruto das relações interétnicas entre ciganos e não ciganos. De acordo com Dimitri Fazito (2000 p. 89), “o termo *cigano* é, na realidade, um estereótipo que incorpora vários significados e interpretações preconceituosas que, de certo modo, impõem àqueles assim identificados, determinadas formas de comportamento e valores”.

No texto *O perigo de uma história única*, fruto de uma palestra proferida pela autora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie, em 2009, a qual discorre como as histórias foram usadas para caluniar e espoliar determinados povos. Sendo assim, o conhecimento

sobre determinado povo é fruto das histórias ouvidas e a autora alerta para a necessidade de diversificarmos as fontes de conhecimento, sendo mais cautelosos ao ouvir somente uma versão dos fatos.

A autora apresenta neste livro, a partir de fatos vividos por ela, como se criou uma história única a respeito da África. Pertencente à classe média nigeriana, Adichie conta ter saído do seu país para estudar na América e, já vivendo nos Estados Unidos, causou espanto na colega de quarto por saber falar inglês e por conhecer e ouvir Mariah Carey e não outro estilo musical, ao qual sua colega chamou de “música tribal” – músicas ouvidas por todos os africanos, conforme o conceito da colega de quarto. Esses estereótipos sobreviviam, mesmo sendo o inglês a língua oficial da Nigéria. Diante disso, a autora discorre que:

Sua postura preestabelecida em relação a mim, como africana, era uma espécie de pena condescendente e bem-intencionada. Minha colega de quarto tinha uma história única da África: uma história única de catástrofe. Naquela história única não havia possibilidades de africanos serem parecidos com ela de nenhuma maneira; (ADICHIE, 2019, p.17)

Sendo assim, a autora frisa ter percebido o fato de, se não houvesse crescido na África, talvez, seria igual sua amiga, na qual o conhecimento a respeito deste país viesse de imagens populares, considerando a África como um lugar com paisagens maravilhosas, animais selvagens e pessoas morrendo de fome e doenças como a Aids. Tais imagens populares são frutos da história, a respeito da África, decorrente de uma literatura ocidental e, a partir dessa experiência pessoal, Adichie percebe que sua colega de quarto passou a vida ouvindo versões diferentes de uma história única sobre o seu continente.

Diante disso, a autora destaca que “É assim que se cria uma história única: mostre um povo como uma coisa, uma coisa só sem parar, e é isso que esse povo se torna” (ADICHIE, 2019, p.22). A partir dos estudos desenvolvidos com os ciganos e do trabalho de campo com estes povos, é visível como pode-se ter criado uma história única a respeito destes, na qual são definidos a partir de histórias rodeadas de estereótipos, colocando-os como povos de costumes e vida errônea.

De acordo com Adichie (2019), insistir apenas em histórias negativas é simplificar experiências, sem procurar as muitas outras histórias. Ademais, a autora discorre que “a história única cria estereótipos, e o problema com os estereótipos não é que sejam mentira, mas que são incompletos” (ADICHIE, 2019, p.27). Os estereótipos, passam a ser a defi-

nição única e, para Herzfeld (2005, p.260), “o ato da estereotipagem é redutor por definição, e como tal, sempre assinala a ausência de alguma qualidade presumivelmente desejável no seu objeto”.

É possível ver, em vários trabalhos sobre os ciganos, como foram identificados a partir de imagens populares construídas sobre eles por meio de estereótipos negativos, que os acompanham há anos, não diferindo do contexto de pesquisa aqui relacionado, no qual, segundo o grupo familiar do Tião cigano, eram chamados de ladrões quando chegaram em São João do Paraíso.

Os povos ciganos, mesmo vivendo nos mesmos lugares dos não ciganos, passaram e ainda passam por diversos preconceitos, a partir de imagens já concebidas sobre seus grupos étnicos, sendo categorizados como ladrões, sujos, imorais e enganadores. Tais estereótipos, além de estarem presentes no dia a dia, também estiveram presentes em trechos literários e científicos, desde o encontro destes com a sociedade Ocidental.

Apesar dos estereótipos muitas vezes negativos e preconceituosos, Herzfeld (2005) alerta sobre a necessidade de compreender a vida social dos estereótipos, acrescentando não ser preciso aprovar os estereótipos para estudá-los, porém, o estudo destes, pode contribuir para o campo da alteridade, entendendo assim as estratégias de diferentes grupos humanos.

Considerando tal perspectiva, Souza (2017) analisa os estereótipos em relação aos ciganos, destacando como esses agenciam e negociam alguns, como os de ladrão, velhaco e trapaceiro. A autora percebeu que, enquanto as associações ciganas negam estereótipos, há ciganos que os reconhecem no cotidiano, quando imputados a outros ciganos e mesmo quando justificáveis, como o caso dos ciganos acusados de fraude no Instituto Nacional do Seguro Social (INSS) para eles era um tipo de rolo ou maneiras de se conseguir dinheiro.

Os ciganos foram e ainda são descritos e definidos a partir de estereótipos, seja em obras de caráter científico ou ainda nas literaturas ficcionais, produzidas pelo ocidente nos séculos XVIII, XIX e XX (GOLDFARB, 2013). É, portanto, necessário salientar que as falas estereotipadas contra os ciganos estão presentes no nosso dia a dia, bem como em vários contextos da presença cigana no Brasil.

Cresci numa cidade com presença cigana, porém, pouco se conhecia de fato sobre estes povos. Conforme anteriormente discutido, a minha concepção era baseada em estereótipos, embasada no imaginário popular no qual os ciganos não eram confiáveis. Eram conhecidos apenas por serem pessoas nômades cujas mulheres dançavam, liam mãos,

embora a quiromancia não fosse usualmente praticada na minha cidade. Ademais, escutávamos sobre eles serem pessoas valentes e não merecedores de confiança, conhecendo assim *uma história única* a respeito dos ciganos de São João do Paraíso.

A minha primeira inquietude como pesquisadora foi entender quem eram essas populações, que são identificadas e se autoidentificam como ciganas, as quais, para muitos, não possuem uma história, uma pátria, porém, sendo possível perceber como eles resistiam e continuam a praticarem sua cultura e a se definirem afirmativamente perante os outros, surgindo um questionamento base para a pesquisa: Quem são os ciganos?

Pesquisas acadêmicas vêm contribuindo para o entendimento sobre tais povos, permitindo o conhecimento de muitas outras histórias a respeito dos ciganos. Segundo Goldfarb (2013, p.22) “os ciganos compreendem grupos específicos e distintos do ponto de vista cultural, grupos que pensam e são pensados como diferentes”. A partir das análises antropológicas de pesquisadores da temática, como Goldfarb (2013), Monteiro (2015) e Silva (2010), compreendemos os ciganos dentro da chave dos grupos étnicos. Conforme Arruti (2014), falar em grupo étnico é colocar em destaque características biológicas, culturais e linguísticas, chamando a atenção para a unidade social do grupo, demarcando fronteiras perante os outros.

O conceito de comunidade étnica foi esboçado pelo sociólogo Max Weber (1999) ao discorrer sobre as relações comunitárias étnicas, destacando elementos ativos para os grupos associarem-se e firmarem-se politicamente como grupos diferentes culturalmente. Sua análise ainda recai sobre as relações sociais, ao passo que “[...] Weber vai mostrar como, passando pelas relações sociais, podemos compreender os elementos coletivos da vida social, como os grupos e organizações sociais” (SELL, 2015, p. 120). As relações sociais, conforme esse autor, também foram marcadas por elementos coletivos.

São entre as relações e ações que se percebe a identidade dos atores sociais, resultando nas ações dos indivíduos, tendo como referência as ideias, símbolos e atos compartilhados no âmbito do grupo pertencente, sendo que “por, ‘relação social’ entendemos o comportamento reciprocamente referido quanto a seu conteúdo de sentido por uma pluralidade de agentes que se oriente por essa referência” (WEBER, 1991, p. 16). Segundo Medeiros (2002), para Weber

A ação comunitária, ao contrário da primeira, repousa sobre expectativas de comportamentos fundados no costume ou nos valores compartilhados. A socialização comunitária pressupõe uma coletividade de "pertencimento" e parti-

cularmente uma "comunidade lingüística". A socialização societária, ao contrário da comunitária, é expressão não de um único, mas de uma constelação de interesses (MEDEIROS, 2002, p.84).

Dessa forma, a concepção de ação comunitária se funda em valores compartilhados, firmando um pertencimento ao grupo. Assim “[...] para Weber, as relações sociais regulares são um dos objetos entre as relações comunitária e societária, de solidariedade ou de luta ou mesmo as relações de poder, dominação ou disciplina, entre outras” (SELL, 2012, p.120). Assim, tais relações são voltadas para a ação, ou seja, uma comunidade étnica é compreendida como coletividade partilhando valores, costumes e uma memória comum, nutrindo uma crença subjetiva numa origem imprescindível para definição da comunidade. Diante disso, o autor define:

Aqueles grupos humanos que em virtude de semelhanças no *habitus* externo ou nos costumes, ou em ambos, que, em virtude de lembranças de colonização e migração, nutrem uma crença subjetiva na procedência comum, de tal modo que está se torna importante para a propagação de relações comunitárias, sendo indiferente se existe ou não uma comunidade de sangue efetiva (WEBER, 1999, p.270).

A crença na afinidade de origem, somada à semelhança dos costumes é assumida pelos “eticamente” unidos, (WEBER, 1999). Tal afirmação demonstra como, a partir de tal costume, mostram-se aos outros. Além disso, sobre as relações entre diferentes grupos, WEBER (1999, p.267) ele destaca o fato de “a ação comunitária assim originada costuma manifestar-se, em geral, de modo puramente negativo, como diferenciação ou desprezo, ou, ao contrário, com medo diante dos patentemente distintos”.

A partir da análise do sociólogo Max Weber, o antropólogo Frederik Barth (1998), ao definir grupo étnico, demonstra ser nos processos de interação que os grupos destacam sinais diacríticos e se constituem como grupos étnicos, pois, conforme se utilizam da identidade étnica para categorizar a si e aos demais, eles formam grupos étnicos (BARTH, 1998). Diante disso, ao conceituar esses grupos, destaca como a identidade étnica se relaciona com uma atribuição à uma categoria étnica, que possui um traço fundamental, no qual:

Os grupos étnicos são vistos como uma forma de organização social. Então, um traço fundamental torna-se [...] a característica da autoatribuição ou da atribuição por outros a uma categoria étnica. Uma atribuição categoria é uma atribuição étnica quando classifica uma pessoa em termos de sua identidade básica mais geral, presumivelmente determinada por sua origem e seu meio ambiente. Na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação, eles formam grupos étnicos nesse sentido organizacional (BARTH, 1998, p. 193-194).

O ponto de partida da análise de Barth (1998) sobre grupos étnicos é a atribuição dos próprios atores nas interações sociais, a partir de tais atributos e características, eles organizam as interações entre as pessoas. As distinções étnicas não dependem do isolamento geográfico para se sustentar, pelo contrário, são nos sistemas de interação onde os levantes ocorrem. Diante disso, o autor destaca os aspectos definidor do grupo étnico,

- 1 perpetua-se biologicamente de modo amplo,
- 2 compartilham valores culturais fundamentais, realizados em patente unidade nas formas culturais,
- 3 constitui um campo de comunicação e de interação,
- 4 possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo. (BARTH, 1998, p.189-190)

A definição sobre grupo étnico, trazida por Barth (1998), não se difere do que se postula sobre raça, pois, segundo Arruti (2014), tal aproximação entre a definição étnica e a de raça se deve ao fato de o caráter étnico do grupo poder ser dado pela autopropagação biológica, ou aos valores e formas culturais compartilhados. Todavia, acrescenta-se na sua definição o caráter da descrição e do empírico, ou seja, de cada situação em particular e, diante disso, o grupo ao se definir como étnico pode dispor de apenas um dos aspectos elencados. Nesse sentido, as fronteiras de pertencimento são definidas pelo próprio grupo em determinada sociedade, contrariando assim a ideia de a manutenção das fronteiras decorrerem do isolamento.

Segundo Barth (1998), as interações e autoidentificação do grupo implicam critérios de avaliação e julgamento sobre os sinais de identificação a serem utilizados por este e, também, uma estruturação da interação que permite a persistência das diferenças sociais. A análise de Barth é assim influenciada por Goffman, onde “quaisquer relações interétnicas consiste em um conjunto sistemático de regras dirigindo o contato interétnico” (BARTH, 1998, p.196).

As relações sociais entre indivíduos de diferentes culturas implicam manutenção da fronteira étnica e regras para o contato interétnico. O contato entre estes é marcado pelo julgamento e avaliação, além de uma estruturação da interação e, de acordo com Barth (1998), “a fronteira étnica canaliza a vida social – ela acarreta de um modo frequente uma organização muito complexa das relações sociais e comportamentais” (BARTH, 1998, p.196).

Erving Goffman (2013), desenvolve uma sociologia interacionista, buscando entender a construção do eu a partir das interações cotidianas e assim, busca evidenciar

como, a partir das interações, os indivíduos se apresentam e se representam nos diversos contextos, nos quais, conforme o autor, a representação ressalta os valores comuns da sociedade. São nas interações e relações entre o indivíduo e o contexto social sua identidade.

Em Goffman, pode-se ver como a identidade é requerida a partir das interações com o meio, pois, há uma normalidade imposta pela sociedade envolvente e tais atributos impostos são mais uma questão relacionada às interações sociais, nas quais diante da sociedade, há um controle das informações para a manipulação das interações, as quais são palco de variações da identidade e da construção individual, direcionando informações e representando uma identidade nas interações.

Desse modo, os ciganos se conhecem e firmam sua identidade cultural e a identidade social do grupo, denominando-se ciganos ou pertencentes há algum subgrupo, compartilhando valores culturais e identidades comuns. Goldfarb (2013) explica que pertencer a um grupo social, significa portar uma identidade diferente e reconhecê-la diante dos outros. Diante disso, ela aponta a identidade cigana sendo construída em oposição aos não ciganos, assim como Souza (2017), discorre sobre a identidade cigana construída de forma relacional.

Arruti (2014) apresenta a possibilidade de reimaginar a etnicidade em um contexto de interação e conflito em torno dos limites entre o respeito e o desrespeito, bem como entre a capacidade de agenciar positivamente os estigmas. Dessa forma, destaco como os ciganos, agenciando a sua identidade étnica entre o respeito e o desrespeito, destacam os valores da a etnicidade, buscando reverter os estereótipos negativos introjetados nos moradores não ciganos da cidade.

1.2. Contextualizando a Pesquisa

O Maranhão foi apontado por alguns autores e pesquisadores como o lugar destinado a João Torres e sua mulher, os primeiros Calons degredados de Portugal ao Brasil, em 1574 (BARROSO, 2004; TEIXEIRA, 2009; MOONEM, 2011), os quais, pesquisadores identificaram documentos salientando as terras maranhenses como local a serem enviados os ciganos degredados.

Pouco se sabe sobre a presença desses povos no Maranhão, pois há escassez de estudos e de pesquisas destacando a presença cigana em solo maranhense. Ao relacionar

“ciganos e Maranhão”, em uma rápida pesquisa na internet⁵, obtém-se como resultado links direcionando a notícias de brigas entre ciganos ou de como estes povos causam medo às populações em alguns municípios do estado.

De acordo com as diretrizes publicadas pela Secretaria de Estado Extraordinária de Igualdade Racial (SEIR)⁶ do Maranhão, a população cigana no estado chega a aproximadamente 4 mil habitantes dos diferentes grupos ciganos, sendo na sua maioria Rom. Na nota de lançamento das diretrizes, a secretaria evidencia a considerável presença cigana no estado, destacando o trabalho realizado para mapear a população cigana, com a finalidade de garantir a tais comunidades o acesso aos serviços de saúde pública.

O contato entre a SEIR do Maranhão e os povos ciganos que estão no estado ainda é muito recente, não havendo muitas informações sobre estes povos por parte do governo e, mesmo não havendo registros oficiais das quantidades de ciganos e nem em quais cidades residem, buscam-se aproximações entre lideranças ciganas e a secretaria com a finalidade de se constituir ações visando assegurar os direitos destes povos.

No dia 11 de agosto de 2020, houve uma reunião em formato remoto (online), por meio da plataforma Google MEET, com a presença de representantes da Secretária de Estado Extraordinária de Igualdade Racial (SEIR) do Maranhão e algumas lideranças ciganas das cidades de Codó, Timon, São Luís, entre outras, objetivando a apresentação das demandas destes povos, a fim de construir políticas públicas para garantir direitos a tais populações. Cabe destacar que os ciganos, foco deste trabalho, não participaram da reunião, assim como os das cidades do sul do Maranhão, com presença Calon (São João do Paraíso, Estreito e Carolina)⁷ e, conforme a secretaria, representantes do governo maranhense ainda tentam contatar as comunidades ciganas que não estiveram presentes na reunião, cabendo ressaltar que o trabalho com os povos ciganos ainda é muito recente e tal iniciativa mostra como o Maranhão busca mapear os ciganos no estado a fim de entender suas demandas.

5 Ver: <https://cidadeverde.com/noticias/332477/ciganos-sao-presos-por-ameacar-com-armas-grupos-ri-vais-no-sul-do-piaui>, <https://www.diariodebalsas.com.br/noticias/guerra-entre-ciganos-esta-declarada-no-maranhao-23314.html>

6 Ver: <https://igualdaderacial.ma.gov.br/seppir-publicada-diretrizes-para-a-elaboracao-do-plano-nacional-de-politicas-para-os-povos-ciganos/\b>

7 A presença cigana em tais cidades foi apresentado no artigo por título “Entre rotas e fixações: A presença Calon no sul do Maranhão e sua invisibilidade política” (CAVALCANTE; LEITE; CONCEIÇÃO, 2020). Tal trabalho discorre sobre a presença cigana na Região sul do Maranhão e como eles constroem redes entre estes a partir de trocas e parentesco, e como tais comunidades desconhecem seus direitos e políticas públicas.

Alguns dados existentes nos permitem visualizar a presença cigana em cidades brasileiras. Esses são os levantamentos feitos pela Associação Internacional Maylê Sara Kali (AMSK/BRASIL)⁸ sobre a presença de ciganos nos municípios brasileiros, as pesquisas do Instituto Brasileiro e Estatística (IBGE), dados de outras abordagens oficiais do governo referente aos povos ciganos tais como o Cadastro Único (CadÚnico) dos programas sociais desenvolvido pelo governo Federal. Também nos servem os dados gerados pela Pesquisa de Informações Básicas Municipais (MUNIC), realizada de 2009 a 2014.

A partir de tais levantamentos feitos, identificou-se a presença de ciganos em 849 municípios Brasileiros (AMSK/Brasil, 2013). Desses, 20 municípios⁹ estão no Maranhão: Afonso Cunha, Alto Alegre do Maranhão, Barra do Corda, Barão de Grajaú, Boa Vista do Gurupi, Central do Maranhão, Codó, Governador Edson Lobão, Cachoeira Grande, Icatu, Itapecuru Mirim, Lagoa do Mato, Miranda do Norte, Morros, Pinheiro, Pirapemas, Nova Olinda do Maranhão, São João do Paraíso, São Pedro dos Crentes e São Roberto. A pesquisa realizada tem como aporte informações sobre acampamentos.

Observe-se ainda que os dados sobre os ciganos no Brasil são incipientes e não trazem a totalidade deles no país e, por isso, o mesmo acontece no Maranhão. Em campo, meus interlocutores explicam que em outros municípios maranhenses, como Estreito e Imperatriz, também há ciganos. Saliente-se ainda que na Reunião equatorial de Antropologia (REA), ocorrida em dezembro de 2019 na Bahia, soube da presença de ciganos em Coelho Neto (cidade da região leste do estado do Maranhão), por meio da pesquisa em desenvolvimento por Arthur Flávio Silva Pinto (Mestrando do Programa de pós-graduação em Antropologia- pela Universidade Federal do Piauí).

A presente pesquisa tem como seu *locus* a cidade de São João do Paraíso, que fica localizada no interior do Maranhão. Segundo o Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia- IBGE (2017), São João do Paraíso tem uma população estimada em 10. 977 habitantes. O município está localizado a 776 km da capital São Luís, tendo uma área territorial de 2.053,843 km.

A cidade está localizada na região Sul Tocantins do estado Maranhense, em que “A região se distribui, entre o vale do Rio Tocantins e as últimas ramificações da Serra da Menina, ramificações essas que dão origem a serras, intercaladas de vales.” (IMESC,

8 É uma organização, com sede em Brasília. Tendo como objetivo promulgar a história e costumes dos povos ciganos no Brasil e também em defesa dos direitos humanos.

Disponível em: <http://www.amsk.org.br/quemsomos.html>

9 Cabe destacar que desses municípios somente São Pedro dos Crentes fica na região sul do maranhão, mesma que região da cidade na qual realizo a pesquisa.

2018, p. 52). Tem uma localização geográfica fronteiriça, marcada pela transição entre norte e nordeste, como mostra o mapa a seguir:



Fonte: IMESC, 2018

A partir do mapa, pode-se destacar também como esta região é traçada pelos ciganos até chegarem na presente cidade ou nas relações que este mantém com as cidades vizinhas, como se notará a partir dos demais dados da pesquisa. Por muitos anos, São João do Paraíso foi um povoado de Porto Franco (MA), município vizinho, a 48 km da cidade. Os moradores aos poucos foram reivindicando maiores investimentos e melhorias nas condições da região. A lei de criação do município foi sancionada em 1994, desmembrando o povoado do município de Porto Franco, inaugurando assim a cidade.

O município de São João do Paraíso foi criado pela lei nº 6.158, de 10 de novembro de 1994, alterada posteriormente, pela lei 6.570 de janeiro de 1996, decretada Assembleia Legislativa do Estado e sancionada pela governadora Roseana Sarney Murad, publicada no Diário Oficial de 17 de janeiro de 1996, projeto final de autoria do deputado estadual Mercial Arruda. (CARVALHO, 2008, p.340)

Em 1996, realizaram-se as primeiras eleições para prefeito e vereadores da cidade. A população paraisense buscava, com a emancipação de Porto Franco, maiores investimentos nas áreas de saúde, educação etc. O município de São João do Paraíso era formado

por grandes fazendas, as quais, aos poucos, tornaram-se um próspero povoado. Havia duas grandes fazendas cujos nomes eram de dois santos: “São João” (São João Batista) e “São Sebastião”. Eram separadas por um rio: o rio Lajeado.

Delfino Aguiar, proprietário da fazenda Paraíso, doou terras para que o local se desenvolvesse por volta de 1946. O povoado Paraíso começava então a crescer, os moradores então reivindicaram a criação de uma escola no lugar para o então prefeito de Porto Franco. A construção desta escola foi fator preponderante para o crescimento deste lugar. A população aos poucos começou a buscar políticas públicas necessárias.

O pequeno povoado era marcado pela religiosidade dos moradores, em sua grande maioria católicos, tendo devoções como São João Batista e São Sebastião, os mesmos que davam nome às fazendas daquele lugar. Sendo assim, o nome da cidade partiu da fé da sua população, o nome Paraíso adveio de uma das fazendas doada para moradores da cidade, São João pelo padroeiro. Assim o povoado de São João do Paraíso foi formado.

O município atualmente tem prósperas fazendas e aproximadamente metade da população vive na zona rural, sendo a agricultura uma das principais atividades econômicas da cidade, com destaque para as plantações de bananas. Há também a exploração da madeira para a produção de carvão, ou para qualquer outra utilização, que gere empregos. Embora a agricultura tenha se desenvolvido bem, a renda da maioria da população vem da prefeitura local. Destaque-se ainda que este município mantém a lógica da produção proposta para os outros municípios da região tocantina, produção esta proposta desde os primórdios da ocupação desta região.

1.3. “Por que hoje em dia estamos moradores”: O grupo familiar do Tião Cigano

Há dois grupos, ou duas famílias de ciganos morando na cidade de São João do Paraíso - MA. Um grupo (família) está mais concentrado em um só bairro e o segundo grupo encontra-se espalhado pelos bairros da cidade. São conhecidos pelas lideranças de cada núcleo familiar, algo que distingue os dois grupos de ciganos ali presentes. Esta pesquisa enfoca apenas um deste grupos, pois como afirma Foote Whyte, “Se o pesquisador estiver tentando entrar em mais de um grupo, seu trabalho de campo torna-se mais

complicado” (WHYTE, 2005, p. 306). Pela possibilidade de imersão e de estabelecer relações com um dos grupos, detive-me em pesquisar o grupo familiar do cigano Sebastião¹⁰, mais conhecido por Tião cigano

A vinda da família do Sebastião se deu pelo parentesco da sua mãe com outro grupo de ciganos já residentes na cidade, mas cabe destacar que antes de virem para a cidade eles já tinham tentado residir em municípios próximos a São João do Paraíso, nas imediações da cidade de Imperatriz¹¹. Quando recém-chegados na localidade, ficaram com o grupo do cigano conhecido como Raimundão, como afirmou Rosa;

Quando chegamos aqui nós fomos morar com o Raimundão, nós não tínhamos muita condição, aí nós fomos fazer as barraquinhas de palha, aí fomos morar debaixo, aí graças a Deus fomos indo, trabalhando... o Tião ajudando eles, aí hoje, graças a Deus, temos casa boa, carro e moto (Rosa, 2020)

O que possibilitou a vinda para a presente cidade foi o parentesco. Assim, as rotas percorridas por estes ciganos são estabelecidas por uma rede parental, em que os locais que eles se fixam tenham parentes ou pessoas com laços de afinidade, como também destacou Monteiro (2019) em suas pesquisas com os ciganos na Paraíba:

[...] Percebi que na Costa Norte as rotas são traçadas por laços parentais, e por -laços de afinidades, há possibilidade também de rotas quando estão fazendo negócios. Esse processo de fluxo que acontece entre o grupo de ciganos não está fixado há um tempo limite de permanência e partida de um determinado local, os deslocamentos acontecem de acordo com alguma necessidade. (MONTEIRO, 2019, p.196)

Tal fenômeno também foi evidenciado nas pesquisas feitas por Florência Ferrari com ciganos Calons em São Paulo, os quais, ao segui-los, revelava-se: “[...] uma rede de parentes, conhecidos e lugares se abria para todos os lados: bairros, pousos antigos, parentes espalhados, e um circuito muito extenso e ao mesmo tempo familiar, que revela uma vida em “movimento”. (FERRARI, 2010, p. 102).

Sebastião é natural do Piauí, assim como seus pais e irmãos, e destaca nunca ter vivido em acampamentos. Ainda segundo ele, “*Nós não fomos daqueles ciganos que*

10 Com o objetivo de proteger a identidade dos colaboradores da pesquisa, os nomes apresentados são fictícios.

11 Imperatriz é um município localizado na região tocantina do estado do Maranhão, sendo o mais desenvolvido desta região, “[...] destacando-se em primeiro lugar em área urbana, população, densidade demográfica e PIB, além de ser centro educacional, comercial e de saúde este foi escolhido como município polo” (IMESC, 2018, p.53). Segundo o Instituto brasileiro de geografia e estatística, possui uma população de 254.569 habitantes. Ficando há 484 km da capital do estado, São Luís.

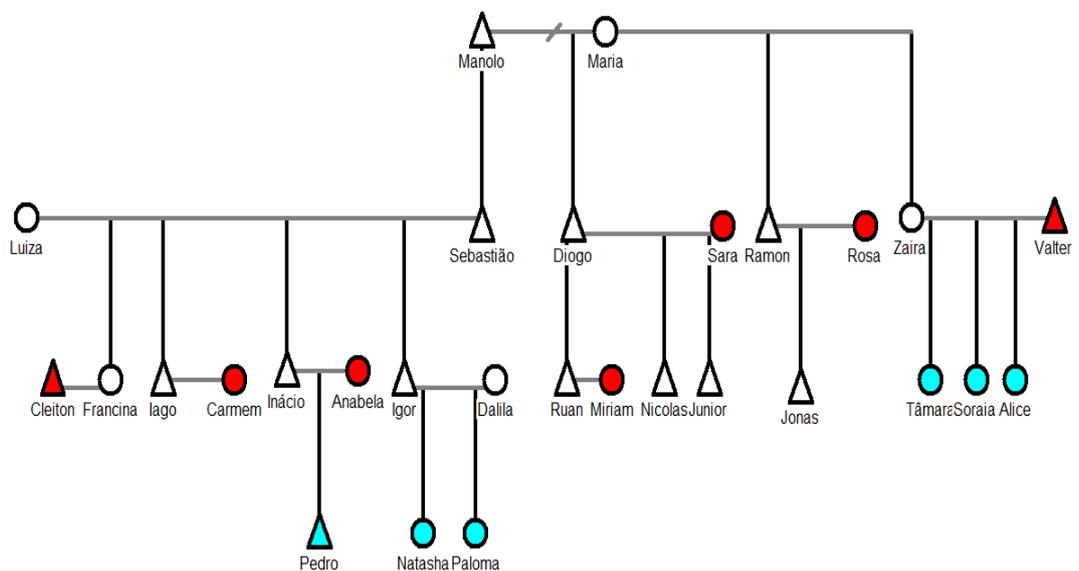
andavam pelo meio do mundo não, sempre fomos criados na cidade lá e viemos para cá” (Sebastião).

Contudo, cabe destacar que Tião e seu grupo já passaram por outros lugares até fixarem residências, sendo as cunhadas do Tião de Centro Novo (MA), quando eles estiveram alguns dias, ou meses, pois também havia ciganos neste local. Os ciganos também destacam serem conhecidos em cidades vizinhas, onde mantêm negócios.

As viagens e as rotas traçadas mostram o quanto pode ser frágil categorizá-los como nômades ou sedentários, “[...] percebemos que existe uma lógica nômade no cotidiano do grupo, que ultrapassa a ideia de “estar parado” em um território geográfico, com limites eternizados como espaço social cigano” (MONTEIRO, 2020, p. 352). As viagens e as redes traçadas pelos ciganos são símbolo da movimentação e do quanto eles têm maneiras de existir e experimentar uma vida itinerante que é tomada como algo da essência cigana, ou pela necessidade para sobrevivência.

Dessa forma, as movimentações ciganas são marcadas por laços e redes que marcam a escolha por determinado local. Assim, a família do cigano Tião veio para São João do Paraíso por ter laços familiares. Tempos depois, a família do Raimundão vai embora da cidade, mas Tião e seu grupo optam por ficar. Atualmente, os ciganos residentes na cidade se dividem entre duas lideranças ciganas: a da família do Tião e a da família do Hilário; sendo dois grupos distintos, pois não mantêm relações constantes entre si. A família do Tião, quando chegou à cidade, era composta por seus pais, irmãos e conjugues. Atualmente, o ciclo familiar do Tião é maior, como demonstra o diagrama de parentesco:

FIGURA 1- DIAGRAMA



Fonte: Janeide Cavalcante, 2021

Legenda:

- As bolinhas representam as mulheres ciganas
- △ Os triângulos representam os homens ciganos
- As linhas cinzas a união entre o casal
- | As linhas pretas representam a filiação de cada casal
- A linha cinza com traço a separação do casal
- ▲ As bolinhas ou triângulos pintados de vermelho representa pessoas não ciganas
- ▲ As bolinhas ou triângulos pintados de azul representam as crianças

Ainda há neste ciclo familiar alguns ciganos, os quais são primos da esposa do Tião, ou primos dele, ou ainda, conjugues e filhos. Tal grupo congrega-se através de laços familiares, formando assim uma sociedade firmada nos homens e, principalmente, tendo em um deles a figura moral e de liderança destes na cidade.

A organização social dos grupos é construída por meio de uma lógica patrilinear, com práticas que outorgam o poder do homem em relação aos membros da família, constituindo o pátrio poder, em que os homens ciganos devem prover materialmente e moralmente a todos do seu grupo familiar, assim construindo no grupo noções de valores como o da honra entre os homens. (MONTEIRO, 2020, p.356)

O grupo familiar também segue esta organização, observando-se no Tião a representação de um líder. É muito comum, no decorrer das falas de algum membro da família, citarem o Tião como referência de liderança. Apesar de não se colocar como chefe, pois para Tião essa palavra refere-se aos tempos dos acampamentos ciganos, pois, como moravam muitos ciganos juntos, a figura de um líder era necessária como autoridade moral sobre aquele grupo familiar.

Rapaz, de primeiro tinha o chefe, mas agora acabou, hoje como estão meus irmãos aqui quem comanda sou eu. Primeiramente Deus, segundo sou eu. Tem hora que dou um grito e aí e todos me escutam. (Sebastião, 2020)

Segundo Rosa, casada com o irmão do Tião, “*eles praticamente só moram a família. Aí tem o Miro que é irmão da mulher do Tião. E os filhos de cada família*”. Percebe-se que “o grupo de ciganos é formado basicamente por familiares, são laços sanguíneos que vão sendo fortalecidos pelos matrimônios realizados entre os parentes” (MONTEIRO, 2020, p. 358). Esta formação, constante na citação, assemelha-se ao grupo objeto desta pesquisa.

Os ciganos da família do Tião são Calons e destacam que “*Calon quem chama mais é o cigano, os outros nos chamam ciganos*” (Diogo), pois na cidade são reconhecidos apenas como ciganos. Como já apontado, os ciganos são diversos e podendo se diferir de outros grupos, dos quais os mais comuns no Brasil são: Calon, Rom e Sinti, sendo assim,

Os Calon, cuja língua é o caló, são ciganos que se diferenciam culturalmente após um prolongado contato com os povos ibéricos. Da Península Ibérica, onde ainda são numerosos, migraram para outros países europeus e da América. Foi de Portugal que vieram para o Brasil, onde são o grupo mais numeroso. (TEIXEIRA, 2009, p. 20)

Ao longo do trabalho de campo, em muitas conversas, eles mesmos falavam sobre a diversidade do povo cigano, começando pela língua falada podendo haver outras variações linguísticas, chegando a formar outro idioma. Além disso, a leitura de mãos é uma outra peculiaridade pela qual os ciganos são conhecidos, entretanto, essa atividade não se apresenta neste grupo. Segundo Tião apenas sua mãe sabia, mas hoje não sabe mais. Outra diferenciação é na forma de sobrevivência, tal como aponta o Tião;

Porque os ciganos aí pra fora, eles colocam muito as mulheres para trabalharem também, e ficam fazendo comida. Aí, a mulher vai vender anel, pano de prato, essas coisas. Aí, a hora que vem pro barracão deles eles ficam alegre, você pode até puxar na internet que tem, aí pega o dinheiro, bota no bolso e o marido fica muito feliz com ela. Já nós aqui do estado do Piauí não colocamos as mulheres para trabalharem não, só na casa. Nós é que trabalhamos, eles não, eles pro rumo da Bahia. (Sebastião, 2020)

Nesse sentido, os homens saem para trabalhar e as mulheres ficam em casa, cuidando dos filhos e do lar. Nas minhas visitas, era muito comum não encontrar o Tião ou os seus irmãos em casa. Eles estavam sempre resolvendo algo referente aos seus negócios e às negociações, como, por exemplo, trocas e vendas, esta forma de trabalho é uma prática comum entre os ciganos deste grupo familiar. Sobre a presença deles na cidade, Tião destaca que “*já tem uns 50 ciganos ou mais, só na nossa família e já tem quase uns 40 ciganos, entre irmãos, filhos, netos*”.

Nesta pesquisa, os ciganos em foco são Calon. O grupo do cigano Tião reside em um bairro conhecido como setor Maciel, onde, segundo ele, “*foi mais eu que construí ele. Ajudei muito, fiz várias casas. Quando cheguei aqui, morava em uma barraca. Comprei um terreno e comecei construir e vender*”.

A venda de casas é comum entre os ciganos de São João do Paraíso. Eles construía, moravam pouco tempo e depois vendiam. Segundo a cunhada de Tião, essa prática

é comum aos ciganos pois “*Eles vivem disso, de trocas, compra vende, faz casa e vende, compra moto e vende. É assim, o jeito deles viverem é assim*” (Rosa). As trocas de mercadoria é uma atividade comum entre os Calons, algo também evidenciado em outros contextos pesquisados entre esses ciganos (MONTEIRO, 2020; FERRARI, 2010).

Tião fixou moradia em uma casa só, e, segundo ele “*foi desejo da minha mãe, essa casa eu tirei pra não vender*”. A organização espacial da família é merecedor da minha atenção, pois reside em um único bairro. Segundo o próprio Tião:

Nesse bairro moram todos nossos parentes, porque minha mãe quer nós todos por perto, se vendo. Até hoje minha mãe faz a comida para todos. Meu irmão sai da casa dele pra vir comer aqui. Aqui são 4 irmãos, meu pai, minha mãe e os filhos. Mais de 20 ciganos, quase 40. (Sebastião, 2018)

O grupo familiar do Tião reside todo neste bairro. O bairro é composto por ciganos e não ciganos, sendo o agrupamento das casas ciganas próximas umas das outras facilitando o encontro cotidiano entre eles. Essa reunião ocorre todas as tardes em frente à casa do Tião ou de algum outro irmão, sendo sempre requerido pela mãe, pois é uma forma de ritualização da vida em grupo na cidade. Como destaca Igor Shimura, “quando se instalam em bairros de maioria não-cigana procuram estar próximos uns dos outros, zelando pela “comunhão familiar”, procurando manter costumes e tradições distintas.” (SHIMURA, 2017, p.53).

A preferência por morarem perto um do outro também demonstra um hábito ancorado em seu *ethos*. Enquanto “Imersos no mundo dos *gajes*, os Calon produzem um mundo de “racionalidade” próprio e baseado em relações de parentesco e aliança.” (FERRARI, 2019, p.264). Mantendo o ensinamento de Ferrari (2019), é necessário mostrar que a sociabilidade criada pelos ciganos Calons permitia a coexistência entre os eles e os *gajes* a partir da sustentação dessa rede de parentesco na qual o “ser cigano” ganha relevo e significado.

Segundo Francina, filha de Tião, eles costumam morar próximo de outros ciganos, a fim de sempre perto de sua família, conforme as suas palavras: “*Não gostamos de separar dos pais e da família. Gostamos de ficar sempre por perto*”. Francina se casou com um morador, mas, sempre a encontrei na casa do pai,

Eu perguntei-lhe sobre a “coincidência” ela explicou-me que se deve ao fato de seu marido trabalhar fora durante o dia e, por esse motivo, ela fica sempre com seus pais e parentes.

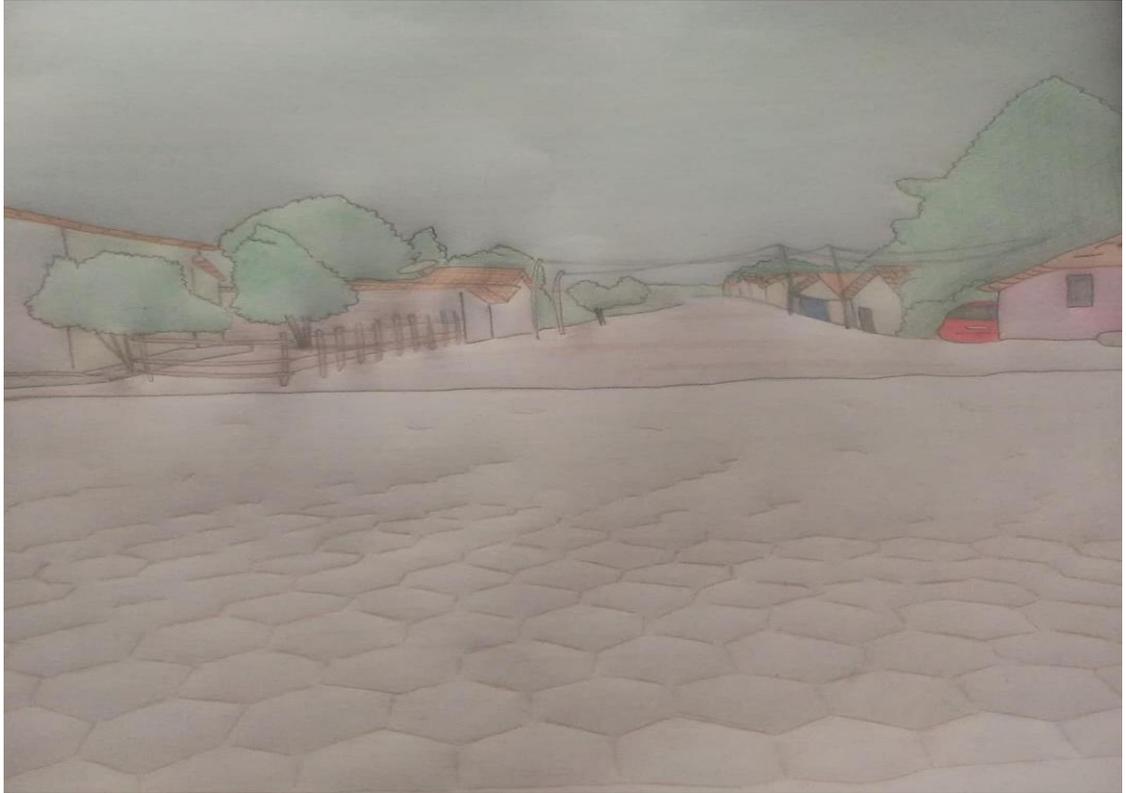
Fonte: Janeide Cavalcante. A base do Google Maps (<https://maps.google.com.br>)

No mapa 2, sobre a localização dos trajetos ciganos na cidade, a parte circulada se refere a dois bairros: Caeté e o bairro Maciel. O primeiro desses foi onde inicialmente os ciganos da família do Tião se instalaram, comprando casas ou terrenos para construção, eles foram morar no Bairro Maciel, que fica do lado do setor caeté.

Cabe-me destacar que essa área (dos dois bairros) em que se instalaram não havia casas. Eram zonas afastadas, do que - na época - era o centro da cidade. Por ser um município de pequeno porte, havia apenas uma rua, a qual atualmente a principal da cidade, a Rua do Comércio, local onde se concentravam a maioria das casas quando a cidade se emancipou de Porto Franco, tornando-se assim um município. É nessa área, inclusive, em que vivem grande parte dos moradores mais antigos do município.

Os ciganos desse grupo familiar hoje moram no Bairro Maciel, concentrando-se na rua Egídio Gonçalves Jorge ou em ruas que se dão em esquinas com esta rua, apesar disso, a rua ainda não foi asfaltada. Os ciganos deste ciclo familiar são todos vizinhos, a casa do Tião simboliza um lugar central para o seu grupo familiar, onde todos se reúnem (como descreverei no terceiro capítulo). Na maioria das vezes, quando fui ao encontro deles, estavam – em sua maioria – na casa do Tião, um porto seguro para seus parentes.

IMAGEM 1: RUA E BAIRRO MACIEL, LOCALIZANDO OS CIGANOS NA CIDADE.



Fonte: Desenho desenvolvido a partir de fotos de Janeide Cavalcante. Feito por Marcos Antônio, 2021.

As casas são construídas de tijolo, com cerâmicas pelo chão e são todas muradas, sendo todas grandes casas, assemelhando-se às da população local. A maioria deles possuem automóveis, tais como, motos e carros. Além disso também são proprietários de vários imóveis na região, tais são: como chácaras, casas e lotes, embora, pela própria natureza dos proprietários esses imóveis estejam sempre à venda.

Importa também dizer que era muito comum, entre as idas e vindas em campo, perceber algum automóvel vendido e outro foi comprado, substituindo o anterior. Recordo de um dia chegar na casa do Tião e ele ter de sair para resolver algo referente às negociações sobre suas propriedades. Trocas e vendas são práticas econômicas importantes para estes proprietários.

Os ciganos em São João do Paraíso denominam os não-ciganos de moradores, pois, para eles, moradores são residentes em moradias. Sendo assim, “Nômades ou sedentários” serão sempre a denominação dadas aos ciganos, pois, a continuidade da vida transcorre por meio de um fluxo cotidiano e dialético com pessoas permanentemente vistas como diferentes, mesmo “morando” como as demais” (GOLDFARB, 2013, p.174). Dessa forma, para falar sobre como eles vivem, apontam:

Esse povo do Tião são tipo um morador, eles vivem sempre como moradores, quando eu conheci eles lá no Piauí eles sempre moravam em casa, no tempo que eu fui morar com eles, sempre moravam em casa, não são como eles que moram embaixo de coisa (Rosa, 2020)

Destacam que vivem em uma condição igual ao de “morador”, ou seja, vivendo em residências fixas. Lembro-me de uma das minhas primeiras inquietações era compreender quem eram os ciganos e o Tião então discorreu afirmando o seguinte:

Cigano é assim, ele, como eu digo...Ele é negócio dos velhos, ele é do Egito, ai veio para o Brasil, ficaram no Brasil e gostaram. O cigano andava muito de jumento pelos sertões, a vida deles era andar. Aí, era assim, a mulher paria e o filho já ia pra cima do jumento, caminhando... já, caminhando pelo mundo. Não tinha local certo para eles não. Sobre a tradição cigana mesmo, por que hoje em dia a gente está morador, de primeiro os ciganos eram aquelas saias cumpridas, a roupa toda fulorzada, que o pessoal gostava. Está com mais de 20 anos que viemos para o Paraíso. (Sebastião,2018)

Durante as conversas percebi no passado de *andador* evocado como uma das formas de identificação sobre o ser cigano, e tal história também era presente nos discursos dos mais novos, como discorreu a filha do Tião; “*Sempre nos contam que os ciganos eram muito andadores, andavam de animais*”. Outra forma de identificação sobre a forma de ser cigano estava no sangue, como bem destaca Tião: “*Cigano é uma tradição cigana. A família cigana vem dos mais velhos e continua nos mais novos e nunca acaba o nome cigano*”. Evidencia-se ainda a transformação da produção de um traço cultural, mas não deixam de se sentirem ciganos por isso, já que as fronteiras de pertencimento ao grupo é o próprio grupo que define (BARTH, 1998).

A mudança do status *andadores* para *moradores* é apontado pelos ciganos como algo positivo. Eles começaram a buscar por essa organização social, a fim de terem melhores condições de vida e também, diminuindo assim o sofrimento de uma vida nômade, como foi apontado pelo Tião “*Eu acho, que os ciganos de primeiro sofriam muito. Eram caminhando pelo mundo, e hoje todo mundo é proprietário: tem casa, tem carro, tem dinheiro*”. Quando questionei sobre a vida de *andadores* e a vida como *moradores* ele colocou: “*Eu acho que é por que de primeiro os ciganos não se importavam. Só queriam andar pelo mundo, e hoje tem filhos. Tem cigano doutor, tem cigano vereador, tem de tudo*”.

Eles apontam que nesta condição de moradores os ciganos conseguiram alcançar cargos importantes, tendo maior visibilidade social, permitindo-os ocuparem posições e

espaços os quais antes não ocupavam, como destaca o Tião “*De primeiro os ciganos eram de jumentos, agora são de carro e motos*”. E ademais apresentam um determinado comportamento frente aos preconceitos experimentado nos lugares pelos quais passaram e passam, como ele próprio conclui:

Como moradores conquistamos um valor maior do que quando andávamos pelo mundo. Olha, é só falar aqui quem é o Tião cigano, todo mundo conhece. Quando cheguei aqui e entrava nas lojas, os donos falavam para as empregadas “ei, olha lá os ladrões”, nos chamavam de ladrões. Aquilo ali estava quase me matando. (Sebastião, 2018)

Goldfarb (2013) descreve como *tempo de morada*, o processo pelo qual os ciganos se sedentarizaram em Sousa (PB), destacando assim os aspectos positivos advindos dessa tal transformação. Nesse sentido, o tempo de morada (simbolizado pela casa), traz consigo a valorização pelo “mundo juron”, ou seja, a casa e sua permanência nela simbolizam uma aceitação social. Enquanto não têm casas e raízes, os ciganos interpretam estarem atrelados a estereótipos de uma vida errante.

Apesar dos aspectos negativos, a sedentarização representa uma oferta de tornar-se sousense, pela adoção de estilos de vida de “morador”, que nalguns momentos aparece como uma crença na aceitação social. A casa proporciona uma localização espacial que rompe com a ideia de “ausência de lar”, representando um porto seguro. (GOLDFARB, 2013, p.159)

Os ciganos da família do Tião destacam que sempre viveram como moradores, sendo assim, são um “*tipo morador*”. Tal designação de morador procura demonstrar como eles se assemelham ao modo de organização espacial e a certos valores da população local, mostrando como estão presentes na cidade e desenvolvendo uma integração, partindo do processo de fixação em casas.

Segundo Rosa, os ciganos “*Já pegaram muitos costumes de morador*”, reconhecendo um processo de bricolagem entre culturas. Apontaram ainda que o “ser cigano” está relacionado à vida de andador, apontando nesta condição de moradores algo cuja forma possibilitou melhores condições de vida, conforme eles mesmos apontaram. Sendo assim, “Essa assimilação de diferentes elementos externos é inevitável nas relações com o outro e isso se dá porque a cultura é dinâmica e esse atributo se torna um mecanismo de sobrevivência” (ARAÚJO; SHIMURA, 2019, p.108).

Hoje, os ciganos em São João consideram a condição de moradores, mesmo mostrando a sua condição como diferenciada por serem ciganos, e não os moradores natos

daquela região. Como destaca Monteiro (2015, p.29) “Esse processo de confronto e de reconhecimento de si, como pertencente de um grupo com elementos culturais distintos, é que podemos definir como formas de estabelecimento de uma fronteira”.

Embora tenham assimilado muitos costumes dos moradores, conforme destacado por Goldfarb (2013), o termo “morador”, neste contexto, simboliza uma aceitação social, pude perceber que eles possuem traços facilmente distinguíveis da população local e que não se tem o desejo de esconder. Inicialmente a própria língua foi um elemento identificado por mim como um traço diferenciador, tanto é assim que, em uma das minhas primeiras visitas a campo, quando a mãe do Tião, ao chamá-lo, informou-lhe que uma *garrin* ali estava para falar com ele. Habitualmente, durante as visitas, percebi na fala traços distintivos na sua língua, principalmente, ao se referirem a quem não era cigano, denominados de *garrin*, ou *juron*.

Além, das mulheres utilizando vestidos compridos e coloridos, sempre havia peças de ouro sendo usadas por todos, demonstrando a predileção por ouro, por meio da utilização de colares, anéis e dentes de ouro, das crianças aos mais velhos.

Por ser uma cidade pequena, na qual as pessoas costumam se conhecer pelo parentesco, a identidade cigana funciona como forma de identificação e diferenciação e, nesse contexto de interação, no qual se autoidentificam e são conhecidos pela população local como ciganos, estes continuam dando importância ao ser cigano, independentemente de estarem na condição de moradores. Como nos diz Arruti (2014, p.206), “o grupo étnico não está baseado nem na ocupação de territórios exclusivos, nem no isolamento, mas na reafirmação contínua de sua diferença em relação ao outro”.

1.4. Entrada em Campo: Dúvidas e desconfianças sobre a pesquisa

Um dos primeiros desafios e, também um momento crucial na pesquisa de campo, é a aceitação. Clifford Geertz compara a dificuldade da aceitação no seu próprio texto como sendo “[...] tão difícil quanto entrar numa cultura” (2005, p. 30). Logo, apresentar a minha pesquisa aos ciganos me causava receios e dúvidas sobre a aceitação, pois, “[...] para pensar grupos étnicos e demais minorias no campo antropológico contamos com uma vasta produção acadêmica, que nos dá suporte teórico metodológico para investigação, o mesmo não ocorre, ainda, em relação aos ciganos no Brasil” (NASCIMENTO, 2013, p. 32).

Sabendo dos desafios inerentes à pesquisa, comecei o estudo com os ciganos de São João do Paraíso (MA), cidade na qual resido, em 2017, como tema para o meu trabalho de conclusão de curso em Ciências Sociais. Os ciganos estão presentes na cidade há mais de 40 anos, quando fixaram moradia a fim de buscarem elementos compreendidos como marcadores de melhor qualidade de vida, diferentemente daqueles oferecidos pela vida nômade tradicional.

A presença dos povos ciganos na cidade em São João do Paraíso (MA), cidade na qual resido, foi algo que me inquietou. Desde pequena escuto falar sobre os ciganos, com muitas histórias e comentários cheios de preconceito, além da classificação como povos de costumes nômades, ou como povos de fora (não oriundos da cidade). Minha mãe sempre comentava sobre a convivência com ciganos, quando ainda morava com meus avós e disse que, “aos os pais. Aos poucos, ciganos se casavam com pessoas da cidade e fixavam moradia no município”. Minha mãe, também relatou o fato de muitos moradores considerarem os ciganos da cidade como pessoas “valentes”, sem medo de briga e, em algumas conversas, utilizarem-se do idioma deles para conversarem entre si, dificultando o entendimento das outras pessoas, pois, a partir daí ninguém mais os entendia.

O início da minha pesquisa de campo foi marcado por aceitação da parte de uns, desconfiança e resistência de outros, e pelo não entendimento da finalidade da pesquisa por muitos. Quando contatei os líderes ciganos e falei do meu interesse em pesquisá-los, um dos questionamentos era o porquê da pesquisa. A família do Tião, mesmo não entendendo os motivos do meu estudo, mostrou-se receptiva, concordando em responder minhas perguntas e me ajudar no que fosse preciso, assim como todos da família se dispuseram a me receber pessoalmente, quando fosse necessário.

Mesmo se mostrando receptivos à pesquisa, durante todo o meu de campo, o qual iniciou em novembro de 2017, na pesquisa para o TCC, havia questionamentos sobre as razões dessa investigação. Todos as pessoas da família do Tião com quem eu conversava sempre retornavam a essa mesma pergunta, questionando-me diversas vezes sobre o que eu faria com tais dados, uma desconfiança justa, mas, que causava em mim o receio de possíveis prejuízos à continuação da pesquisa.

Nesse sentido, o primeiro grande entrave no meu trabalho com os ciganos era conseguir fazer eles entenderem as razões da pesquisa. Tal como destaca Roy Wagner (2010), sobre a dificuldade dos Daribi da Nova Guiné em compreender no que consistia seu trabalho, encontrei a mesma dificuldade em meu campo. Por não conhecerem os títu-

los acadêmicos, apenas me definiram como “uma moradora que estuda os ciganos”. Busquei mostrar o meu interesse no estudo da cultura deles, por serem povos de costumes próprios.

Outro ponto a se destacar foi a desconfiança dos ciganos, apontamento também feito na pesquisa de Caroline Leal Dantas Nascimento, na qual ela afirma que “[...] a relação de desconfiança dentre ciganos e jurons¹² é histórica” (NASCIMENTO, p 51). Tal desconfiança aumentava com algumas perguntas feitas por mim, tais como: “Por que vieram para a cidade? De onde vocês são?”. Tais questionamentos evidenciavam fatos, os quais não percebi imediatamente: Os ciganos, por vezes, passaram por perseguições e foram mandados embora das cidades onde se instalavam. Isso explicava de forma plausível o fato de eles não compreenderem, de imediato, para quem e por que tais perguntas eram necessárias e talvez pensassem na possibilidade de serem utilizadas para outros fins não desejados, ou fora do seu controle.

Busquei então, mesmo sem entender de imediato que tal desconfiança poderia ser por tal histórico, demonstrar que tais dados seriam utilizados apenas para fins acadêmicos e nada mais. Destaco que na relação entre etnógrafo e nativo, as impressões a respeito do etnógrafo são fundamentais para a continuação da pesquisa.

Se as suspeitas quanto aos nossos motivos eventualmente se desfizerem, isto não significa que pudéssemos automaticamente saber o que desejávamos sobre a aldeia. Significa somente que, de modo geral, os aldeões sabiam o que estavam dispostos a nós deixar saber; que impressões gostariam que recebêssemos (BERREMAN, 1975, p.136).

Assim, negociadas as possíveis suspeitas quanto a minha presença, pude continuar a pesquisa. É importante enfatizar as impressões existentes durante a relação entre etnógrafo e nativo, sendo manifestadas por que ambos. Eu buscava ser aceita para a pesquisa, desejava me manter em campo como uma pessoa de fora e comungava da crença de precisar haver “[...] uma distância mínima que garanta ao investigador condições de objetividade em seu trabalho. Afirma-se ser preciso que o pesquisador veja com olhos *imparciais* a realidade, evitando *envolvimentos* que possam obscurecer ou deformar seus julgamentos e conclusões (VELHO, 1981, p. 123).

Porém, percebi a necessidade de tais relações estabelecidas, pois, sem elas os ciganos não iriam aceitar a minha presença junto a eles e, buscar uma relação com estes

12 Juron, Jurin, vem da linguagem Calon e quer dizer quem não é cigano.

para não haver desconfianças a meu respeito e dar continuidade à pesquisa, tornou-se essencial e foi o envolvimento e interações com estes a mediação da minha entrada e permanência em campo. Conforme discorre Gilberto Velho (1981, p.123), “[...] A noção que existe um envolvimento inevitável com o objeto de estudo e de que isso não constitui um defeito ou imperfeição já foi clara e precisamente enunciada”.

Com base nas impressões expressadas pela relação entre nativo e etnógrafo, eu buscava demonstrar a estes como minha pesquisa era de cunho acadêmico, não havendo, portanto, outros fins. Já os ciganos buscavam demonstrar uma imagem diferente da construída por anos no imaginário popular resultando e ressaltavam como eles não eram aquilo que por anos foram considerados na cidade. As entrevistas e conversas eram marcadas pelo controle de tais impressões e como eles tentavam muda-las, ou, resguardarem-se delas na cidade.

Por consequência, os ciganos, por serem considerados perigosos por onde passavam e por vezes mandados embora, buscavam nas informações dadas manter uma imagem em permanente construção junto aos moradores de São João do Paraíso, destacando que na relação entre os sujeitos da pesquisa “[...] o etnógrafo procura obter informações sobre a região interior; os sujeitos procuram proteger seus segredos, já que representam uma ameaça à imagem pública que desejam manter” (BERREMAN,1990, p. 142). Percebi haver por parte de ambas as famílias, uma busca por manter uma imagem construída perante a sociedade *paraisense* sobre os ciganos.

De acordo com o Tião, quando os ciganos chegaram na cidade, atribuíram-lhes uma má fama e muitos os consideravam ladrões, trambiqueiros, tendo, a população em geral, receio deles, sendo tal imagem mudada aos poucos e, em consequência, os cidadãos foram percebendo o quanto eles não eram assim. Antes os ciganos não podiam nem entrar em uma loja porque ninguém confiava neles, mas isso hoje mudou, pelo menos na compreensão dessa liderança.).

O Tião ressaltou o fato de já ter recebido o título de cidadão *paraisense*, apontando ainda que na cidade é reconhecido como uma boa pessoa. Nesse sentido, percebe-se as relações de afinidade com os moradores – conforme poderá se identificar mais adiante – e como esse grupo de ciganos desenvolveu na cidade laços de sociabilidade com a população local.

As respostas eram marcadas pelo o reforço de afirmação mostrando o quanto, na cidade, a imagem sobre eles havia mudado, destacando sempre, que hoje eles têm muitos

amigos e são bem conhecidos, desde sua chegada em São João do Paraíso, quando passaram a ter relações de trocas com os moradores – nesse contexto, troca significa negócios, troca de animais, casas ou automóveis. Os ciganos destacaram nunca haver roubado e que todas as acusações contra eles não eram verdadeiras.

O controle das impressões constitui um aspecto de qualquer interação social. Trata-se aparentemente, de uma condição necessária à continuidade da interação social. Para uma pesquisa etnográfica competente, é essencial compreender a sua natureza e os desempenhos resultantes (BERREMAN, 1975, p.174).

Com base em tais fatos, os ciganos buscavam demonstrar em suas falas o quanto são pessoas de boa índole e que tais impressões provêm de um histórico de estereótipos pelos quais passaram e ainda passam, nos quais são considerados ladrões, ou provocadores de briga. Em tais conversas e encontros buscaram definir e apontar boas impressões a respeito de si, para preservar a imagem que estão tentando construir na cidade.

Durante as conversas, eles falavam sobre os preconceitos sofridos na cidade e lembravam dos locais por onde passaram, tentando demonstrar como chegaram em São João do Paraíso e como foi difícil a vida por serem ciganos. Foi buscando ouvi-los que fui me inserindo ainda mais entre eles, e talvez a partir disso, eles começaram a me contar histórias fora do contexto das perguntas, como o fato de existir uma santa dos ciganos, a santa Sara Kali¹³.

Houve a necessidade de tecer relações amigáveis, gerando confiança para os ciganos e, o que se apresentava desta relação era “[...] aqueles aspectos extraordinários ou carismáticos, sempre prontos a emergir em todo o relacionamento humano (DAMATTA, 1978, p.1). A ligação entre dois mundos de significados diferentes faz-se por meio de mediações e para tais mediações, buscando adentrar a cultura dos ciganos, foi necessário tecer uma relação de confiança com eles.

Desse modo, a construção da minha identidade, como pesquisadora e moradora da cidade, aos ciganos foi fundamental para a pesquisa e nessa experiência de trocas e encontros, podemos afirmar a cultura podendo ser entendida como invenção e mediadora já que “[...] a cultura, como o termo mediador, é uma maneira de descrever outros como

13 Santa Sara Kali é a padroeira do povo cigano. O nome Kali advém do romani e significa negra e a história da santa envolve várias narrativas feitas pelos ciganos e, em decorrência desse fato, por muitos anos a Igreja Católica omitiu seu culto.

descreveríamos a nós mesmos, e vice-versa” (WAGNER, 2010, p.66), ou seja, eles descrevem a própria cultura a partir da minha cultura, buscando compreensão na minha para se definirem, também, como um povo de cultura particular.

Em outras palavras, a ideia de cultura coloca o pesquisador em pé de igualdade com os seus objetos de estudo: cada qual “pertence a uma cultura”. Uma vez que toda cultura pode ser entendida como uma manifestação específica ou um caso do fenômeno humano, e uma vez que jamais se descobriu um método infalível para “classificar” culturas diferentes e ordená-las em seus tipos naturais, presumimos que cada cultura, como tal, é equivalente a qualquer outra (WAGNER, 2010, p. 29).

Neste encontro entre diferentes culturas, os sujeitos pesquisados, também definem a cultura do pesquisador, algo que ocorreu no meu campo com os ciganos, reificando o que Wagner (2010) define como uma antropologia reversa – algo que coloca pesquisador e sujeitos da pesquisa em pé de igualdade.

A relação firmada com os ciganos, a partir de conversas e pelas relações desenvolvidas na cidade entre este grupo cigano e os moradores, assim como o conhecimento destes de alguns familiares meus, foi elemento fundamental para ter tal entendimento, pois como destaca DaMatta (1978, p. 10) “[...] só há dados quando há um processo de empatia correndo de lado a lado”. Sobre a importância da relação entre pessoas, Emilene Sousa (2015) afirma que:

A observação etnográfica é uma relação entre os objetos, pessoas, situações e sensações provocadas no próprio pesquisador, torna-se, pois, muito mais do que captura do visível; a descrição etnográfica é por sua vez, a elaboração linguística desta experiência. É a percepção que desencadeia um processo de descrição, mas esta última consiste menos em transcrever e mais em construir, em estabelecer uma série de relações entre o que é observado e aquele que observa (SOUSA, 2015, p. 152-153).

Neste contexto, pode-se destacar as relações estabelecidas com o grupo familiar do Tião cigano, o qual me recebeu muito bem e se mostrou feliz em falar da sua cultura e do seu povo. Logo no início, ao me apresentar, falei de quem era filha, aproveitando o fato de, estando numa cidade pequena, ser normal o conhecimento por meio dos parentes e, nesse sentido, o Tião conhece alguns familiares meus, algo que possibilitou maior confiança entre estes. Assim, fui sempre considerada e chamada de amiga, ou, por algumas mulheres ciganas, de *garrin* (mulher não cigana), permitindo-me a percepção de como eles gostam de manter boas relações com a população local e, a partir de tais relações

mantidas, pode adentrar e permanecer inserida no grupo, cabendo destacar a importância de estabelecer relações de confiança para qualquer tipo de pesquisa de campo.

1.5. Procedimentos metodológicos

A pesquisa é qualitativa e cunhada na perspectiva Weberiana de uma sociologia compreensiva, em que, segundo Weber (1999) a sociologia significa “[...] uma ciência que pretende compreender interpretativamente a ação social e assim explicá-la casualmente em seu curso e efeito” (WEBER, 1999, p.3). Tal vertente teórica e metodológica busca compreender os significados por trás das ações humanas, entendendo a subjetividade destas ações específicas, dado pelo sentido desta ação para os indivíduos, um sentido que é compartilhado. Em suma, a sociologia compreensiva busca compreender e interpretar a ação social, entendendo o comportamento e o significado que tais ações têm para os indivíduos.

Busco compreender as relações interétnicas e o processo identitário entre famílias ciganas residentes há mais de 20 anos em São João do Paraíso, as quais estabeleceram relações com a população local e como neste contexto de interação eles destacam o pertencimento étnico.

O entendimento das relações e representações não pode ser quantificado, demonstrando a importância de trazer uma análise qualitativa para esta pesquisa. Na pesquisa qualitativa, existe uma proposta de compreensão e interpretação dos símbolos, das formas de organização e costumes a partir de observações das falas e ações dos sujeitos, que são enfoque da pesquisa. Logo, há necessidade de estar no campo, pois é a partir das observações e entrevistas, com um contato direto, que podemos entender determinado povo. O método de pesquisa utilizado é o qualitativo, por concordar, também, com Minayo (2016, p. 20):

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo nas relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Diante da complexidade de compreender as relações sociais em suas particularidades, torna-se necessário ao pesquisador estar em campo, utilizando-se do contato e da

observação e, conforme aponta Roberto Cardoso de Oliveira (1998), a elaboração do conhecimento nas ciências sociais, passa por três maneiras, ou etapas para apreensão dos fenômenos sociais em uma dada investigação empírica.

[...] quero apenas enfatizar o caráter constitutivo *do olhar, ouvir e do escrever*, na elaboração do conhecimento prévio das disciplinas sociais, isto é, daquelas que convergem para a elaboração do que Giddens, muito apropriadamente, chama “teoria social”. (OLIVEIRA, 1998, p.18)

Tais atos cognitivos são fundamentais para observação em campo e, ao basear-se neste contato para obtenção de dados, retornamos ao referencial clássico da pesquisa de campo nas ciências sociais: o antropólogo Malinowski (1986), conhecido por divulgar a pesquisa de longa duração com o método da observação participante, um instrumento necessário para compor o estudo etnográfico. A premissa é a necessidade do pesquisador ir a campo para manter contato direto com os nativos, permitindo a obtenção de seus dados e não a aquisição por meio de terceiros, ou de relatos escritos, unicamente.

Dessa forma, o contato mais próximo com os nativos é de suma importância em uma pesquisa socioantropológica. A antropologia e a sociologia têm na etnografia e na observação participante a oportunidade de uma aproximação para obtenção de conhecimento a respeito dos outros, mesmo na pesquisa contemporânea quando os outros podem estar ao nosso lado. Nesse sentido, podemos afirmar que

[...] o método etnográfico é aquele que diferencia as formas de construção de conhecimento em Antropologia em relação a outros campos de conhecimento das ciências humanas. De fato, o método etnográfico encontra sua especificidade em ser desenvolvido no âmbito da disciplina antropológica, sendo composto de técnicas e de procedimentos de coletas de dados associados a uma prática do trabalho de campo a partir de uma convivência mais ou menos prolongada do (a) pesquisador (a) junto ao grupo social a ser estudado. A prática da pesquisa de campo etnográfica responde, pois a uma demanda científica de produção de dados de conhecimento antropológico a partir de uma inter-relação entre o (a) pesquisador (a) e o(s) sujeito(s) pesquisados que interagem no contexto recorrendo primordialmente as técnicas de pesquisa da observação direta, de conversas informais e formais, as entrevistas não-diretivas, etc. (ROCHA; ECKERT, 2008, p. 14)

Como já observado pelas antropólogas Rocha e Eckert (2008) a etnografia é um método por excelência da antropologia, sendo composto por técnicas e instrumentos de pesquisa para obtenção de dados, tais como o trabalho de campo, observação direta ou participante, conversas informais, enfim, pelo contato entre pesquisador e pesquisado, das relações mantidas em campo. Mas, cabe destacar que seu uso não se restringe a esta disciplina, sendo então adotada em outras áreas do conhecimento, sobretudo nas Ciências

Sociais. Nesse sentido, na sociologia seu uso tem início com a escola de Chicago, denominados por Ulf Harnerz (Apud MAGNANI, 2003) de os “etnógrafos de Chicago”¹⁴, pesquisadores que discutiam questões urbanas. Como afirma Park,

[...] Os mesmos pacientes métodos de observação de despendidos por antropólogos tais como Boas e Lowie no estudo da vida e maneiras do Índio norte-americano deveriam ser empregados ainda com maior sucesso na investigação dos costumes, crenças e práticas sociais e concepções gerais de vida que prevalecem em *Litte Italy*, ou no baixo North Side de Chicago, ou no registro dos folkways mais sofisticados dos habitantes de Greewich Village e da Vizinhança de Washington Square em Nova York. (PARK, 1987, p.28)

O uso de técnicas e instrumentos da etnografia é destaque em alguns trabalhos sociológicos e, “Nos últimos quinze anos, na sociologia francesa, a pesquisa e a análise etnográficas impuseram-se como um método legítimo de coleta e de tratamento de dados empíricos” (BEAUD; WEBER, 2015, p.195). Nesse sentido, o uso da etnografia e suas técnicas trouxeram grandes benefícios para as pesquisas nas Ciências Sociais. William Foote White – na primeira metade do século XX – destacava que seu trabalho se dividia entre a sociologia e a antropologia, sendo utilizado por ele o método da observação participante. Como afirma Gilberto Velho, “Whyte gostava de definir seu trabalho como, primordialmente, de observação participante, com constante e intensa aproximação e diálogo com os universos investigados” (VELHO, 2005, p.12). A preferência por esta técnica de pesquisa se dá pelas suas vantagens para obtenção de dados. Cabe assim destacar que

Sua valorização da observação participante certamente não é apenas retórica, mas sim a expressão de uma posição ético-científica voltada para melhor e mais rica compreensão dos fenômenos sociais, tendo como base o respeito aos indivíduos e grupos investigados. (VELHO, 2005, p.12).

Dessa forma, a pesquisa de William Foote Whyte em uma área pobre na cidade de Boston fornece uma rica contribuição metodológica, como destaca Valladares (2007) em seu texto capaz de ser “um verdadeiro guia da observação participante em sociedades complexas” (VALLADARES, 2007, p.153), sendo, tal pesquisa, utilizada como ferramenta de suma importância para os estudos urbanos.

140 diálogo entre a antropologia e a sociologia é algo presente na obra de William Foote Whyte, autor de “*Sociedade de Esquina*”, e que também era da Escola de Chicago. Tais pesquisas da sociologia urbana se utilizavam do método etnográfico, tendo a cidade como foco locus de pesquisa.

Foote Whyte descreve todos os desafios e acertos em sua pesquisa, destacando a importância das relações estabelecidas entre pesquisador e pesquisado, assim como saber ouvir, ver, fazer uso dos sentidos e destaca como as entrevistas formais muitas vezes são desnecessárias, sendo necessário então “[...] aprender quando perguntar e quando não perguntar, e também que perguntas fazer” (WHYTE, 2005, p.303).

Buscando a aproximação da prática de pesquisa ao método apreendido por Whyte (2005), analiso as observações feitas no bairro, junto aos ciganos, por serem realizadas numa perspectiva de observação participante, como uma formulação trazendo momentos riquíssimos, permitindo conhecer e compreender mais sobre os ciganos, sem se utilizar de entrevistas com a utilização de questionário e, como Foote Whyte afirmou, ao estar apenas “sentado e ouvindo”, eu obtinha respostas de perguntas pensadas, ou às vezes nem pensadas, alimentando os dados da pesquisa apenas pelo uso da observação participante, dando ênfase na construção de um texto, o qual busca ser etnográfico. Nesse sentido, fazer etnografia, segundo Rocha e Eckert, se propõe como um método polifônico.

Se o método etnográfico é composto por inúmeros procedimentos, incluindo levantamento de dados de pesquisa probabilística e quantitativa (demografia, morfologia, geografia, genealogia, etc.), a observação direta é a técnica privilegiada para investigar os saberes e as práticas na vida social e reconhecer as ações e as representações coletivas na vida humana. É o engajamento em uma experiência de percepção de contrastes sociais, culturais e históricos. As primeiras inserções no universo de pesquisa, conhecidas como “saídas exploratórias”, são norteadas pelo olhar atento ao contexto e a tudo que acontece no espaço observado. (ROCHA; ECKERT, 2008, p.2)

Sendo a observação direta uma técnica composta pelo olhar e pelo ouvir, favorecendo a obtenção de dados, permite-se contatos mais próximos com as ações e representações do grupo pesquisado, gerando conhecimento maior a respeito de determinada realidade social. Logo, a observação direta requer tempo em campo e aceitação pelo grupo estudado para o pesquisador poder permanecer entre estes, sendo necessário tecer relações com o grupo e, pelo contato mais próximo, o pesquisador poderá construir os conhecimentos de uma dada realidade social.

Diante disso, a minha escuta e olhar em campo não são ingênuos, mas, treinados pelas Ciências Sociais, entendendo assim, a importância desses atos cognitivos para a compreensão do grupo estudado. Tais atos cognitivos são essenciais para apreensão dos fenômenos sociais, por isso a necessidade de serem treinados.

Porém, não se trata de um ouvir qualquer, porém, um da palavra livre, buscando não apenas o que queremos, mas, o que os nossos interlocutores têm a dizer. E falamos aqui em interlocutores – não informantes ou entrevistados – porque a palavra cedida se dá num contexto de diálogo, numa relação dialógica e é nesse diálogo que os dados *se fazem* para o pesquisador. A relação dialógica só é possível de ser estabelecida no meio de uma posição do antropólogo entre os nativos: a de observador participante, que cria familiaridade e possibilita a “fusão de horizontes” da qual falam os hermeneutas, condição indispensável para um verdadeiro diálogo. (URIARTE, 2012, p. 6)

Esse exercício de escuta transformador da “fusão de horizontes” em conhecimento é uma tentativa de compor um diálogo simétrico. Segundo Oliveira (1998) o pesquisador deve ter a possibilidade de ouvir o nativo e por ele ser ouvido, formulando um diálogo entre iguais e, apostando na importância do diálogo e do ouvir em campo, tal interação entre pesquisador/pesquisado acena para uma aceitação do pesquisador. Em campo, o pesquisador observará as relações sociais, as características arquitetônicas das construções ali encontradas, parentesco, dentre outras informações oriundas a partir do olhar. Em suma, olhar e ouvir são instrumentos de grande importância no campo para obtenção de informações.

Como já apontamos, a presente pesquisa toma como método de investigação a observação direta junto a um grupo de ciganos residentes em São João do Paraíso (MA), a partir de um trabalho de campo com estes, para então investigar as relações interétnicas e como, neste contexto de interação, destacam e requerem a identidade cigana e é a partir de tal contato com os ciganos, que consegui conhecer mais a dinâmica de vida destes, compreendendo as relações entre os moradores e quais os elementos utilizados para destacarem a identidade étnica como ciganos, para conseguir, por meio dessa vivência, visualizar a lógica de vida destes, em um contexto de fixação. Acredito, assim como Ferrari, que “[...] a etnografia pode ajudar a apreender como os ciganos simbolizam o espaço e o movimento, em seus próprios termos” (FERRARI, 2019, p.258).

É nos momentos cotidianos e na construção das sociabilidades das famílias (grupos) que pude ver como estes simbolizam e ritualizam o ser cigano. A presença em campo foi fundamental nesta pesquisa, na qual uma observação direta se destaca como possibilidade de se perceber “[...] o que não se diz, ou o que é percebido sem ser dito” (CHAUVIN; JOUNIN, 2015, p.126).

Em meu trabalho optei por não utilizar entrevistas formais com os colaboradores ciganos, preferindo observações e conversas informais, pelo fato de perceber a possibilidade das entrevistas resultarem em respostas curtas e muitas vezes não permitindo dados satisfatórios para a pesquisa. Dessa forma, passei a fazer visitas constantes aos ciganos, chegava na maioria das vezes à tardinha, momento no qual, ou estavam todos na frente da casa do Tião, ou na casa de cada um parente deste grupo familiar.

Ainda durante a minha pesquisa de graduação, questionava-me sobre a qual grupo cigano o grupo familiar de Tião pertencia e eles só respondiam que eram “ciganos, ciganos mesmo”. Entre conversas me explicavam sobre sua língua, apontando a existência de diferentes grupos ciganos e diferentes linguagens entre grupos da mesma etnia, enfatizaram como eram diferentes por serem Calon.

Esse tipo de diálogo se aproxima aos alertas descritos por Foote Whyte (2005) em sua relação com Doc. A relação entre o pesquisador e o morador daquela comunidade, o qual se tornou seu guia e, também facilitou sua entrada em campo, sinalizava sobre o cuidado necessário com as perguntas a serem feitas, bastando, na maioria das vezes, apenas estar presente ali para acompanhar os diálogos das pessoas.

Sentada e ouvindo, descobri que isso era verdade e soube respostas a perguntas não cogitadas se adotasse uma entrevista formal como técnica de pesquisa. Não abandonei de vez as perguntas, é claro. Simplesmente aprendi a julgar quão oportuna poderia ser uma determinada questão e a avaliar minha relação com a pessoa, de modo a fazer uma pergunta delicada somente quando estivesse segura da solidez da minha relação com ela. (WHYTE, 2005, p. 304)

A delicadeza das questões a serem colocadas pode ser perceptível durante o trabalho de campo, quando, sem mesmo perguntar, pude entender o processo do luto para os ciganos, no qual eles saem da casa, em um ritual para não lembrar do falecido. Observei como o luto acontecia ao presenciar a conversa entre os ciganos sobre a morte de um morador em uma de suas propriedades e, sem realizar qualquer pergunta, obtive várias informações. Também, pude perceber o fato de as perguntas mais formais, muitas vezes, suscitar questionamentos sobre minha presença e intenção em suas propriedades durante o trabalho em campo.

Durante as muitas conversas informais com familiares e vizinhos e nas conversas mais íntimas no interior da casa de Tião, com sua esposa, ou filha, percebia a oportunidade que tais conversas me proporcionavam de observação para além da convivência com os próprios ciganos. Podia, por exemplo, estudar as relações de sociabilidade e os contatos

interétnicos com os não ciganos, quando algum morador chegava e ficava conversando com eles, em minha presença.

Dando continuidade à pesquisa, em meio a pandemia da Covid-19, tornou-se necessário suspender as visitas a campo e, sendo assim, foi realizado um questionário de forma online¹⁵, a partir de um formulário online, o qual foi enviado pelo WhatsApp. De acordo com Parizot (2015, p.85) “O interesse principal da pesquisa por questionário é o de reunir uma grande quantidade de informações, tanto factuais quanto subjetivas, junto a um número importante de indivíduos”. Com o uso do questionário, busca-se identificar as percepções dos moradores a respeito dos ciganos que ali residem, como bem destaca Parizot (2015),

O objetivo de tais pesquisas pode ser o medir a frequência de características (situações, comportamentos, opiniões ou atitudes) em uma população dada, mas em ciências sociais e humanas ele visa principalmente a analisar as relações entre estas características. (PARIZOT, 2015, p.85)

Diante disso, o uso do questionário online junto aos moradores locais busca entender as relações e as percepções dos moradores em relação aos ciganos e, para isso, tal técnica de pesquisa permite interrogar os moradores locais, para obtenção de informações sobre as interações e relações desenvolvidas pelos ciganos na cidade.

Com base nos dados apresentados, esta seção buscou explicar sobre as definições e representações em torno dos ciganos, dos estereótipos e as discussões destes como grupo étnico, discutindo assim seu papel nos processos de interação, nos quais os atores se utilizam da identidade étnica. Diante disso, apresento o *locus* da pesquisa, contextualizando a presença cigana no estado até a cidade que o grupo foco desta pesquisa reside. Ademais, também apresento o grupo pesquisado e os procedimentos utilizados para obtenção de dados.

O grupo do cigano Tião reside em São João do Paraíso há mais de 20 anos, considerando que hoje estão em uma condição de moradores na cidade, com casas próprias e endereços fixos. Fazem questão de destacar que são bem conhecidos na cidade, mantendo relações amigáveis com a população local. Porém, logo após a chegada do grupo na cidade, tais relações foram marcadas por estereótipos e preconceitos. Diante disso, o

15 Foram 20 pessoas entrevistadas por meio de questionário online, (sendo que enviei para mais pessoas o questionário, algumas se recusaram informando que não saberiam responder o questionário), as pessoas entrevistadas foram comerciantes, vizinhos dos ciganos, a secretária de Assistência Social e demais moradores locais de diferentes classes sociais e sexo, e de profissões variadas como professores, advogados, frentistas dentre outros.

próximo capítulo tratará das relações entre ciganos e não ciganos e como as relações amigáveis foram construídas por meio da busca de uma imagem positiva com os não ciganos, mesmo diante de preconceitos e estereótipos, passando a serem conhecidos como grandes contribuidores na expansão da cidade, numa perspectiva dos ciganos e não ciganos.

2. “AGORA TODOS CONHECEM A GENTE”: SE ESTABELECENDO, NEGOCIANDO A IDENTIDADE E TECENDO RELAÇÕES NA CIDADE

As relações e interações sociais são os principais objetos da pesquisa sociológica e, entendendo os fundamentos destas ações, compreendemos a formação e as estruturas de uma dada sociedade. É a partir destas relações sociais que busco compreender a presença cigana na cidade de São João do Paraíso (MA) e analiso as interações entre ciganos e não ciganos, apresentando seu processo de chegada na cidade, e como a comunidade cigana vai sendo relacionada aos estereótipos com os quais são rotulados. Neste contexto, ressaltamos como negociam a identidade como ciganos para estabelecerem as conexões com a população local.

2.1. *Outsiders e estrangeiros: Os ciganos como recém-chegados*

A presença cigana em São João do Paraíso (MA) tem início muito antes de este lugar ser um município, quando ainda era um pequeno povoado. Um grupo chegou em 1960, na liderança do cigano conhecido como Hilário, acompanhado por seus pais e irmãos. Passando-se alguns anos, chegaram outros grupos ciganos, como o de Raimundão, sendo esse grupo residente atual de Estreito (MA)¹⁶, e, mais tarde, os ciganos da família do Sebastião, estando em São João do Paraíso - segundo eles - há mais de 20 anos. Ainda conforme seus próprios relatos, assim que chegaram armaram barracões, embora a escolha do local tenha se mostrado longe do centro da cidade. Usavam vestimentas e adereços identificados como próprios da sua cultura.

Recém-chegados na cidade, os ciganos não tiveram uma aceitação imediata pela população local, passaram a ter relações conflituosas com os moradores, marcadas por estereótipos e preconceitos aos ciganos. Segundo Tião, era comum serem *chamados de ladrões*. Os moradores de São João do Paraíso, que desconheciam ciganos, os puseram sob vigilância e criaram representações a respeito deles.

Ao chegarem a São João do Paraíso (MA), iniciaram sua vida na cidade morando em um bairro mais afastado da região central, em barracões feitos de taipa e cobertos de

16 A cidade de Estreito (MA) também está localizada na região tocantina, ficando a cerca de 53 km de São João do Paraíso (MA).

Ver: Cirqueira, Wátilla. “Interações sociais e o estigma: um estudo das relações sociais entre os Calon do bairro madre paulina e os gadjés em estreito/ma”. Monografia de graduação desenvolvida no curso de Ciências Sociais pela Universidade Federal do Tocantins- UFT, 2020.

palha, e a população em geral tinham receio dos ciganos, pois eram conhecidos por este-reótipos já referidos como, por exemplo, os de ladrões, valentes e trambiqueiros desclas-sificando-os perante a comunidade local.

Nobert Elias & John L. Scotson, em *Os estabelecidos e os Outsiders*, trazem a etnografia em uma cidade no interior da Inglaterra, onde haviam os *estabelecidos* - pes-soas que estavam na cidade já há muito tempo - e os *outsiders*, que eram os recém-che-gados, um grupo de fora. Apesar desses dois grupos não terem diferenciação racial, étnica ou religiosa havia por parte dos *estabelecidos* uma constante diferenciação com os *recém-chegados* - *outsiders*, a estes atribuíam características ruins, tais como a delinquência e violência.

Esta análise sobre os *estabelecidos e outsiders* tornou-se pertinente para pensar a presença dos ciganos na cidade, já que – quando recém-chegados - também eles eram *outsiders*, contrapondo-se aos moradores, os *estabelecidos*. Não discutindo como em Winston Parva a superioridade dos estabelecidos em relação aos *outsiders*, mas como um parâmetro (referência) para se evidenciar como tais diferenças entre recém-chegados e moradores, na perspectiva dos ciganos e moradores locais, geraram tais relações.

Sendo assim, ao contrário de Winston Parva ao dizer: “[...] não havia diferenças de nacionalidade, étnica, ou racial, credo religioso ou nível de instrução (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.23), há uma diferenciação entre ciganos e moradores iniciando-se pelo fato dos primeiros formarem um grupo étnico diferente. O trabalho em Winston Parva investigou as relações de força entre dois grupos, distintos pela integração e coesão, pois, enquanto um era mais integrado e mais coeso, o outro, era menos.

Dentre as semelhanças do estudo, serve-nos de referência ainda o fato de haver “[...] grupo de antigos residentes, famílias cujos membros se conheciam havia mais de uma geração, estabelece para si um estilo de vida comum e um conjunto de normas”. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 25). Neste momento, é importante ressaltar que os mora-dores de São João do Paraíso, também tinham tal coesão e integração de conhecimento entre si, em razão de a maioria das famílias dos moradores já morarem naquele local há muitas gerações.

Dessa forma, a presença cigana na cidade causou, em primeiro momento, um im-pacto por faltar conhecimento a respeito dos ciganos. Dessa forma, “repetidamente, cons-tata-se que os outsiders são vistos pelo grupo estabelecido como indignos de confiança, indisciplinados e desordeiros (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.27). Os moradores estabele-cidos viam os recém-chegados com preconceitos de desconfiança ou de indisciplina,

como já ilustrado. Isso está presente nos depoimentos dos ciganos sobre a sua chegada na cidade e a relação inicial com os moradores.

Percebendo a presença cigana na cidade, “a ação comunitária assim originada costuma manifestar-se, em geral, de modo puramente negativo, como diferenciação ou desprezo, ou, ao contrário, com medo diante dos patentemente distintos” (WEBER, 1999, p.267). Inicialmente, há então um certo desprezo e também medo pelo diferente, quando são formuladas representações sobre os ciganos que os afastam – da possibilidade de firmar relações próximas com a população da cidade. Outra observação feita por Elias e Scott ajudaram-me a entender meu contexto de pesquisa:

Ao mesmo tempo, a evitação de qualquer contato social mais estreito com os membros do grupo outsider tem todas as características emocionais do que, num outro contexto, aprendeu-se a chamar de “medo da poluição”. Como os outsiders são tidos como anômicos, o contato íntimo com eles faz pairar sobre os membros do grupo estabelecido a ameaça de uma “infecção anômica”: esses membros podem ficar sob suspeita de estarem rompendo as normas e tabus de seu grupo; a rigor, estariam rompendo essas normas pela simples associação com membros do grupo outsider. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.27)

Segundo o Tião, a maioria dos comerciantes tinham medo deles e demonstravam isso mesmo quando entravam numa loja comercial para as suas compras habituais, por vezes, deixando um funcionário para acompanhá-los, vigiando-os de perto. Aos ciganos eram atribuídos os comportamentos errados ocorridos na cidade e a palavra “cigano” passava a indicar uma categorização pejorativa.

Assim, o substantivo passa a adjetivo. Denominar uma pessoa como cigana indicava uma forma de qualificação e hierarquização, deixando implícito a possibilidade de que a índole deste indivíduo supunha a de alguém predisposto a cometer vários delitos. Por ser uma cidade pequena, onde todos se conhecem pelos parentes mais velhos, os povos ciganos só eram conhecidos como “os ciganos”, designação repleta de estereótipos,

Os conceitos usados pelos grupos estabelecidos como meio de estigmatização podem variar, conforme as características sociais e as tradições de cada grupo. Em muitos casos, não têm nenhum sentido fora do contexto específico em que são empregados, mas, apesar disso, ferem profundamente os outsiders, porque os grupos estabelecidos costumam encontrar um aliado numa voz interior de seus inferiores sociais. Com frequência, os próprios nomes dos grupos que estão numa situação de outsiders trazem em si, até mesmo para os ouvidos de seus membros, implicações de inferioridade e desonra. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.27)

Quando os ciganos chegaram na cidade, eles se fixaram em bairros sem nenhuma casa, onde passaram a ser os primeiros moradores, embora esses lugares, conforme citado, periféricos, longe do que na época poderia se considerar o centro da cidade¹⁷. Dessa forma, percebe-se que onde os primeiros ciganos se fixaram eram longe do centro da cidade em bairros distantes da população em geral, o local passou a absorver a marca cultural e social dos seus mais antigos ocupantes, este bairro, por anos foi chamado de “setor dos ciganos” ou “bairro dos ciganos”.

Tal distanciamento na localização dos ciganos na cidade mostrava como estes não tinham uma integração com a sociedade paraisense. As relações entre ciganos (*outsiders*) e moradores (*estabelecidos*) eram marcadas pela estigmatização. Segundo os autores “[...] A estigmatização, como um aspecto da relação entre estabelecidos e outsiders, associa-se, muitas vezes, a um tipo específico de fantasia coletiva criada pelo grupo estabelecido”. (ELIAS; SCOTSON, 2000, p.35)

Como destaca o Tião, sobre os preconceitos sofridos ao chegarem na cidade, os ciganos tinham uma *má fama*: eram considerados ladrões, trambiqueiros. Ainda sentiam, por parte da população, um certo receio e distanciamento. Em uma das minhas primeiras incursões a campo, os relatos de Tião eram sobre como as pessoas costumavam atrelar os estereótipos de ladrões e trambiqueiros a eles.

Foi um dos meus primeiros encontros com eles. Foi no período da tarde, estávamos na área externa da casa dele e a conversa se iniciou com indagações sobre o ser cigano, quem efetivamente eles eram e como viviam. Ele então discorre sobre como a vida dos ciganos foi difícil, explicando-me ainda como já sofreram muito. Além de sofrimentos advindos de questões socioeconômicas, Tião aponta também o preconceito e a visão da sociedade local em relação aos ciganos. Neste momento então, depois da introdução sobre os xingamentos, eu indaguei sobre os preconceitos sofridos na cidade.

Tião então logo fala sobre os muitos preconceitos na cidade, discorrendo sobre o dia foi em uma loja comprar algo pedido por sua filha e ele pediu um prazo de alguns dias para pagar, (normalmente, naquela cidade, os comerciantes vendiam para pagamento futuro, posterior, fiado). Tal prazo, portanto, seria apenas para quando ele receberia um dinheiro; entretanto, o vendedor se recusou. Pouco tempo após sair da loja, ele recebeu a ligação do filho, informando-lhe que já havia recebido o dinheiro. Ele então retornou à

17 Conforme aponta Ferrari (2002) “[...] Etnografias revelam que o estabelecimento à margem da cidade constitui um hábito entre os ciganos, seja por questões burocráticas, práticas ou simbólicas.” (FERRARI, 2002, p.133).

loja e comprou à vista o produto. Segundo ele, o vendedor tentou dar desconto, mas ele recusou e disse que pagaria o preço cheio, sem qualquer abatimento.

Os ciganos foram (e em certa medida, ainda são) discriminados pela população local, em razão dos pré-conceitos formados a respeito deles ao longo da organização daquele novo bairro, em cujas casas viviam os ciganos, dado por certas características culturais deles que foram condenados pela sociedade em geral. Silva (2010) em seu trabalho intitulado: “*“Aqui todo mundo é da mesma família”*: Parentesco e relações étnicas entre os ciganos na cidade alta, Limoeiro do Norte-CE”. Dessa forma, o autor analisou como os ciganos, na presente cidade, em suas relações com a população local eram definidos a partir de imagens depreciativas, ações e normas desviantes tais como, roubo, enganação e mendicância. A imagem dos ciganos nesse contexto estava ligada ao espírito aventureiro, nômade.

Dessarte, as pessoas ciganas da presente pesquisa relataram a dificuldade pela qual passaram no relacionamento com a população, quando recém-chegados. Havia, portanto, uma normalidade imposta pelos locais em que passaram a viver, até que efetivamente passaram a adentrar nela, para melhor convivência na cidade, organizando sua vida de acordo com os padrões e modelos fornecidos.

Nesse sentido, os ciganos são considerados como indivíduos que apresentam uma predisposição para prática de determinadas atitudes. Logo, esse conjunto de representações presente entre a população local é utilizado para qualificá-los e defini-los na Cidade Alta. E, por conseguinte, tais representações geram uma sensação de insegurança de que, a qualquer momento, os ciganos possam agir de maneira inesperada, principalmente em situações de conflito com não-ciganos ou se forem motivo de comentários depreciativos. (SILVA, 2010, p.54)

Vincula-se à averiguação realizada neste trabalho científico, relacionando-se ao contexto pesquisado, o ponto de vista das pessoas não ciganas em relação aos ciganos. Ressalte-se que tais associações são referentes a uma forma de preconceitos, de utilização de termos pejorativos e depreciativos feitos a uma determinada pessoa ou grupo, neste caso, ao povo cigano. Segundo Silva (2010), o estigma rompe com a normalidade estabelecida. Estigma é, portanto, o conceito que Goffman (2004) utiliza para pensar as interações e manipulações nas representações de uma dada identidade. É um atributo distintivo a pessoas e grupos, uma propriedade. É, de certo ponto, profundamente depreciativa, uma característica evidenciada nas relações sociais, sendo um tipo de atributo de uma

“identidade Social”. Goffman, destaca três tipos de estigmas sociais: Os voltados às “abominações do corpo”, os das “culpas de caráter individual” e, por último, os de “raça, tribo, nação e religião”.

[...] Então, quando um estranho nos é apresentado, os primeiros aspectos nos permitem prever a sua categoria e os seus atributos, a sua “identidade social” para usar um termo melhor do que “status social”, já que nele se incluem atributos como “honestidade”, da mesma forma que atributos estruturais, como “ocupação”. (GOFFMAN, 2004, p.12)

Aos ciganos, são atribuídos predicados negativos, principalmente os indicativos de desonestidade. Segundo Tião, por causa de todos os maus predicativos a eles atribuídos, a população local não confiava neles e os classificavam, categorizando-os a partir da possibilidade de tais características ruins, entre elas, havia ainda os boatos de envolvimento com roubo ou os ímpetos de valentia.

Longe de representarem os ciganos, tais classificações mitificavam o povo cigano, fazendo do indivíduo alguém perigosamente diferente, um anormal. Assim, esse conjunto de características outorgadas ao cigano é, segundo Goffman (2004), um estigma capaz de danificar a imagem de qualquer pessoa, pois, segundo o autor: “[..] um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo” (GOFFMAN, 2004, p.13) no qual a sociedade envolvida leva em conta uma imitação de realidade como se fosse a própria realidade, utilizando-se nessa representação os estigmas como se fossem características e os anseios, como fatos.

Desse modo, a sociedade determina um ideal de normalidade e os ciganos, por serem diferentes desse ideal e estigmatizados por ele, rompem com a normalidade desejada, passando por conflitos, como bem destacou Lailson Silva (2010), ao afirmar: “Entre os ciganos, tais interferências acontecem porque o estigma é uma característica diferente do previsto, que rompe com a organização criada para sociedade”. (SILVA, 2010, p. 53).

Compreendo assim a situação relacional entre ciganos e moradores, isso se compreendida no campo teórico das relações sociais, a partir das respectivas categorias de *outsider* e *estabelecidos*. É necessário entender as relações entre moradores e ciganos, problematizando como tais relações geraram os estereótipos e preconceitos, quando as famílias ciganas chegaram à cidade.

Ao passarem a viver em determinada sociedade, os ciganos passam por um processo de relações conflituosas originalmente daquela organização da sociedade. Acres-

cente-se a isso, o fato de terem outra origem étnica, além de serem de fora e os estereótipos negativos. Sendo assim, “a população não cigana reconhece nos ciganos a figura do ‘estrangeiro’, o que representa um valor operacional na disputa por capitais econômicos e simbólicos, fundando ou solidificando a identificação local” (GOLDFARB, 2013, p. 85).

Simmel (1983) discorre sobre o estrangeiro ou estranho, considerado de fora e não se encontra vinculado à população local, embora a liberdade seja uma característica sua, ainda é visto como alguém móvel, o qual não se liga a absolutamente nada. Assim, conforme o autor, existe dicotomia entre o fixar e o mover, pois:

Se o mover for o contraste conceptual do fixar-se, com a liberdade em relação a cada ponto dado do espaço, então, a forma sociológica do “estrangeiro” representa, não obstante, e até certo ponto, a unidade de ambas as disposições. Revela também, certamente, que as relações concernentes ao espaço são, por um lado, apenas, a condição e, por outro, o símbolo das relações entre os seres humanos. (SIMMEL, 1983, p.265).

O estrangeiro é, portanto, a pessoa cuja forma distante, de certa forma, da população local, pois, “[...] posição de estrangeiro, no entanto, se intensifica fixamente na consciência, se alguém liga o estranho a sua atividade. A atividade, desta forma, se fixa nele” (SIMMEL, 1983, p.266). Sendo assim, os ciganos por serem estrangeiros (os de fora) detêm no nomadismo uma característica cultural marcante, embora fixados ainda detenham características nômades ou por serem considerados nômades, possuem modos específicos de lidar com o espaço. Assim o estrangeiro ou nômade nessa discussão apresenta-se então,

[...] em relação àquele que vem hoje e amanhã se vai, mas como o que vem hoje e amanhã pode permanecer – porque era possível se mover e, embora não siga adiante, ainda não superou completamente o movimento do ir e vir. Fixo dentro de um determinado raio espacial, onde a sua firmeza transfronteiriça poderia ser considerada análoga ao espaço, a sua posição neste é determinada largamente pelo fato de não pertencer imediatamente a ele, e suas qualidades não podem originar-se e vir dele, nem nele adentrar-se. (SIMMEL, 1983, p. 265).

Os ciganos na cidade costumavam comprar, vender ou mesmo ir embora ou se mudarem constantemente. Toda essa mobilidade – em uma cidade onde famílias são fixadas há várias gerações – fazia com que fossem conhecidos como pessoas sem raízes ao local, ou seja, os quais poderiam, a qualquer momento, ir embora, tornando sua estada motivo de preocupação pois não sabiam de onde vinham e se iriam ficar.

Todavia, a representação dos ciganos como estrangeiros já estava presente em obras literárias brasileiras e também na literatura ocidental, considerando-os como viajantes, originados de diversos locais diferentes, os mais variados possíveis. A figura do cigano está relacionada sempre a quem está de fora, ou vem de fora, desconhecido. Dessa forma,

Das distintas situações em que o cigano aparece na literatura ocidental, abstrairam-se dois aspectos primordiais: o cigano como um estrangeiro de muitos lugares e de lugar nenhum, e o cigano como uma zona de ocultação, que reúne mistério, desconfiança, fascínio e medo. (FERRARI, 2002, p. 134)

O estrangeiro simboliza muito bem como os ciganos são representados, desde o encontro dos povos ciganos com o ocidente, até em outras sociedades em encontros recentes, nos mais diversos contextos, pois “[...] o estrangeiro por excelência é o sujeito que vem de mais longe; e longe, nesta metáfora, quer dizer um mundo desconhecido, um mundo oculto ao ocidental (FERRARI, 2002, p. 135).

Sendo assim, essa metáfora se assemelha aos ciganos (quando recém-chegados) do contexto pesquisado neste trabalho, pois os que chegaram na cidade de São João do Paraíso eram desconhecidos e não se sabia de onde vinham, se iriam ficar e nem para onde estavam indo. Entretanto, ao dizerem quem eram, a própria afirmação de serem ciganos trazia consigo um mundo de mistérios sobre suas práticas culturais. Como nos diz Simmel (1983), o estrangeiro não é o que chega hoje e vai amanhã, mas aquele que permanece. Assim os ciganos apresentados nesta dissertação são estrangeiros, mas também permanecem. Nesse sentido,

O estrangeiro, contudo, é também um elemento do grupo, não mais diferente que os outros e, ao mesmo tempo, distinto do que consideramos como o "inimigo interno". É um elemento do qual a posição imanente e de membro compreendem, ao mesmo tempo, um exterior e um contrário. SIMMEL, 1983, p. 265)

Os ciganos em São João do Paraíso (MA) não vão embora, ao contrário se fixam e se expandem na cidade. Eles aprenderam a manter relações próximas com a população local, negociando e redirecionando os estigmas e estereótipos, a fim de construir uma imagem positiva, cuja ligação, embora seja inicialmente de descrença e desinteresse, podem vir a tornarem-se vínculos de confiança quase familiar mesmo que tal ligação do cigano enquanto estranho perdure, pois pode haver sempre um distanciamento entre estes.

As relações entre ciganos e não ciganos é, portanto, demarcada pela diferença étnica, e nesse sentido: “[...] cigano é sempre alguém de fora, mas também, alguém que está aqui. Tal ambiguidade movimentava a relação da sociedade local com o cigano, pois

não se trata de uma simples antinomia < dentro / fora >, embora esta lhe sirva de base conceitual” (FERRARI, 2002, p. 205). Todavia, o estrangeiro e o cigano apresentam-se sempre como o de fora, com características móveis.

O estrangeiro é visto e sentido, então, de um lado, como alguém absolutamente móvel. Como um sujeito que surge de vez em quando através de cada contato específico e, entretanto, singularmente, não se encontra vinculado organicamente a nada e a ninguém, nomeadamente, em relação aos estabelecidos parentais, locais e profissionais. (SIMMEL, 1983, p. 267)

Dessa forma, situações corriqueiras como a compra e venda de móveis ou imóveis e a mudança de residências, reforçavam, no imaginário dos munícipes, a figura dos ciganos como pessoas móveis, os quais não se vinculavam com a cidade. Com o passar dos anos, mesmo continuando comprando e vendendo, eles passam a residir em um só bairro, apenas em uma casa e buscam relações mais amigáveis com a população local, porém, mesmo com todo esse engajamento e permanência na cidade, cabe destacar que:

O estrangeiro parece próximo, na medida em que a ele o outro da relação se iguala em termos de cidadania, ou em termos mais social, em função da profissão, criando laços internos entre as partes inter-relacionadas. O estrangeiro parece mais distante, por outro lado, na medida em que esta igualdade conecta apenas os dois da relação de forma abstrata e geral, não havendo assim laços de pertença. (SIMMEL, 1983, p. 269)

Sendo assim, mesmo os ciganos adentrado naquela sociedade, embora seguissem as normas e regras vigentes continuavam vistos ou considerados como “de fora”. Após anos morando naquele local, a distância entre a população local e os ciganos é demarcada por uma linha imaginária; traçada seja pela população nativa, originária, seja pelos próprios ciganos.

Os ciganos da presente pesquisa destacam o pertencimento étnico e, mesmo como moradores, que acionam alguns elementos culturais como a língua e o passador andador, sendo eles, pois, elementos identitários, os quais serão melhor abordados no terceiro capítulo. Na cidade, esses sujeitos são conhecidos pelo nome e pela designação cigano. A pertença étnica sobressai à condição da paraisense, independentemente do tempo de permanência na cidade ou da condição de nascido no local.

Patrícia Goldfarb (2013), ao escrever sobre as relações entre os sousenses e os ciganos em Sousa (PB) salientou a falta de relações amigáveis entre estes. Havia uma fronteira étnica entre não ciganos e ciganos – considerados de fora, representando alguém não pertencente ao mundo ali existentes. Dessa forma, “A população não cigana reconhe-

cia nos ciganos a figura do “estrangeiro”, o que representa um valor operacional na disputa por capitais econômicos e simbólicos, fundando e solidificando a identificação social.” (GOLDFARB, 2013, p.85)

Outsiders e estrangeiros destacam as primeiras representações a respeito dos ciganos em São João do Paraíso (MA), e tais interações produzem estereótipos e preconceitos a partir de noções e imaginários já fomentados sobre esta população. Ao se relacionar com os moradores de São João do Paraíso, podemos pensar sua condição podendo ser refletida a partir da categoria de *Outsiders*: tanto por serem de fora, quanto por serem considerados pessoas desviantes ao grupo local, as normas e ordens locais, prevalecendo a regras e normas regulamentadoras do *ethos* ciganos. Assim considerados estrangeiros, veremos como os ciganos vão negociando com os estigmas e ressignificando suas relações com os moradores locais a partir da história de chegada desta família cigana Calon.

2.2. *Redirecionando e negociando os estereótipos e estigmas*

Apesar dos anos de residência na cidade, eles reconhecem ainda existir preconceito por parte dos moradores. Dessa forma, os ciganos buscam também, ao firmar sua identidade étnica, uma manipulação, ou seja, negociar e redirecionar os estereótipos e preconceitos, visando ressignificar a identidade, na qual o ser cigano não esteja relacionado apenas ao estigma.

Durante minhas conversas com os ciganos, eu buscava sempre identificar os preconceitos percebidos e vivenciados por eles no dia a dia, interrogando o que eles achavam de tais preconceitos. Tais questionamentos sempre eram recorrentes com os ciganos entrevistados e, em uma tarde, enquanto conversava com a Francina, ela destacou que;

Tem muito morador aí que tem preconceito com cigano, acha que cigano rouba isso e aquilo, mas nem todos são assim. Nem todos os moradores conhecem a vida dos ciganos, como o meu pai falou naquele dia. A época que nós chegamos aqui a gente não tinha conhecimento com o povo e eles ficaram julgando a gente, dizendo que era ladrão, e tudo isso. Aí hoje, nós estamos morando aqui há mais de 20 anos, aí eles já sabem quem somos nós, estamos trabalhando aqui. (Francina, 2020)

Segundo Francina, um dos preconceitos enfrentados foi a rotulação como ladrões, mas, a partir da convivência com os moradores na cidade, estes perceberam o quanto os ciganos eram diferentes do imaginário. Na maioria dos diálogos destacados na pesquisa, fica visível como eles, ao relatarem os preconceitos, realçam que não são assim e buscam

evidenciar o motivo dos preconceitos e acentuar como seu grupo cigano é diferente, não se enquadrando em tais estereótipos, e que hoje detém uma imagem positiva na cidade.

A relação entre os atores é marcada pelo controle da informação, porém o contato contínuo permite a percepção de atributos capazes de caracterizá-lo como estigma, ou alguma propriedade depreciativa. O contato com outro também tem relevância na manutenção de um papel já definido. Goffman (2013), ao discorrer sobre a interação face a face, destaca que cada ator desempenha um papel em relação a outros, e nesse papel, este pode obscurecer certas informações.

Ao pensar numa representação, é fácil supor que o conteúdo da encenação é somente uma extensão expressiva do caráter do ator e ver a função da representação nesses termos pessoais. Esta é uma concepção limitada e pode obscurecer diferenças importantes na função da representação para a interação como um todo. (GOFFMAN, 2013, p.76)

Diante disso “[...] O estigma e o esforço para escondê-lo ou consertá-lo fixam-se como parte da identidade pessoal” (GOFFMAN, 2004, p.76). Desse modo, a identidade pode ser pensada de forma estratégica, quando em um “tipo extremo de estratégia de identificação consiste em ocultar a identidade pretendida para escapar à discriminação” (CUCHE, 1999). Percebendo assim, há a manipulação da identidade perante o outro.

Os ciganos, para demonstrar sua imagem positiva na cidade, destacam as relações desenvolvidas com os não ciganos, pois “*Aqui todo mundo me conhece, de Porto Franco pra cá. Eu só mando recado e as pessoas mandam as coisas pra mim. Uma pessoa direita entra em todo lugar, né*”. Nesse sentido, tais relações amigáveis ainda encontram na confiança um ponto chave, e tal confiança advém de uma desconstrução a respeito da imagem estereotipada recebida ao chegar na cidade.

Tal desconstrução na imagem é fundamental para produzirem relações amigáveis com a população local e esse reconhecimento como pessoas honestas e cumpridoras de seus deveres legais, buscando não cometerem ilícitos tornando-se fundamental para o desenvolvimento de uma imagem moral positiva: “*Agora, em qualquer comércio que entro eu compro fiado ou a vista. Em nome de Jesus. Tudo que tenho é graças à Deus. (Tião)*”.

Michael Herzfeld (2005), em *Intimidade Cultural Poética Social no Estado Nação* explora as movimentações dos atores sociais, com suas adaptações e estratégias para compreensão de dada realidade social. Além disso, mostra como estes atores reificam papéis e identidades sociais em suas relações.

O autor utiliza a *Intimidade Cultural* para compreensão dos detalhes marginais e interpretação da realidade social, usando estereótipos para, a partir da intimidade dessas rotulações e de como os atores agenciam e negociam tais imagens, mesmo sendo negativas.

As interações sociais são assim marcadas pelas reificações de papéis e identidades. Ao discorrer sobre *Definições e Fronteiras*, o autor apresenta o termo étnico como um termo moral, por implicar “uma diferenciação qualitativa entre os de dentro e os de fora” (HERZFELD, 2005, p. 113).

As contribuições de Herzfeld para esta análise adensam o debate de pensar os ciganos como *outsiders e estrangeiros*, indicando serem essas referências morais impositivas à identidade social. Dessa forma, considerá-los ladrões e valentes, os quais sempre se envolveriam em brigas, por ser parte de sua condição de estrangeiro. Herzfeld (2005), discorre sobre a fusão da identidade social à moralidade, e “os forasteiros permanecem inferiores aos nativos” (HERZFELD, 2005, p.115).

Diante de todo esse cenário, o autor aponta que os “actores sensíveis conseguem negociar as tensões da identidade social e da vida quotidiana” (HERZFELD, 2005, p.127). Como fora destacado, os ciganos em São João do Paraíso eram considerados como ladrões e valentes. Todavia, durante o contato com Tião, percebi o destaque dele ao fato de a população, aos poucos, constatarem que eles (o seu grupo) não eram desonestos e, conforme o próprio Tião, “*isso ocorria porque os ciganos de primeiro daqui entravam no comércio e roubavam tudo. E hoje isso já mudou, graças a Deus*”.

Michael Herzfeld (2005) analisa os estereótipos de forma contextualizada, buscando entender como os atores agenciam esses rótulos impostos, fomentando a discriminação negativa a eles. A partir do trabalho de campo e do maior contato com o grupo familiar dele, Tião falava dos preconceitos sofridos por eles em sua chegada e pelos quais ainda passam na cidade. Segundo Tião, tal fato se deve a outros ciganos malfeitores cuja perversão imprimiu na população da cidade o descrédito e a desconfiança em todo o povo cigano daquela região cujas representações foram construídas pela população paraisense, a partir das más ações cometidas por tais ciganos, e estes acabaram sendo englobados nestas representações.

Eles me falavam sobre os moradores locais não conhecerem a vida de todos os ciganos, e sobre o seu grupo ser diferenciado em relação, até mesmo, a outros grupos que já estiveram na cidade. A partir da fala do Tião, pode-se ver como ele retira de seu grupo e de si as acusações impostas aos ciganos na cidade, e passa tais representações para os

outros ciganos. Esta estratégia de retirar os estigmas de si e direcionar a outros é apontada por Conceição¹⁸: “A esses sujeitos (ou grupos) especificamente são endereçadas todas as acusações que são ou podem ser remetidas à coletividade, como uma estratégia de purificação da imagem. Chamo essa prática de reendereço do estigma”. (CONCEIÇÃO, 2018, p.259)

Redirecionar o estigma é uma forma de retirar de si a marca negativa e limpar a moral, criando uma outra moral frente a sociedade, a fim de buscar uma nova construção de identidade étnica (aos ciganos) como pessoas boas, sem os estereótipos atribuídos à maioria dos seus. Diante disso, Tião destaca o fato dos ciganos terem construindo uma nova moral frente aos estereótipos e preconceitos e, conforme seu relato, “*A moral, nós fomos trabalhando e eles foram vendo que a gente estava trabalhando, certinho, direito*”.

Durante meu trabalho de campo, comumente havia relatos sobre tais preconceitos e como não se enquadravam a eles, mas sempre citavam histórias de outros ciganos agindo de forma errada, justificando o fato da população em geral ter receio.

Mirian Souza (2017) destaca, em seu contexto pesquisado em um acampamento no Rio de Janeiro, os ciganos diante dos estereótipos de “ladrão, velhaco e trapaceiro”, não negarem tais estereótipos, porém, afirmam e imputam a outros ciganos. Os ciganos participantes da minha pesquisa em São João do Paraíso buscam, a partir das relações com a população local, distanciar-se de tais representações e estigmas direcionados ao seu grupo, para assim viverem de forma tranquila na cidade, imputando a outros ciganos tais estereótipos.

Ao adentrar a sociedade paraisense, eles não ocultam a pertença étnica, pelo contrário, firmam sua condição como ciganos e buscam estabelecer melhores relações com a população local, a fim de se fixar na cidade, mantendo negócios com os locais. Ademais, destacam que vivem apenas no seu grupo visando a manutenção de uma moral diferenciada daquela apontada nos estereótipos, para não ocorrer nenhum problema que venha a ser motivo de novas representações negativas.

A construção de uma imagem positiva a seu respeito, conforme destacado por Tião e seus familiares, aos poucos permitiu o desenvolvimento de relações de amizade

18 Conceição (2018) se utiliza de tal categoria analítica para demonstrar como os moradores de condomínio populares no Rio de Janeiro - que foram construídos por programas sociais - se utilizam da condição de moradores de um condomínio como limpeza moral do estigma advindo de sua origem favelada.

com os moradores de São João do Paraíso e a permanência no município, vivendo há mais de 20 anos nessa localidade, sempre negociando e se estabelecendo como ciganos, permitiu se considerarem grandes contribuidores na construção e expansão da cidade, a partir das relações sociais e buscando uma moral frente a população paraisense. Em uma das primeiras visitas, o Tião me falava da importância do trabalho e de não se envergonhar de trabalhar, destacando que *“já trabalhei até pegando lixo na rua, não tenho vergonha de contar minha vida não, e fui começando até que Deus me deu minhas coisas para trabalhar”*.

Em outras oportunidades, sempre reforçava como o trabalho era algo próprio dos ciganos e, em pelo menos uma ocasião, ele me falou a seguinte frase *“cigano pari, já está trabalhando”* e relatou a importância do trabalho, destacando tal fato como algo que fez a população local mudar a visão sobre eles, pois quando *“a pessoa trabalha direito agora não se tem mais preconceito, eu sou de dentro da casa das pessoas”*.

Segundo Tião, o trabalho mostrou aos moradores da região que os ciganos não eram ladrões assim, aquelas pessoas eram, portanto, trabalhadoras, estavam construindo, embora inicialmente, uma moral frente à sociedade. Cynthia Sarti (1994) discorre sobre o valor do trabalho em um bairro do município de São Paulo, a autora disserta sobre o trabalho ser muito mais que um meio de sobrevivência material, há então benefícios morais desta atividade.

Ao identificar o valor do trabalho para moradores pobres da periferia de São Paulo, ela passou a observar as várias denotações negativas atribuídas a eles e é então a partir do trabalho, quando essas pessoas se igualam com as outras, utilizando-se da *“honestidade, e sua predisposição de vencer”* (SARTI, 1994, p.120), requeridos pelo valor positivo do trabalho.

Sendo assim, os ciganos, ao carregarem consigo vários estereótipos, dentre eles: de serem ladrões, ou, desonestos. E segundo Tião, a partir do trabalho eles criaram uma moral frente a tais estereótipos, garantindo-lhes respeito e dignidade, como disse Cynthia Sarti (1994) ao mostrar como o valor do trabalho não se inscreve apenas na lógica econômica do mercado, mas constroem uma ideia de autoridade moral, como honestidade, honra e orgulho.

2.3. Da chegada ao cotidiano na tessitura das relações: “Aqui todo mundo conhece a gente”

Pensando as relações entre ciganos e não ciganos a partir de uma dinâmica do “tempo de parada” (MONTEIRO, 2019), percebo o tempo vivido em um determinado local possibilita uma negociação sobre as informações circuladas sobre eles, ou seja, existe um tipo de negociação sobre os ditos dos ciganos. Quanto maior for o período do tempo e parada, maiores serão as possibilidades de uma relação mais amistosa entre ciganos e não-ciganos. Como aponta Rosa: *“O Tião é muito conhecido aqui, e faz tempo que mora aqui”*.

É possível perceber as representações e estigmas sendo negociados e redirecionadas, aos poucos, a partir da permanência dos ciganos na cidade. Tais circunstâncias de negociação auxiliaram na tarefa de fixação de moradia, bem como no trabalho de manter relações de amizade ou de negócios na cidade. Embora seja plausível que os preconceitos na cidade não tenham desaparecido completamente, como bem destaca a filha de Tião: *“tem muito morador que tem preconceito, mas eles não conhecem a vida dos ciganos”* (FRANCINA, 2020).

Como bem destacou Mirian Souza (2017, p.281) “os ciganos também têm um repertório de representações negativas sobre os não ciganos”. Percebi isso durante meu trabalho de campo, quando eles falavam sobre a criação de seus filhos, destacando as vezes nas quais foram rígidos quanto à criação de seus filhos, principalmente, no tangente à companhia deles com alguns moradores, “por que tem muitos moradores que gostam de maconha, nós não soltamos nossos filhos não, não andam de bebeção¹⁹ muito, sempre no cabresto,” (resposta compartilhada entre o Tião e o Diogo). A própria filha de Tião também salientou a preferência dos mais jovens pelo consumo de bebidas alcoólicas entre eles, bem como informou a predileção por não frequentarem as festas locais, por causa, principalmente, do receio de ocorrerem brigas sérias, podendo chegar a mortes. Sendo assim, a partir desta negociação da imagem dos ciganos, eles então estabeleceram relações amigáveis com a população local, passando assim a serem reconhecidos na cidade, construindo uma moral própria frente aos estereótipos e preconceitos bilaterais.

Os ciganos do grupo do Tião vivem há mais de 20 anos na cidade. Como destacado anteriormente, a chegada dos ciganos ao município resultou em relações conflituosas com os moradores locais. Os ciganos recém-chegados foram vítimas de vários preconceitos por causa de sua origem étnica. Porém, ao mesmo tempo em que o município foi se formando e firmando, eles foram se estabelecendo e se fixando na cidade e tornando-se

¹⁹ Bebeção, se refere ao ato de consumir muita bebida alcoólica.

agentes importantes nesse processo de emancipação e crescimento econômico de São João do Paraíso.

Ao iniciar a pesquisa com os ciganos, ainda em 2017, Tião utilizou-se de uma frase para demarcar sua diferença em relação aos demais residentes da cidade: “*você é moradora e nós ciganos*”. Embora talvez não fosse intencional, a frase, implicitamente e em conjunto com os elementos culturais formadores de sua visão de mundo, apresentava o cerne do modo de ser de um cigano como a vida de um *andador*²⁰ e esse estilo de vida foi trazido por eles para esta cidade. Entretanto havia a percepção de estarem na condição de moradores e hoje, em uma condição de moradores na cidade, estava havendo *misturas*²¹ entre ciganos e moradores, dando como exemplo suas noras.

A emancipação da cidade ocorreu há 25 anos e seu desenvolvimento se deu a partir da fixação e expansão dos ciganos no município. Assim, conforme relatos de Tião, eles não pretendem ir embora da cidade, pois a consideram boa para morar, pois, vários ciganos foram embora e se arrependeram, por ser uma cidade “*Muito boa, onde todos conhecem a gente, não pretendemos ir embora*” e, sendo bem conhecidos na cidade, hoje gozam de uma reputação moral construída no dia a dia perante a população, principalmente por meio do trabalho. Os ciganos acreditam estar demonstrando, a partir dessas ações, que as visões estereotipadas a respeito do seu grupo não se encaixam na realidade e muito menos entre eles.

Rosane Prado (1995), em *Cidade Pequena: Paraíso e inferno da pessoalidade*, destaca o seu estudo em Cunha, cidade do interior de São Paulo. Nesse estudo, a autora identificou como o contexto social era marcado pela *pessoalidade*. Sendo uma cidade pequena, todos os moradores se reconhecem, sempre se sabe com quem se está falando, sempre se é uma “pessoa”. Em Cunha, segundo a autora, não podia ser indivíduo, ou seja, “um cidadão entre outros, não identificado, em uma situação de impessoalidade e de igualdade, com ausência de privilégios e discriminações.” (PRADO, 1995, 34)

Tal contexto social é marcado pela pessoalidade, ou seja, as pessoas são sempre identificadas e posicionadas, “filho de alguém, parente de alguém, da roça da cidade, relacionado a uma família, grupo ou posição” (PRADO, 1995, p.34). A cidade pequena é marcada pelo reconhecimento de todos, a autora considera a cidade pequena como “uma

20 A vida de andador foi acionada pelos ciganos como a categoria definidora do ser cigano, contrapondo-se à vida de um morador. Discutirei mais essa categoria no próximo capítulo.

21 Mistura se refere ao fato de acontecer muitos casamentos entre ciganos e moradores.

grande casa”, pois como nos diz Damatta (1981) enquanto a casa é o universo das “pessoas”, a rua é o espaço dos indivíduos.

Diante disso, as relações em Cunha são relações entre pessoas, começando pelo reconhecimento como membro de alguma família, sendo referidos pelos nomes dos pais ou apelidos, ou seja, para o reconhecimento de alguém, há referência a outras pessoas, como o esposo, Maria do Guido (esposa do Guilherme), ou aos pais, Cida de João Barba, atravessando gerações com tais nomeações. (PRADO, 1995)

O efeito de tais nomeações como formas de reconhecimento e de relações pessoais, traz consigo a confiança, algo básico nesse sistema, “na medida em que todos são identificados, ou rapidamente identificáveis, pela relação com alguém” (PRADO, 1995, p. 38). Sendo assim, em Cunha, a partir do reconhecimento se gera confiança, não havendo a necessidade do uso de documentos, pois, o fato de ser reconhecido por alguém, já comprova quem é a pessoa. Outro ponto interessante de tais relações destacadas em Cunha é a venda em quitandas e comércios, com anotações em cadernos para serem pagas no fim do mês, segundo a autora, o crédito na cidade é requerido por meio da confiança e do reconhecimento.

O cenário retratado em Cunha é similar ao de São João do Paraíso (MA), cidade na qual residem os ciganos foco desta pesquisa. Sendo uma cidade pequena do interior do Maranhão, as relações são marcadas pela *personalidade*, situação facilmente perceptível nas minhas visitas, durante a pesquisa de campo, marcadas pelo meu reconhecimento como pertencente a uma família da cidade.

Os ciganos da família do Tião, quando recém-chegados na cidade, foram considerados estrangeiros e, aos poucos, foram adentrando a esse sistema de relações, sendo importante destacar o fato deles afirmarem serem conhecidos por todos na cidade, e basta perguntar quem é o Tião, pois “todos já sabem” e tal reconhecimento permite aos ciganos serem reconhecidos na cidade, adentrando relações de *personalidade*.

A confiança, algo a ser destacado nas relações de *personalidade*, foi conquistada a partir desse processo, pois como os próprios ciganos afirmam, agora compram em qualquer loja, em contraste com o início de suas histórias vividas na cidade, quando eles chegaram e foram tentar comprar a prazo, não conseguindo. Como em Cunha, comprar nas lojas e comércios da cidade, às vezes, não precisa de documentos, mas sim da confiança gerada pelo ato de conhecimento dessa pessoa.

A cidade pequena, segundo Rosana Prado (1995), é um lugar bom para se viver, tanto pela tranquilidade local, quanto pelo reconhecimento de todos. Tal fato é citado

pelos ciganos quando falam da cidade e o que os motivou a decidirem não sair deste lugar, por ser um lugar calmo e no qual todos se conhecem.

Em 2019, um torneio de futsal organizado pela prefeitura municipal, por meio da secretária de esportes, contou com a participação de dois times ciganos, sendo “Estilo Cigano” o nome de um dos times e os times ciganos serem mistos, com jogadores não ciganos, também. É contínua a presença destes times formados e organizados pelos ciganos em campeonatos municipais, demonstrando como o futsal se tornou um instrumento facilitador das relações dos ciganos com os não ciganos, mantendo e fortalecendo tais relações, por meio da constante presença deles nos campos e quadras municipais, desde as crianças aos jovens e adultos.

Sobre a circulação destes nos eventos festivos da cidade, Francina destacou preferirem fazer suas próprias festas e não participarem de festas locais, pois, *há muitas mortes na cidade*. As comemorações festivas acontecidas na cidade, são as festas juninas, durante 10 dias, ocorrendo shows em praça pública, coincidindo, nesse mesmo período, com o aniversário da cidade, que conta com um show próprio. Em outra praça, onde se localiza a igreja matriz, realiza-se a festa do padroeiro da cidade, com missas e quermesses, iniciando as festas após o término dos eventos na igreja.

Além disso, há festas em espaços privados, como shows com bandas e cantores. Durante todo o ano, é comum haver serestas, as quais contam com um cantor local fazendo música ao vivo, inclusive em bares com espaço fechado, adequando às normas do corpo de bombeiro. Porém, muitas vezes as pessoas fecham os espaços para essas serestas, cercando o local. Sempre foi muito comum, principalmente nos anos que antecederam a 2019, haver brigas nas serestas, com a utilização de facas, levando a óbito algumas das pessoas envolvidas e ocorrendo, mesmo em pequena escala, confusões nos shows, também com utilização de facas.

Utilizando fatos outrora ocorridos em algumas festas e eventos, como os citados, os ciganos, quando querem confraternizar, preferem comprar bebidas e ouvir músicas em suas próprias casas, cabendo destacar que eles, apesar de evitarem, também participam de festas na cidade, mas não com tanta frequência, como destacado por Francina.

Os ciganos reforçam o fato de terem boas relações na cidade e destacam a nova imagem referente aos ciganos, construída no dia a dia, por meio da moral advinda por serem trabalhadores, e pela desconstrução dos estereótipos recebidos assim que chegaram. Ademais, sobre as relações entre ciganos e moradores, Tião aponta ser *“Tá boa, muitas pessoas boas, tem o jeito de receber... tem muita gente ruim, né?”*. Ao falarem de

peessoas ruins, estão se referindo às que não os recebem, ou os tratam mal, por serem ciganos.

2.4. “*Esse bairro foi mais eu quem construí, fiz várias casas*”: *As trocas e vendas*

Quando recém-chegados na cidade, houve a necessidade de estabelecerem moradia em um bairro afastado do centro. Os ciganos construíam e vendiam suas casas e era comum eles construírem uma casa de alvenaria, vendendo-se em seguida e irem morar em uma de palha. Por ser comum fazerem isso na cidade, tal fato me intrigava, fazendo pensar o porquê deles saírem de uma casa confortável, retornando para uma sem conforto. Esse questionamento foi respondido durante o campo. Conforme as cunhadas de Tião, isso era algo do ser cigano, pois, eles viviam disso – de fazer uma casa e vender por um dinheiro maior, algo também afirmado pelo Tião.

Como já sabemos, tal bairro era conhecido por setor, ou, bairro dos ciganos, pois foram responsáveis pela sua expansão, principalmente pela construção e venda de casas. Posteriormente, o bairro passou a contar tanto com ciganos, como não ciganos.

Com o passar do tempo, os ciganos se fixam em uma casa, decidindo não vendela, mas, tendo sempre outras casas para venda, ou troca – como já foi destacado, esse foi um desejo da sua mãe.

Os ciganos se consideram grandes contribuintes para a construção e expansão da cidade e, segundo Tião, “*todos conhecem a gente, na época que eu cheguei aqui esse bairro foi mais eu que construí. Ajudei muito, fiz várias casas*”. Os ciganos ficaram assim conhecidos pela venda de casas e os responsáveis pela expansão do Bairro Maciel, atualmente composto por moradores ciganos e não ciganos.

Algo perceptível entre os ciganos Calons, residentes em São João do Paraíso, é que estes “[...] parecem não se importar em serem “ciganos” diante dos gadjes, pois tal atitude garantem que eles possam ser Calons para si mesmos” (FERRARI, 2010, p. 23). Apesar de todas as diferenciações, estigmas e preconceitos sofridos pelos ciganos na cidade, eles apontam a mudança da sua imagem referente nesse município, possuírem boas relações com a população local e que essa mudança se deu porque puderam ver – com o tempo – quem são os ciganos. Como destaca o Tião;

Agora que o pessoal nos conhece aqui sabe que a pessoa trabalha direito. Agora não se tem mais, eu sou de dentro da casa das pessoas, o pessoal todo gosta da gente. Do Porto Franco pra cá, o pessoal todo gosta da gente. (Tião, 2020)

O reconhecimento destes na cidade, adentrando assim ao sistema de personalidade local, é destacado pelos ciganos como algo valoroso, a permanência como moradores na cidade permitiu a convivência com a população, sendo percebidos como pessoas participantes da cidade, tendo localização geográfica e uma moral construída em contraste aos preconceitos sofridos quando recém-chegados.

A permanência na cidade, com um endereço fixo, assim como os moradores, afasta a imagem de estrangeiros e, sendo assim, pode-se pensar que quanto mais fixos na cidade, menos a população local apresenta resistências. Quanto menos andarilhos parecerem os ciganos, mais se relacionaram com a população local.

Os ciganos em São João do Paraíso possuem veículos automotores, como motos e carros, e são proprietários de chácaras, casas e lotes, com a possibilidade da comercialização dos mesmos, conforme o costume cigano. Era muito comum entre as idas e vindas em campo perceber que algum automóvel foi vendido e outro comprado. Recordo de um dia chegar na casa do Tião e ele sair para resolver algo referente as negociações sobre suas propriedades. As trocas e vendas são práticas econômicas importantes para estes ciganos.

As trocas entre ciganos e não ciganos mostram laços de amizades e negócios entre as partes e a cidade de São João do Paraíso (MA) é apontada pelos ciganos como um local tranquilo e bom para se viver, tanto pela cidade ser pequena, como pelos laços criados com a população local, com quem negociam. Tião sempre reafirma não pretenderem “sair desta cidade”.

Marcel Mauss (2003) discorre sobre as trocas e transações cumprirem funções sociais em determinadas sociedades humanas, destacando a moral que advém de tais transações, para além apenas de fins econômicos e a respeito desse fato, Mauss discorre sobre as trocas “[...] nunca se constata, por assim dizer, simples trocas de bens, de riquezas e de produtos num mercado estabelecido entre os indivíduos. Em primeiro lugar, não são indivíduos, são coletividades que se abrigam mutuamente, trocam e contratam (MAUSS, 2003, p.190).

Diante disso, pode-se perceber como as trocas entre ciganos e não ciganos cumprem outras funções, além da econômica, estabelecendo relações de reciprocidade, e confiança entre moradores e ciganos. As trocas e vendas são apontadas como algo que é parte do ser cigano e emerge como possibilidade de sustento, pois, é através destas transações

que sobrevivem. Como destacado por Cirqueira (2020), em sua pesquisa com ciganos Calon em Estreito, também na região Tocantina,

O fato de tais mecanismos garantirem o sustento de suas famílias não significa, em minha ótica, que os ciganos visam apenas o lucro, pois mais do que lucratividade, os ciganos estabelecem relações sociais com os não ciganos, um fato que ficou evidente em minha observação participante quando alguns negociavam com os gadjé (ou gadjo) eles apresentavam seus familiares e faziam perguntas acerca da vida particular de seus clientes, como se quisessem estreitar laços. (CIRQUEIRA, 2020, p. 59)

Como destacado por Cirqueira (2020) em seu contexto pesquisado, no qual o valor simbólico excede o valor das coisas, tais relações compõem um mecanismo para os ciganos escaparem do estigma social e então estreitarem laços e trocando com os moradores locais, eles tecem relações mais confiáveis com estes. Sendo assim, tais trocas “[...]sociologicamente, é mais uma vez a mistura das coisas, dos valores, dos contratos e dos homens que se acha assim expressa. ” (MAUSS, 2003, p.222).

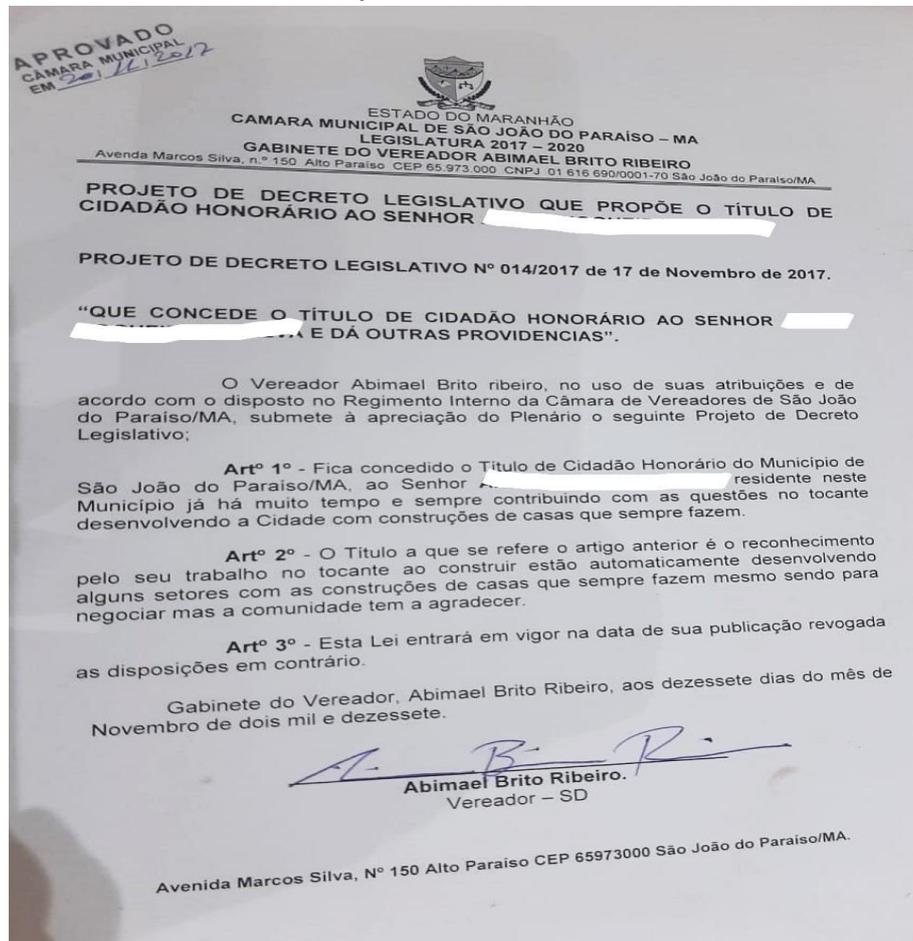
Como já destaquei, as trocas entre ciganos e paraisenses demonstram como se construíram laços de amizade e apesar da importância econômica destas trocas para a sobrevivência destes na cidade, “[...] A finalidade é antes de tudo moral, seu objeto é produzir um sentimento de amizade entre as duas pessoas envolvidas, e se a operação não tivesse esse efeito faltaria tudo” (MAUSS, 2003, p.211).

Destaca-se que tais relações de troca criam e aprimoram relações de confiança com a comunidade cigana. Como fora apontado por alguns dos meus interlocutores ciganos, agora eles têm a confiança dos comerciantes e podem comprar fiado, como os demais cidadãos. A confiança que os ciganos passam a ter entre os paraisenses permite que tais transações ocorram, estabelecendo redes de negociações. Como destacou Barth (1998, p. 225), “[...] Algumas formas de interação podem ser bloqueadas em razão da falta de confiança ou da falta de oportunidade para que se consumam as transações”. Tal situação não ocorre em São João do Paraíso, pois atualmente, os ciganos conseguem desenvolver boas relações com a sociedade local.

Tais redes de negociações não ocorrem somente na cidade em que moram, mas também, em outras do entorno, pois, costumam circular por essas cidades para negociar e pelas relações de parentesco, também: “*Viajamos para visitar os parentes, mas nem tanto. Temos parentes perto de Imperatriz, Piauí, Goiânia, em muitos lugares nós temos*” (Tião).

O processo de socialização e da criação de uma sociabilidade cigana em meio à cidade é evidenciado pelo fato de duas pessoas do grupo de Tião receberem título de cidadão paraisense, pelas contribuições na cidade: “*Eu mesmo ganhei o título de cidadão paraisense meu irmão Diogo também. E assim é a vida, as pessoas querem sempre a melhor*”. (Tião, 2020).

IMAGEM 2: PROJETO DE INDICAÇÃO DE TÍTULO DE CIDADÃO PARAISENSE À DIOGO.



Fonte: Câmara Municipal de São João do Paraíso (MA). Org. Janeide Cavalcante.

O título de cidadão paraisense recebido por eles demonstra o reconhecimento, pelas autoridades locais, das contribuições destes no desenvolvimento da cidade, como destacado no documento, pelas negociações e construções desenvolvidas junto à comunidade local. Os ciganos são reconhecidos na cidade como negociadores e compradores.

Para a compreensão de tais relações é necessário entender as representações por parte dos moradores sobre os ciganos na cidade e, por estarmos discutindo as relações entre ciganos e não ciganos, é necessário ouvir os não ciganos. Diante disso, trago a seguir algumas das percepções dos moradores sobre os ciganos na cidade.

2.5. “*Em especial, os de nossa cidade são pessoas tranquilas e de boa convivência*”: Percepções dos moradores sobre os ciganos em São João do Paraíso (MA)

Como já mencionado, os ciganos estão presentes neste lugar antes mesmo da emancipação da cidade e, por ser uma cidade pequena, a população convive nos mesmos espaços com os ciganos, nos comércios, lojas de roupa, lanchonetes dentre outros locais. A presença destes não se restringe ao bairro, mas, circulam pela cidade, sendo de conhecimento de todos²².

Os moradores entrevistados discorriam sobre os ciganos serem: *Pessoas com linguagens e costumes diferentes. (Ana Cláudia, lavradora, 2021), Um ser humano, com sua cultura própria. (Aurélio, advogado, 2021)*. Os entrevistados, também afirmam que podem perceber quem são ciganos pelo

O Jeito de falar. (Ana Cláudia, lavradora, 21 anos);
 O modo de falar, linguagem. (Aurélio, advogado, 2021);
 Pela aparência. (Oscar, vendedor, 2021);
 A sua fisionomia. (Júlia, estudante, 2021);
 Sua maneira de falar e se vestir. (Beatriz, auxiliar de contabilidade, 2021);
 Cada grupo social tem características específicas (dialetos, vestimenta, comportamento, acessórios), os ciganos também têm as suas. (Helena, professora, 2021); e
 Características físicas e maneira de comunicação (falas, gestos entre outros). (Rosilda, professora e residente do mesmo bairro que os ciganos, 2021).

A linguagem verbal e corporal é, segundo o relato desses moradores, um fator primordial na identificação dos ciganos na cidade. Além disso, também consideram a aparência um fator de diferenciação. Outros entrevistados destacaram poder identificar os ciganos pelo uso de determinados adereços, como joias.

Um dos entrevistados, ao definir os ciganos, discorre que “*em especial, os de nossa cidade são pessoas tranquilas e de boa convivência, se adaptaram ao nosso muni-*

22 A escolha das pessoas a serem entrevistadas tomou como lógica, pessoas públicas das mais diversas profissões, idades e pessoas que moram perto dos ciganos.

cípio, e a população, mesmo com todas as diferenças, soube acolher”. (Cláudio, administrador, 2021). Diante da fala, pode-se perceber como o entrevistado coloca os ciganos da cidade como diferentes de outros ciganos, ao frisar “os da nossa cidade”.

Ao destacar os ciganos da cidade, Cláudio põe em questão haver a possibilidade de outros membros deste grupo étnico não serem tranquilos e amigáveis como os de seu município. Percebe-se que, apesar da particularização da experiência com os ciganos de São João do Paraíso reduzir os efeitos do estigma nas interações nessa cidade, não significou a superação dos estereótipos pejorativos atribuídos aos ciganos, pois, passam a serem identificados como um caso particular.

Sobre o preconceito enfrentado, eles reconhecem que os ciganos passaram por muitos problemas, devido ao fato de serem tratados/considerados como possíveis ladrões, ou pessoas valentes, conforme disseram alguns interlocutores:

Muitas pessoas acham que são ladrões, acham que eles brigam por qualquer coisa. (Ana Cláudia, Lavradora, 2021)

Algumas pessoas evitam o contato com esses povos. (Aurélio, advogado, 2021)

Enfrentam. Muitos julgam por ser ciganos que eles praticam roubo, que são de confusão. (Felicidade, vendedora de loja, 2021)

Foi possível identificar dois estereótipos, a partir das falas dos moradores, ao se referirem aos ciganos como *valentes e ladrões* e, apesar disso, a maioria dos entrevistados denotou que hoje em dia os ciganos na cidade mantêm relações tranquilas e bem amigáveis com os moradores, sendo o preconceito citado como algo que ocorreu com estes, podendo ainda persistir.

Diante dos preconceitos apresentados, alguns entrevistados consideram uma falta de respeito, discordando e alertando que “*assim como ocorre com pessoas que não são ciganas, que podem ser certas e erradas, assim também ocorre com os ciganos*” (Aurélio, advogado, 2021). Outro entrevistado destaca serem tais ações um “preconceito cultural, que já foi mais pontual, mas ao longo dos anos não tem sido tão forte. Mas, infelizmente, ainda existe” (Cláudio, administrador, 2021).

Sobre a presença cigana na cidade, um entrevistado afirma: “*Creio que os ciganos de nosso município já se instalaram e não são mais nômades então creio que só existe um grupo até mesmo porque são conhecidos desde os nossos avós*” (Paulo, estudante de

Agronomia, 2021), permitindo destacar que, o fato dos ciganos estarem presentes no cotidiano do município há muitos anos, e os moradores já os denotarem na condição de fixos na cidade, faz os não ciganos percebê-los, mesmo que em parte, como sendo da cidade.

A condição dos ciganos como moradores e o tempo em que já estão na cidade permite sua inserção no sistema de pessoalidade local, no sistema de relações, pautado no reconhecimento das pessoas, o qual gera confiança e, em decorrência disso, estes são conhecidos, como apontamos anteriormente, e as relações são entre “pessoas”, ou seja, são reconhecidas como parentes de alguém, ou grupo, ou localidade (PRADO, 1995).

Tião e seus familiares já adentraram tais relações de pessoalidade na cidade de São João do Paraíso, e são considerados pessoas *tranquilas* e de *boa convivência*, como destacou um morador. Os entrevistados também destacaram que os ciganos vêm contribuindo economicamente com a cidade.

De forma significativa eles contribuíram para o aumento da cidade, por exemplo: criação de novos bairros, conseqüentemente a expansão econômica do Município. (Paulo, estudante de Agronomia, 2021)

Construindo casas e aumentando a cidade. (Aurélio, advogado, 2021)

Eles têm participação ativa na construção civil do município com vendas de imóveis além de serem fortes clientes dos comércios em geral de nosso município.

Através do seu comércio de joias, animais casas etc. (Paulo, estudante de agronomia, 2021)

A cidade tem crescido bastante, pois os ciganos são grandes construtores de casas nos bairros de nossa cidade. (Helena, professora, 2021)

Os moradores consideram o quanto os ciganos influenciaram na expansão da cidade, a partir da construção e venda de casas, e comprando no comércio, contribuem economicamente para o desenvolvimento local, destacando, também o fato dos ciganos viverem de negócios, trocas e vendas. A maioria dos entrevistados afirmaram considerar a condição financeira é um fator para diferenciação dos ciganos na cidade, pois, “há ciganos mais ricos e ciganos com menos bens”. Ao procurar a secretaria de Assistência Social do município, a responsável pelo Cadastro Único e programas sociais destaca que;

Atualmente temos em torno de 15 famílias ciganas cadastradas no Cadastro Único e participando de programas sociais como Bolsa família , BPC , Tarifa Social de Energia elétrica e outros ...elas são diferentes das demais famílias pelos hábitos ,costumes, língua e tradições , porém utilizam casas próprias como moradia. (Ana Célia, 2021)

Conforme relatado pela servidora, os ciganos residentes na cidade “*São bastante trabalhadores vivem de fazerem construções e venderem*”. Ela ainda destaca que “*A maioria de nossos ciganos são pessoas de fácil adaptação, bastante amigáveis*”.

Os relatos, de uma forma geral, destacam e diferenciam os ciganos culturalmente, denotando como os residentes na cidade são pessoas adaptadas aos padrões locais e são amigáveis. A especificação dos “*ciganos da nossa cidade*” destaca como os entrevistados acreditam na possibilidade de ciganos inseridos em outros contextos agirem diferentemente dos presentes em São João do Paraíso.

A partir das falas dos moradores, podemos destacar considerarem os ciganos como pessoas vivendo na cidade há muitos anos, contribuindo economicamente com esta e, como consequência disso, possibilitando a maioria dos cidadãos terem relações comerciais com os ciganos – alguns dos entrevistados são vizinhos dos ciganos e asseveram como estes são pessoas *tranquilas e amigáveis*.

Todavia, durante o processo de entrevistas, foi possível perceber, também, os preconceitos e estereótipos, por meio de falas apontando como estes eram considerados *ladrões*, ou pessoas *valentes*, gerando consequentemente outros receios como, por exemplo, sobre casamento com ciganos – percebi, pelas respostas, que os entrevistados se dividiram entre sim e não, pois, ainda há receios, mesmo a maioria apontando a possibilidade de relações comerciais. Sendo assim, a seguir entenderemos como os ciganos, diante de tais estereótipos, agenciaram e negociaram a sua identidade e conseguiram construir relações sociais na cidade, tais como o compadrio e o casamento.

2.6. Compadrio e casamentos entre ciganos e não ciganos

Enquanto Goldfarb (2013) aponta, por meio de sua pesquisa em Sousa (PB), como os ciganos não desenvolveram um contexto de interação amigável na cidade, os ciganos em São João do Paraíso (MA) sempre falam sobre as relações amigáveis estabelecidas e como são conhecidos no município, fato também destacado pelos moradores. Tais laços de amizade podem ser evidenciados pelo compadrio.

O aumento na rede de relações com os moradores locais começou quando os ciganos passaram a oferecer seus filhos, ainda na infância, para o apadrinhamento, por meio do batismo católico, para gadjon, ou Juron (moradores), considerados amigos, serem padrinhos. Tal atitude pode ser ressaltada como algo que ajudou na fixação dos grupos ciganos na cidade. Cabe ressaltar que não é uma relação de apadrinhamento com pessoas

“amigas”, pertencentes a burguesia, como apontado nas relações interétnicas entre índios e cidadãos, num mecanismo de classe (OLIVEIRA, 1976), mas sim, a fim de criar laços de união na cidade. O compadrio teria sua grande eficácia como um ritual ligando as famílias em deveres e fé, trazendo uma maior interação interétnica positiva.

Cria-se então uma sociabilidade entre ciganos e *gajons* a partir do compadrio, desenvolvendo relações mais próximas e de afinidade entre padrinho, afilhado e compadre (pai da criança). O compadrio só foi possível pelos laços de amizades criados. Tião cita que no seu grupo familiar há várias pessoas não ciganas apadrinhando crianças ciganas, inclusive seus filhos têm padrinhos entre os *gadjons*: “*Foi através das amizades. Você pega amizade com uma pessoa, convive com ele, aí você pega aquela amizade com ele e tira seu filho para dar para ele batizar*” (Tião).

Eu uma tarde, ao terminar as entrevistas e já me preparando para ir embora, pude presenciar uma moradora da cidade cumprimentando Tião, chamando-o de compadre e perguntando “*como estava*”. A conversa entre eles continuou e ela o questionou pelo seu afilhado, o qual “*não havia visto mais*”. Tião respondeu que ia falar com ele para visitar os padrinhos e em seguida se despediram.

O batismo é um ritual central da igreja católica, pois simboliza a entrada nesta comunidade religiosa, a partir de um renascimento espiritual. Todavia este ritual não encerra seus significados apenas na religião, tendo função tanto espiritual, quanto social, pela criação de laços entre as famílias envolvidas, pois, os padrinhos, conforme as orientações e dogmas da igreja, tornam-se pais espirituais do afilhado.

[...] Enquanto a família biológica tinha a função de criar e educar a criança, essa nova família tinha uma função considerada mais enaltecida e importante: a educação espiritual do batizando. Não obstante, essa segunda família também tinha uma função social, dada não pela Igreja, mas pela comunidade e pela tradição. (SOUZA, 2013, p. 30)

Segundo Souza (2013, p. 31) “o batismo mostra um aspecto diferente: um aspecto social. Com o compadrio e o apadrinhamento, a sociedade encontrou um mecanismo para estender a teia de laços sociais, a fim de envolver mais pessoas e suas famílias”. Cabe destacar, que tais laços se iniciam pela escolha dos padrinhos, pois, esta parte dos vínculos de amizade, como bem destaca Sara: “*Vai depender se a pessoa gostar*”. Os padrinhos farão parte das redes de familiares dos ciganos, estando a partir daí presente em suas festividades.

Sobre o compadrio entre ciganos e moradores, Sara destaca que *“Aqui eles dão seus filhos para não ciganos serem padrinhos, mas tem ciganos por ai, que nem a roupa de morador eles vestem, quanto mais estar se enturmando com morador, e não fala a religião, cultura deles para morador, não se envolvem com moradores”*. Outra interlocutora de nome Rosa reconhece que, no grupo do Tião, *“há muito morador misturado”*, ou seja, indicando existir tais laços de compadrio.

A aproximação entre ciganos e não ciganos, também se dá por meio de casamentos e, a respeito de tais relações, conhecidas como casamentos mistos, Tião destaca que *“para trás não podia haver casamento entre ciganos e moradores, mas hoje o mundo está todo virado, hoje já casa”*. Algo também evidenciado por Sara: *“de primeiro, cigano só casava com cigano, não queriam nem saber de morador. Hoje já tem muita mistura”*. Ele ainda aponta que o seu grupo tem *“muitos casamentos assim”*, dando como exemplo seus filhos, os quais são casados com os moradores da cidade.

No dia 05 de março de 2020, dirigi-me ao bairro onde os ciganos moram, para mais um dia de observação, conversando primeiramente com o Tião e, em seguida, indo para a casa de seu irmão Ramon, na qual estavam sua filha, nora e cunhada, ambas sentadas à porta. Ao juntar-me ao grupo, sentei-me, enquanto elas conversavam sobre a ida de um cigano a fazenda de um *Juron* e, depois disso, começaram um assunto sobre uma loja que vendia vestidos bonitos.

Após alguns minutos de conversação, Luiza, a filha, nora e netos se retiraram, ficando apenas Sara, casada com Diogo, a qual se aproximava, e Rosa, ambas não ciganas. Aproveitei tal fato para conversar sobre as diferenciações entre ciganos e não ciganos e elas então asseguraram sobre o grupo do Tião ser muito conhecido na cidade e bem-visto pelos cidadãos. Nesse momento, elas começaram a discorrer sobre as mudanças e misturas havidas em tal grupo e relataram sobre como foi o processo de inserção em um meio cigano.

No grupo familiar do Tião há muitos casamentos entre ciganos e não ciganos, sendo as mulheres de seus irmãos não ciganas, Rosa e Sara. Por coincidência, ambas não são de São João do Paraíso, mas, oriundas de Centro Novo (MA). Sobre como conheceu seu marido, Rosa destaca que;

Como moravam outros povos do Tião na cidade onde eu morava, eles foram visitá-los. Era tio dele, iam passear pra lá. Aí, eles passavam um monte de dias pra lá, e lá a gente se conheceu. Eu namorava escondida com ele, o pai não queria e nem a mãe, aí foram três anos e ele foi me buscar, e depois fomos para

o Piauí, pois eles moravam lá. Depois fomos para o lugar da minha família e depois viemos pra cá, e até hoje estamos aqui. (Rosa, 2020)

Sobre o processo de aceitação na família destes ciganos, Rosa discorre não ter sofrido rejeição, sendo aceita por todos, e compartilha que: *“Quando eu fui morar com ele a família dele já me conhecia, então, ele vinha sempre me buscar. Eu fui muito aceita, por que eles já sabiam de mim, a irmã dele (a Zaira), a mãe dele, gente boa demais”*

Sobre a reação da sua família originária, destacou: *“Meu pai e minha mãe, não queriam que eu casasse com ele, porque os ciganos já têm má fama; quando eles chegaram lá no lugar que eu morava, o povo falava”*. Ressaltou que a aceitação veio do reconhecimento dos ciganos como pessoas trabalhadoras, a partir da convivência. Ela afirmou, a respeito das mudanças necessárias para se adaptar à cultura cigana, que *“há um bocado de coisa de diferente entre a cultura cigana e a de morador. Um modo de vestir que eles acham bonito, mulher com roupa longa, mas não é todos não. Mulher do cabelo grande”*.

Sara, contando sobre sua história, disse ter entrado três anos depois de Rosa neste ciclo familiar e discorreu acerca de haver ciganos morando na cidade onde residia e estes já conhecerem sua família e que detinha desse grupo étnico uma imagem positiva, reconhecendo-os como trabalhadores. Porém, tal relação não se manteve quando ela decidiu ir embora com o Diogo (irmão do Tião). Na sua fala, Sara destacou que *“Na minha família, no início não acharam ruim, mas depois, quando eu quis ir para o Piauí começaram a falar para a mãe que ela era doida em me deixar ir embora com cigano, que não conhecia eles, mas depois ela aquietou”*.

Ambas apontam o fato de terem sido bem aceitas neste grupo e que puderam aprender muito sobre a cultura cigana estando neste meio. Afirmam conhecer um pouco da língua e dos costumes ciganos.

Durante nossa conversa, pude observar ambas usando vestidos longos e cordões de ouro, fato que observei na maioria dos ciganos deste grupo, com seus cordões, ou anéis de ouro, desde as crianças até as pessoas mais velhas. O ouro, conforme minhas interlocutoras, é um adereço que os ciganos gostam muito.

Em outros dias de observação, nos quais tive a oportunidade de conversar com a esposa, filhas e noras de Tião, pude compreender mais sobre os casamentos entre ciganos e não ciganos e aprender mais acerca de tais processos. Já fixados em São João do Paraíso (MA), houve também casamentos entre ciganos e moradores. Somente um dos filhos de

Tião é casado com uma cigana e o casamento foi realizado aos moldes dos ciganos antigos, como destacou Luiza apontando para sua nora: “*Essa daí também foi arranjada por telefone e é cigana legítima*”.

Luiza afirma que seu casamento foi feito a partir de arranjo entre as famílias e, segundo a interlocutora, “*A mãe dele é irmã do meu pai, somos primos, morávamos no Piauí, nós não nos conhecíamos não*”. Seguindo seu relato, Luíza conta como os ciganos *legítimos*, desde cedo têm casamentos arranjados, e que são sempre entre ciganos. Todavia, ela aponta haver muitas mudanças, afirmando assim que “*Já misturamos a prática cigana com a de morador*”. Tal mistura se refere a não arrumarem mais casamentos para os filhos, assim como aceitar quando estes se casam com pessoas não ciganas.

Sendo assim, há ciganos *legítimos* e ciganos *misturados*. Ciganos *legítimos* são os filhos de pai e mãe ciganos e, como destacado por Luiza, “*Sou cigana legítima, dos dois lados*”. Os ciganos *misturados* são os filhos de um cigano com um não cigano, ou, conforme afirmação de Luiza, uma “*banda cigana e uma banda moradora*”.

Aproveitando a fala da minha interlocutora e por saber sobre uma das noras de Tião não ser cigana, indaguei quais, além dela, eram moradoras, aproveitando a explicação sobre as misturas entre ciganos e não ciganos. Dessa forma, ela me disse que há algumas mulheres moradoras no seu grupo familiar, como as cunhadas do seu esposo, porém, destacando estas estarem há muito tempo no meio deles e conhecerem “*bastante coisa referente a cultura cigana*”. Uma pessoa não se torna cigana, independentemente do fato de se casar com um cigano, ou viver anos entre eles, como bem destacou Luiza sobre sua nora e as mudanças que irão acontecer.

Ela pode ficar bem velhinha caduca do nosso lado que o sangue dela vai ser pra sempre de moradora. Ela vai pegar só o jeito, o modo da gente falar se vestir, porque quando uma mulher moradora casa com um cigano, a gente gosta sempre de estar com o vestido longo, as vestimentas longas. (Luiza)

Dos filhos de Luiza com Tião, três são casados com moradores. Tive contato apenas com uma das noras, pois, seu genro sempre estava trabalhando, ou não se encontrava, bem como a outra nora. Sendo assim, pude conversar apenas com Anabela, que reside perto da casa de Tião e sempre presente na casa do sogro. Ela está casada há seis anos e é vizinha do sogro Tião, se reunindo na casa deste sempre que podia. Ela destacou sua família não ter receio a respeito da sua união com um cigano, e de sua família já conhecer a família cigana antes do namoro. Sobre a sua inserção no meio cigano, ela relata que:

Quando conheci eu não sabia muitas coisas dos ciganos não, minha família aceitou. Ele foi pedir (a mão em casamento) eu tinha 14 anos. Desde então mudei minhas vestimentas, pois precisava mudar o jeito. Vim morar aqui já faz mais de 6 anos. (Anabela, 2020)

Em todos os encontros com Anabela, durante minhas visitas, pude observar suas vestimentas, com vestido longo, cordão e anel de ouro, algo comum entre estes ciganos. A filha de Tião também é casada com um morador e contou sobre a família do seu marido gostar muito dela e que não tiveram muito preconceito quanto a sua origem cigana.

A esposa Luiza relatou sobre o convívio do genro e noras em um meio cigano, permitindo que estes aprendam muitas coisas a respeito da cultura. A respeito do genro e da nora, ela assevera que o “*Cleiton sabe pouco, agora ela, ela sabe muito*” e, em tom de brincadeira, falou sobre como eu poderia aprender mais sobre eles: “*Se tu casasse com um cigano, pena que não tem mais (risos), aí ia aprender muito, essa daí (a nora moradora) já aprendeu muito*”. Outra união entre cigano e não cigano é entre Ruan, o qual é filho de Sara e Diogo, sendo casado com uma recente moradora da cidade, a Mirian.

Entre os Calon de São João do Paraíso, o ser cigano está relacionado ao sangue, sendo necessário nascer filho de um e, mesmo as pessoas não ciganas, vivendo em sua família e adotando as vestimentas e os modos da sua cultura, não escaparam dessa regra. A calonidade no contexto dos ciganos de São João do Paraíso, objetos da minha pesquisa, se refere ao sangue como forma de pertencimento, ao contrário do que descreve FERRARI (2010) quando afirma que um *gadje* vira Calon ao se casar com um cigano e adentra aquela comunidade.

Mas, em consonância com o descrito por Florencia Ferrari sobre casamento entre ciganos e *gadjes*, identifico semelhanças no meu campo no tocante à necessidade de mudar comportamentos e vestimentas para estar junto deste grupo étnico. Os ciganos de São João do Paraíso apontam tal necessidade, como diz o Tião:

Sim, ela tem que adotar as vestimentas dos ciganos, porque os ciganos gostam de ver as mulheres mais de roupas cumpridas. Na Bahia é diferente, se você casar pro rumo da Bahia a primeira coisa que vai trocar é sua roupa. (Tião, 2020)

A primeira coisa que vai mudar é a roupa, depois vai começar colocar brinco de ouro nas orelhas, cordão, pulseira, dente de ouro, troca tudo. Gostamos de ouro, agora até que paramos. Eu tinha seis dentes de ouro eu tirei, porque estraga muito os dentes. (Tião, 2020)

Dessa forma, ao adentrar a rede familiar de ciganos, os não ciganos precisam mudar, começando pelas vestimentas, e se adequarem às *sociabilidades* que estes desenvolvem na cidade. Mas, cabe destacar que estes também adotaram modos de vestimentas dos

moradores, como aponta Francina: “*no dia a dia usamos roupa simples mesmo, igual os moradores*” e, conforme seu relato, o uso de roupas simples significa usar roupa de moradores. Pude observar, que as vezes estavam vestidas com roupas mais compridas e, em outras ocasiões, não e esse costume de mudança de roupas ocorre com mais frequência nas ciganas jovens, pois, as mais velhas estavam sempre de roupas compridas.

Sendo assim os ciganos constroem laços com a população local, como foi destacado por estes, havendo então não ciganos misturados ao ciclo familiar, tanto a partir dos casamentos, quanto pela relação de familiaridade dada pelo compadrio, pois ao dar seus filhos para um não cigano ser padrinho, ou madrinha, possibilita a seus filhos adentrar no ciclo familiar dos padrinhos, assim como os padrinhos, no ciclo familiar dos ciganos. Dessa forma, tais relações entre ciganos e não ciganos mostram diferentes formas de sociabilidades construídas entre estes.

2.7. As calçadas como palco de interações sociais

Sentar-se à tardinha na porta de casa é um costume ainda recorrente em São João do Paraíso e é nesse momento no qual as pessoas já chegaram dos seus respectivos trabalhos, da escola que tantas outras aproveitam para praticar algum esporte, como, por exemplo, caminhar. Nos primeiros contatos com o cigano Tião, ele me falava que o melhor horário para falar com eles, seria à tardinha, pois é o horário no qual poderia encontrar todos sentados à porta de casa, nas calçadas.

Seguindo tal recomendação, no dia 18 de fevereiro de 2020, por volta das 17:30h, fui à casa de Tião, em mais uma visita de campo e, como de costume, encontrei-o com seus dois irmãos, a mãe, seus filhos e uma neta, todos sentados na frente da casa do meu principal interlocutor.

Ao chegar, cumprimentei a todos, sentando-me e, como sempre, estava com o caderno de anotações à mão. Nesse dia, quando os ciganos viram meu caderno de notas, perguntaram se haveria perguntas e falaram que as pessoas mais velhas saberiam relatar mais coisas.

Nesse momento, aproximou-se um rapaz, morador da cidade, o qual é vizinho dos ciganos, e iniciou uma conversa com o Tião e um de seus irmãos sobre um acidente que sofrera recentemente com uma moto. Percebi que, enquanto estava ali conversando e observando, era comum pessoas não ciganas passarem e falarem com a família cigana, ou se aproximarem a fim de resolver algum negócio, como ocorreu neste dia, quando outro

rapaz, morador da cidade, procurou-os para resolver assuntos de negócios e Tião adentrou com ele em casa para poder conversar em particular.

Era muito comum enquanto estava ali sentada, várias pessoas passarem e cumprimentarem os ciganos, como também sou da cidade, um dia enquanto estava ali sentada, também fui cumprimentada e o Tião então me perguntou quem era, e então respondi que era a esposa de um cabelereiro que residia nesse bairro, esse então confirmou que sabia quem era.

No dia seguinte, cheguei no final da tarde, com o objetivo de conversar com a filha e a esposa de Tião, o qual estava sentado na porta da casa, junto a seus irmãos, e a seu neto. Minhas visitas aos ciganos, durante meu campo, também, permitiram-me verificar a absorção, por parte deles, do hábito, comum aos não ciganos moradores da cidade, de se sentar à porta de casa, à tardinha, pois, todas as vezes, quando eu realizava minhas entrevistas nesse horário, encontrava-os sentados à porta das suas casas. Lembro-me de um dia, ao chegar, encontrar Tião conversando com um policial morador da cidade, que estava andando de bicicleta e parou para conversar com ele. Minhas últimas incursões a campo, no ano de 2020, aconteceram no momento que estavam começando a se formar as coligações para a eleição municipal e o grupo familiar dos ciganos recebeu a visita dos candidatos.

Ao discorrer sobre *A casa e a Rua*, Roberto Damatta (1997) distingue e escreve sobre duas categorias que, segundo o autor, são dois domínios sociais básicos e podem servir de instrumento para a análise do mundo social. A dicotomia entre a *rua e a casa*, separa dois domínios, ou universos sociais, atravessados por diferentes relações sociais.

Sendo assim, “a categoria *rua* indica basicamente o mundo, com seus imprevistos, acidentes e paixões, ao passo que a casa remete a um universo controlado, onde as coisas estão nos seus devidos lugares.” (DAMATTA, 1997, p.90). Existem diferentes tipos de relações nesses espaços, mas há gradações, permitindo assim, que a casa se comunique com a rua, ou seja, o de dentro com o de fora. A divisão espacial das casas brasileiras fornece essa gradação e comunicação, na qual as varandas ficam de frente para rua, sendo um espaço ambíguo entre a rua e casa, permitindo que o de dentro se comunique com o de fora.

Damatta (1997) destaca tais espaços da casa e da rua marcando mais que espaços distintos, porém, permitem visualizar papéis sociais e ações. Diante disso, considero a calçada como um espaço entre a casa e a rua, interligando e reforçando as relações que os ciganos traçaram na cidade.

Melo & Veiga (2002), em *“A casa e a rua (quando a rua vira casa): Algumas considerações sobre o habito e diligo no meio urbano”*, discorrem sobre a apropriação do espaço urbano, destacando os valores e as diferentes atividades e relações desenvolvidas em cada espaço, trazendo a etnografia de dois bairros, do Catumbi e do Selva de Pedra, onde para diferentes lugares são requeridos diferentes papéis, o contexto é assim fundante para cada ação.

No bairro Catumbi, os autores ressaltam que as casas se alongavam em direção à rua, com quintais, os quais não podiam ser vistos da rua. Os quintais eram rodeados por muros, ou cercas, tornando este espaço privado, servindo as atividades domésticas, lavar roupa, e o lugar dos sanitários, dentre outras atividades. As calçadas para os autores pertencem às casas, não que façam parte delas juridicamente, mas estão sob responsabilidade da casa.

Mello & Vogel (2002) discorrem a rua sendo mais que um lugar de passagem, um lugar no qual se desenvolvem os ritos da sociabilidade. Logo, “As calçadas, que acompanham o correr de casas e o traçado da via pública são importantes neste particular, pois definem um espaço físico e social que serve à mediação entre a casa e a rua”. (MELLO;VOGEL, 2002, p.6).

Tal costume, pouco a pouco, vem sendo excluído das rotinas de final de tarde, porém, ainda era recorrente no bairro do Catumbi, entre os ciganos cofundadores do bairro, os quais ainda mantinham velhas tradições do bairro.

As casas dos ciganos, enfoque desta pesquisa, seguem o mesmo modelo arquitetônico das casas dos moradores, com quartos, cozinha, uma área na frente da casa, uma área de serviço atrás e os quintais eram, em sua maioria, murados, todas com calçadas feitas a cimentos, nas quais, todas as tardes, eles colocam “cadeiras de macarrão”²³, ou sentam-se no próprio chão da calçada.

O hábito de se sentar à tarde na calçada é apontado por eles como um momento no qual todos podem se reunir e conversar, sendo esse o momento ideal para poder ir vê-los. Percebi, durante as tardinhas sentada e observando, que os ciganos também teciam relações sociais nesse momento. Pude observar como eles eram conhecidos na cidade, pois várias pessoas os cumprimentavam, como também, presenciar como eles conversavam, ou, resolviam algum negócio com os passantes.

23 Cadeira composta de ferro, enrolada por fios plásticos, que acomoda o corpo e na qual, também pode-se encostar.

Na maioria das vezes, quando os ciganos se sentavam para conversar em família, as crianças também estavam presentes. Os ciganos destacavam que a sua mãe – a matriarca – gostava de ver todos juntos, sendo à tardinha o momento ideal para todos se encontrarem e eles fazia isso em frente à casa do Tião cigano. Das várias observações feitas por mim, durante meu trabalho de campo, a maioria foi sentada em frente as casas, local onde eu fazia perguntas e podia observar os meus interlocutores no momento de suas conversas sobre coisas ocorridas na cidade, podendo também observar suas conversas com outros moradores locais.

Melo & Veiga (2002) discorrem que as apropriações dos espaços se relacionam com os sistemas de valores, sendo os espaços e valores atualizados no dia a dia. A cidade é permeada por relações de pessoalidade, o reconhecimento de alguém é ponto chave nas relações sociais presentes neste local. As relações de pessoalidade, como discorre Prado (1995), são destaque neste espaço da calçada, e pude presenciar como eles são conhecidos na cidade e como os moradores, que passavam pela rua, cumprimentam os ciganos, algumas vezes parando para conversa, ou até mesmo se dirigindo a este local, no final da tarde, pois, sabiam que estariam na porta de casa.

Segundo Melo e Veiga (2002), cada contexto é um contexto, ou seja, a polarização entre a rua e a casa é relativa, sendo tais espaços dinâmicos, nos quais “o que é público em um contexto, pode ser privado em outro. O que é casa, visto de determinado ângulo, pode ser rua, visto de outro. As atividades da mesma forma” (MELO; VEIGA, 2002, p. 13). As calçadas nesta pesquisa, são percebidas como um lugar no qual eles podem se reunir. A partir das observações feitas, foi possível identificar como este espaço é permeado pelas relações entre ciganos e moradores, além disso, as calçadas também eram utilizadas para resolver negócios, os quais, quando necessitavam de acertos mais minuciosos, poderiam adentrar a casa, como foi destaque em uma tarde observada, quando o Tião se retirou para resolver, em particular, com o morador.

Os espaços assim reforçam os valores socialmente reconhecidos pela sociedade, a calçada é um lugar no qual eu pude ver as relações entre moradores e ciganos, dado por relações de *pessoalidade*, e como eles consideram valoroso serem reconhecidos, algo já destacado por eles e que pude observar no dia a dia, o reconhecimento nesse sistema de relações gera confiança, e demonstra como eles não são mais estrangeiros na cidade.

A partir deste capítulo, conseguimos verificar como os ciganos, ao chegar em São João do Paraíso, passaram por preconceitos e ficaram reconhecidos por meio de estereótipos, mas, a partir das relações sociais negociadas por eles, redirecionaram e subverteram tais estereótipos e preconceitos e foram tecendo relações com a população local.

Ao adentrar no universo pesquisado, estes destacaram que viviam em uma condição de morador e conseguiram tecer relações amigáveis com a população local, atualmente se considerando moradores, contribuindo, inclusive, na construção e expansão da cidade. Sobre os estereótipos, eles redirecionaram para outros ciganos e destacaram que vem provando para a população, todo dia, como são diferentes. Mesmo em uma condição de moradores, eles destacam o pertencimento étnico de serem ciganos e, sendo assim, o próximo capítulo busca destacar como nesse contexto eles destacam a identidade, quais sinais diacríticos são acionados e como eles performatizam tal identidade.

3. “SOU MAIS CIGANO QUE MORADOR”: DESTACANDO E PERFORMATIZANDO A IDENTIDADE

Para os ciganos, em São João do Paraíso, os outros são moradores, ou seja, as pessoas não ciganas fixadas com residência na cidade como pressuposto de permanência e regulação social com o lugar. Mesmo apontando viverem em uma condição de moradores, os ciganos destacam que *são mais ciganos que moradores*. A identidade étnica, segundo Oliveira (1976), é contrastiva, ou seja, implica na afirmação do *nós* diante dos *outros*. Logo, a identidade é acionada nas relações sociais, em um processo de identificação e afirmação. Sendo assim, os ciganos desta pesquisa perspectivam esse contraste ao considerar os outros como moradores e a si como ciganos. O presente capítulo busca descrever como os ciganos, nesse contexto de interação, destacam e (re) atualizam a sua identidade étnica.

3.1 “Sou mais cigano que morador”: Ser andador, ser morador, ser cigano.

Neste processo de pensar as relações entre os ciganos no contexto com a cidade, este grupo étnico destaca o pertencimento, afirmado e localizado diante das relações, ressaltando características e representações com a possibilidade de serem utilizadas para a sua construção. Como já fora destacado, as relações entre moradores e ciganos foram marcadas por preconceitos e os ciganos foram negociando as representações a respeito deles e construindo uma outra imagem perante a sociedade. Conforme os relatos de Tião, essa construção se iniciou nas interações com a comunidade local e a partir desse processo, passam a ser identificados como trabalhadores e a construírem uma nova representação moral sobre o seu grupo.

Algo perceptível entre os ciganos Calons residentes em São João do Paraíso é eles parecerem “[...] não se importar em serem “ciganos” diante dos gadjes, pois tal atitude garante que eles possam ser Calons para si mesmos.” (FERRARI, 2010, p. 23). Por ser uma cidade pequena, são reconhecidos como ciganos e se alguém perguntar “Quem é o Sebastião?”, talvez as pessoas não saibam, mas se procurarem por Sebastião cigano, todos saberão quem é. Essa (re) atualização do ethos ciganos passa por regulações baseadas nas relações tecidas entre as famílias ciganas e não ciganas, que vivem em São João do Paraíso.

De acordo com Oliveira (1976) um grupo é étnico na medida em que se vale de símbolos culturais, “raciais” ou religiosos, demonstra elementos com a possibilidade de serem identificados como traço diacríticos de uma determinada cultura. O autor se utiliza da análise de Frederik Barth (1998) para definir esse tipo de grupo, ressaltando que grupo étnico é uma “unidade portadora de cultura” (OLIVEIRA, 1976, p.1), os concebendo como um tipo de organização social. Ademais, ele também concorda que é no processo de identificação e atribuição que se pode conhecer a si e os outros.

Segundo Roberto Cardoso de Oliveira (1976), para a compreensão da identidade são necessários mecanismos de identificação. Sendo assim, sistemas de oposição são destacados no âmbito das relações interétnicas. A identidade étnica, conforme o autor, se firma “negando” outra e,

Partindo de Barth, pudemos então elaborar a noção de identidade contrastiva, tomando-a como essência da identidade étnica: a saber, quando uma pessoa ou grupo se afirmam como tais, o fazem como meio de diferenciação em relação a alguma outra pessoa ou grupo com o que se defronta; é uma identidade que surge por oposição, implicando a afirmação do *nós* diante dos *outros* jamais se afirmando isoladamente. (OLIVEIRA, 1976, p.37)

De acordo com o autor, a essência da identidade étnica é o contraste com outro grupo, ou pessoas e a afirmação de um grupo se faz em relação a outro grupo, ou pessoa, nunca isoladamente. Dialogando com Barth (1998), este discorre que os grupos étnicos se formam quando se valem da identidade étnica, para classificar a si e os outros.

As análises citadas acima se destacam em meu campo com os ciganos, pois uma das minhas primeiras perguntas em campo era sobre quem eles eram, para então compreender como se definiam. E Tião, ao se definir como cigano, ressaltava haver os moradores e, “*que moradores são vocês*”. Eu também era enquadrada nesta classificação pois sou residente da cidade e o termo morador é indicado para categorizar aqueles que, em São João do Paraíso, não são ciganos.

O grupo familiar do Tião reside em um bairro próximo ao centro da cidade e bem próximo à residência da minha família. Suas casas se assemelhavam as estruturas das casas dos não ciganos, isto é, construídas de alvenaria. A casa de Tião é rodeada por uma área murada, na qual eles utilizam para estacionar o carro e as motos. O piso da casa é revestido com cerâmica e a casa se divide em duas salas, quartos, cozinha e uma área de serviço, local que eles utilizam para lavar a roupa. Na sala havia sofás, aparelho de televisão, rack, som e algumas imagens de santos dispostas em um espaço ao lado do rack.

No período da minha pesquisa, também pude perceber o fato da casa dos irmãos de Tião seguir a mesma estrutura.

A casa de Tião é indicada na imagem a seguir por uma seta e é a primeira casa de ciganos construída na rua. Em seguida vem a dos seus irmãos, filho e, em uma rua por trás da casa, há a casa do primo de sua esposa. As casas localizadas em frente, também são de um cigano parente. Este foi o principal *locus* dessa pesquisa, que ocorreu dentro destas residências, ou sentados nas calçadas à tardinha. É interessante perceber a dinâmica da construção de um território Calon na cidade se configurando a partir das relações familiares em torno do cigano Tião.

IMAGEM 3: RUA E CASAS DOS CIGANOS.



Foto: Janeide Cavalcante, 2021

Fazendo uso da observação direta e de conversas informais, era possível inserir perguntas durante as conversas, ou apenas observar os diálogos dos meus interlocutores e, quando havia possibilidade, fazer algum questionamento pertinente à pesquisa.

Durante o entardecer do dia 18 de fevereiro de 2020, enquanto estava sentada na porta da casa de um dos filhos de Tião, localizada em frente à sua residência, juntamente

com Tião, seus dois irmãos, mãe e esposa, decidi indagar sobre a leitura de mão, pois era algo que durante meu campo e, durante anos na cidade, não os havia presenciado praticando. Comecei a falar sobre ter assistido filmes, nos quais havia a recorrência da leitura de mãos pelos ciganos, porém, “*vocês não os vejo praticando*”.

Tião logo respondeu que “*tem ciganos que leem mãos, nós não, mas as ciganas mais velhas praticavam muito, minha mãe sabia, agora não sabe mais*”. Nesse momento todos sorriram e concordaram, falando que ela não lembrava mais – É importante observar que manifestei o meu desejo de conversar mais com a mãe de Tião sobre este assunto, porém, com a pandemia da Covid-19, SARS-COV2, não houve tal possibilidade face à necessidade de distanciamento social, imposta como medida restritiva a ser cumprida para contenção e prevenção da doença.

Nas tardes passadas na calçada dos ciganos, eu aproveitava para observar e entrevistar os que estavam presentes, apesar de eles considerarem a mim como uma moradora local, demonstravam sempre a percepção de eu estar ali para perguntar sobre algo. Lembro-me de Tião, em uma das primeiras observações a tarde na porta da casa dele, falando-me para fazer as perguntas para eles ali mesmo, pois, todos poderiam ajudar a responder.

Ao chegar, iniciava a conversa sobre assuntos rotineiros da cidade, ou, apenas observava suas conversas e, após ouvir sobre qual assunto tratavam, começava a perguntar algo. Na minha primeira ida a campo, no final do ano de 2017, eu queria saber quem eram os ciganos e Tião foi o primeiro cigano contactado, e falei sobre o desejo em pesquisar seu povo. Ele, também foi o meu primeiro interlocutor e possibilitou minhas entrevistas com todos os seus familiares, pois, convidou-me para conhecê-los.

Assim, pude ir à residência de Tião no dia 13 de novembro de 2017, na qual estavam todos à porta – com o passar do tempo, puder verificar ser isso um costume deles. Eu já havia ido mais cedo e conversado com Tião e, por isso, eles já sabiam que eu retornaria pela tarde. Estavam presentes filhos, irmãos e um vizinho não cigano, morador da casa que fica do lado oposto da rua. Cumprimentei a todos e Tião me chamou para conversar na área da sua casa, localizada na parte de dentro do muro.

Apesar de ser apenas uma conversa, eu já tinha várias perguntas selecionadas para fazer como, por exemplo, quem eram os ciganos, pois, minhas informações a esse respeito eram repletas do imaginário popular. Houve outras indagações feitas ao longo do trabalho de campo, porém, o meu primeiro encontro com os ciganos se mostrou o mais importante, com a conversa, nessa ocasião, sendo focada nesse questionamento básico, o qual começou a ser sanado quando pedi para que definisse quem são os ciganos.

O cigano Tião começou destacando que “*cigano é quem gosta de andar, que vivem andando. A mulher cigana quando pari o filho no outro dia já colocava em cima do jumento e ia andar*”. Ademais, ele destacou o fato de seu grupo não ser daqueles ciganos que viviam andando, e de eles sempre moraram em cidades, sendo que hoje em dia estavam em uma condição de moradores na presente cidade.

Também ressaltou que “*a família cigana vem dos mais velhos e continua nos mais novos, e nunca acaba o nome cigano*”. Ainda, de acordo com esse primeiro relato, o ser cigano também está relacionado com o sangue e, ao fazer esse destaque, diferenciou ciganos e moradores, fato repetido em outros momentos durante a pesquisa. Os ciganos com os quais convivi costumavam asseverar que, caso aconteça um casamento entre um cigano e um morador, fato comum neste grupo de São João do Paraíso, o morador nunca deixará de ser morador, mesmo convivendo com os ciganos, aprendendo e experimentando sua cultura.

Quando questionei sobre o motivo de os ciganos a pararem de andar, Tião destacou que “*Eu acho, que os ciganos de primeiro sofriram muito, era caminhando pelo mundo, e hoje todo mundo é proprietário, tem casa tem carro, tem dinheiro muito*”. Ele ainda falou que os ciganos sofriram muito, chegavam até a passar fome, e hoje há cigano envolvido nas mais variadas profissões. Ainda afirmou que nunca morou em acampamentos, porém vivia viajando e, mesmo em algumas cidades nas quais ficou por pouco tempo, morava em casas, porém, seu pai viveu em acampamento. Os ciganos trazem consigo as lembranças desta tradição, costume que é tido por eles como marca maior da identidade como uma cultura diferente das outras, conforme destacou Goldfarb (2013), ao referir-se da memória em relação aos ciganos Calon em Sousa-PB.

Em outros momentos, pude perceber os mais novos, quando indagados, destacando na fala dos mais velhos os relatos de uma “*vida de andar*”, como bem destacou Francina “*Sempre nos contam que os ciganos eram muito andadores, andavam de animais, aí nós nuca andamos desse jeito de animal, sempre vivemos no Piauí e aqui ficamos*”. Não tendo morado em acampamentos, ou experimentado uma vida itinerante, sempre destacaram que os ciganos, em muitos lugares, gostam de viver como andadores.

Mesmo sem participarem de tal vida de andança, os ciganos requerem tal atividade como fundante ao povo cigano, os quais, por meio de histórias deste tempo, definem quem são e como surgiram estes povos, sendo tais histórias consideradas como fundamentais e por isso passadas de uma geração para outra evitando a perda do ser cigano, sua tradição e memória.

Os ciganos residentes em moradias fixas nesta cidade decidiram morar permanentemente, buscando uma estabilidade social, com o intuito de acabar com os sofrimentos advindos de uma vida itinerante. Na condição de moradores, estes povos negociam e re-direcionam diariamente os estigmas e estereótipos para não serem atingidos pelos preconceitos da população em geral sobre eles.

A fixação, expansão e movimentação deles na cidade, como por exemplo, a construção e venda de casas, mostra a sua cultura como povo, efetuando trocas, negociando e mudando de casa, como apontou um dos entrevistados, fato que contribuiu para a expansão do bairro no qual moram. Enquanto para a maioria dos cidadãos a casa pode ser um marcador da vida de morados, influenciando na decisão de não vender, os ciganos as vendiam constantemente.

Segundo o Tião, tal fato se deve aos seus negócios, quando construíam uma casa e arrumavam algum dinheiro a mais, eles a vendiam. Tal filosofia de vida é algo próprio do *ser cigano*, que costuma vender, trocar, construir e andar: fato que pode mostrar um modo próprio de estarem fixados na cidade. O Tião ainda relatou, que vivendo há mais de 20 anos na cidade, a polícia nunca foi onde eles estão e, conforme sua afirmação, isso se deve ao fato que “*resolvemos nossas coisas entre nós, eles nunca vieram aqui onde a gente vive, apenas para conversar*”.

A fala do parágrafo anterior adveio quando conversávamos sobre como ele via a presença cigana na cidade. Ao citar a polícia, Tião pretende demonstrar como tais estereótipos e preconceitos, outrora direcionados a eles, estavam errados, porém, demonstrava um pouco dos modos ciganos de vivenciar a cidade, pois mantém a união do grupo e destacam que tais ações são próprias dos ciganos, detendo regulações morais próprias.

Ao destacar o fato de a polícia nunca ter sido acionada para resolver conflitos em sua família, ele também denotou serem os ciganos a resolverem os próprios problemas; em uma das tardes de visita, lembro de eles falarem que não deixam seus filhos se envolverem com alguns moradores, para não se envolverem com coisas erradas, tais como drogas, ou bebidas alcoólicas. Percebi então, durante as observações, o quanto os ciganos de São João do Paraíso presam pelas resoluções de problemas entre si e dos receios de se envolverem em qualquer tipo de confusão, valorando não se envolverem em problemas na cidade, os quais possam desestabilizar a imagem construída, forçando-os a sair deste lugar.

Em meio a vida na cidade, eles construíam uma rede de negócios com os moradores, passando a interagir com os não ciganos, seja por meio de negociações, trocas e

vendas de automóveis, como também, por meio de relações mais próximas, dadas pelo compadrio, ou até mesmo, por casamentos entre moradores e ciganos. Cabe ressaltar que, a partir do contato mais próximo com os ciganos, consegui visualizar como, na presente população da cidade, eles vão construindo, a partir de seus modos próprios, seu espaço Calon no município.

Hoje em dia, eles decidiram não se mudar mais da casa na qual residem, pois, como já mencionado, esse é o desejo da matriarca, que além de não querer mais vender a casa, também opta para os membros da família morarem perto uns dos outros. Como discorre Goldfarb (2013), “A casa proporciona uma localização espacial que rompe com a ideia de ‘ausência de lar’ ” (GOLDFARB, 2013, p. 159).

A grande maioria dos membros desse grupo familiar reside praticamente no mesmo bairro, sendo as casas construídas perto umas das outras, conforme o desejou da mãe de Tião. E tal fato – o de querer estar perto dos seus – sempre foi destacado nas entrevistas como “algo de cigano”.

Sendo a casa de Tião um local central para este grupo familiar, onde se reúnem para almoços e jantares, em vários diálogos apresentados neste trabalho sempre estavam presentes irmãos, filhos, noras e cunhadas. Mesmo sua filha morando em uma chácara, localizada a 5 km da cidade, sua presença na casa de Tião sempre foi constante.

Atualmente, o grupo cigano da família de Tião destaca o fato de viverem na condição de moradores, com suas práticas ciganas mescladas as dos locais, fato destacado no relato da minha primeira conversa com o Tião, na qual ele ressaltou estarem atualmente na condição de moradores, o que depreendo como uma das maneiras de negociar essa permanência e esse redirecionamento do estigma. Em outras conversas, suas cunhadas também destacaram o fato de os ciganos deste grupo familiar viverem da mesma forma que os moradores e como são bem quistos na cidade, vivendo desse jeito, porém, eles sempre ressaltaram serem *mais ciganos que moradores*. Mesmo reconhecendo-se em uma condição de moradores, destacam essa diferença como forma de afirmar sua ciganicidade.

Ao se definirem como ciganos, eles se utilizam do outro grupo social que reside na cidade, para se diferenciarem e se identificarem dessa forma. Trata-se de uma afirmação da identidade étnica em contraste com os outros, que são os moradores. Como destacou Oliveira (1976), a identidade surge em oposição, em contraste aos outros, artifício fundamental para analisar como determinado grupo se identifica.

Oliveira (1976) discorre sobre a construção da identidade étnica se valer de “representações coletivas” do grupo nos processos de interação para seu reconhecimento.

Sendo assim, mesmo reconhecendo-se – em parte – como moradores, eles se valem do nomadismo como algo para marcar e diferenciar o ser cigano e o tempo de andança ainda é requerido por estes como forma de identificação.

No trabalho²⁴ de pesquisa anterior nesta mesma comunidade, busquei compreender a presença cigana na cidade, na tentativa de mapear as motivações para os ciganos fixarem moradia em São João do Paraíso (MA) e compreender sobre a identidade cigana e foi possível observar o termo *andador* como categoria êmica, tornando-se elemento diacrítico referenciar a vida de itinerância, sendo considerado por estes como um elemento essencial para sua definição como ciganos e como elemento e estratégia de diferenciação.

Tal definição, mesmo com a fixação de residências em uma cidade, é apresentada como elemento necessário e algo fundante na sua cultura. A vida de andança, do passado andador, está inserida em um sistema de representação do qual os ciganos se utilizam para permitir a definição como grupo e para justificar seus modos de vida, como apontado nas falas dos ciganos desta pesquisa. Desta forma, mesmo estando moradores, eles continuam praticando seus costumes e modos específicos de lidarem com o espaço e com a vida, tendo como referência a itinerância.

Émile Durkheim, em sua análise da sociedade, partindo da ideia de o coletivo se sobrepor ao individual, destaca a ação coletiva como central para o entendimento dela. Desse modo, o indivíduo é influenciado pelo coletivo. A autora define a consciência coletiva como sendo

O conjunto das crenças e dos sentimentos comuns à média dos membros de uma mesma sociedade forma um sistema determinado que tem vida própria; podemos chamá-lo de consciência coletiva ou comum. Sem dúvida, ela não tem por substrato um órgão único; ela é, por definição, difusa em toda a extensão da sociedade, mas tem, ainda assim, características específicas que fazem dela uma realidade distinta. De fato, ela é independente das condições particulares em que os indivíduos se encontram: eles passam, ela permanece. (...) Ela é, pois, bem diferente das consciências particulares, conquanto só seja realizada nos indivíduos. Ela é o tipo psíquico da sociedade, tipo que tem suas propriedades, suas condições de existência, seu modo de desenvolvimento, do mesmo modo que os tipos individuais, muito embora de outra maneira [...] todas as funções especiais são de ordem psíquica, uma vez que elas consistem em sistemas de representações e de ações: contudo elas estão evidentemente fora da consciência comum (DURKHEIM, 2010, p. 50).

24 “Nossa casa era o chapéu”: O nomadismo como elemento de identidade e o processo de fixação de ciganos em São João do Paraíso (MA) **CAVALCANTE, Janeide da Silva**; CONCEICAO, Wellington da Silva. In: O público e o privado N° 33, v 1, p. 311-328, 2019.

Dentro deste contexto, para os grupos formarem comunhão, é necessário compartilharem de ideias, crenças e sentimentos comuns, formando uma unidade. Essas crenças permanecem mesmo com o passar do tempo e ligam uma geração à outra. A partir da consciência coletiva, o grupo apresenta ideias, normas e valores compartilhados, criando uma ordem, na qual o grupo pode se apresentar e representar a partir de tal consciência. Assim, “[...] todas as funções especiais são de ordem psíquica, pois elas consistem em sistemas de representações e de ações: contudo elas estão evidentemente fora da consciência comum” (DURKHEIM, 2010, p.50). Por meio da consciência coletiva, pode-se entender uma dada realidade social, destacando a forma de tais ideias e crenças funcionarem como uma referência para se ter uma representação social do grupo.

Assim, a partir do momento em que todos acreditam no passado de andança como fator crucial, formam uma consciência social do grupo em relação à ideia e crença dada por uma vida de andadores, moldando, a partir de tal consciência, sua forma de vida. Segundo Durkheim (2010), por meio da consciência coletiva é possível revelar o “psíquico da sociedade” (2010, p.50). Com isso, eles atribuem um valor a este ato, revelando maneiras de pensar e agir dos ciganos, como também seu sistema social. A vida de andança ainda é praticada por muitos ciganos e atualmente propagada, até mesmo, por quem está em condição de moradores, como os residentes atuais de São João do Paraíso (MA), destacando-se como fator identitário, pois,

[...] a identidade é qualquer coisa de simbólico que vem de fora da consciência dos indivíduos. É uma representação simbólica da pessoa que é elaborada por um grupo social, que pode ser a família, a escola, a sociedade, o grupo de pertencimento, etc. É o início da construção de sua imagem social, que não é elaborada sozinha, mas vem das relações que desenvolve com os outros, formando o *habitus*. Se é uma representação simbólica que vem do outro, pode-se afirmar que ela é coercitiva, pois está no desejo do outro em classificar, rotular, normatizar, definir e atribuir ao indivíduo um lugar dentro do social (MEDEIROS, 2002, p. 85).

Diante disso, pode-se destacar como tal vida itinerante e de movimentações opera como costume, como discorre Weber (1999), em que as crenças, a origem comum e a semelhança no *habitus* externo funcionam como elementos primordiais utilizados para definição de um grupo étnico, destacando-se para a construção da identidade do grupo. O passado itinerante é uma representação social dos ciganos, funciona como consciência coletiva a estes povos. Portanto, a vida de andança apontada pelos ciganos é fundamental

para sua definição de grupo étnico, dado pela homogeneidade e compartilhamento de sentimentos comuns, referente à coletividade cigana.

Neste contexto, para os grupos formarem uma comunhão é necessário comungarem de ideias, crenças e sentimentos comuns, formando uma unidade. Essas crenças sociais e culturais permanecem mesmo com o passar do tempo, ligando uma geração à outra. Os ciganos do grupo familiar do Tião, a partir de uma vida de *andadores*, comungam um sentimento o qual demonstra a relação com as suas vidas. Neste contexto, as crenças do passado desenvolvidas na coletividade são exteriores aos ciganos e, mesmo assim, compartilhado com todos, exercendo sobre eles maneiras coletivas e de pensamento, destacando o nomadismo como algo crucial para seu povo. Por este ângulo,

A relação direta entre os termos “crenças e sentimentos”, “sistemas de representação” e “consciência coletiva” assim se apresenta: crenças e sentimentos comuns aos indivíduos espelham o conjunto de representações e de ações. A consciência coletiva é formada desse conjunto e nesse processo. Entre as representações coletivas e a consciência coletiva não há diferença alguma; nesse momento, são termos intercambiáveis (OLIVEIRA, 2012, p. 73).

A problematização do *ser andador* como elemento característico pelos ciganos demonstra como eles se constituem etnicamente a partir de um *ethos* comum ao seu povo, auto definindo e relacionando-se à vida de movimentações e mudanças. Tal passado de andança, mesmo ligada a sofrimento e dor é algo recorrente no processo identitário dos ciganos, devendo ser pensando como um elemento protagonista da resiliência destes povos.

Ao falar em ciganos, a primeira coisa a vir à mente, por causa do senso comum, é vê-los como membros de um grupo de vida nômade como principal característica, mas é preciso entender como cada grupo vivencia o espaço, para não fechar-se na dualidade: nomadismo e sedentarismo, pois tal imposição reduz a cultura a exotismos, como se as multiplicidades de prismas culturais não existissem.

Todavia, a vida de andança no grupo familiar do Tião foi de tal forma importante, tendo se tornado forma de diferenciação e de pertença étnica, associando-se, portanto, aos valores e modos de ser cigano. Para Weber (1999), a análise do universo simbólico de um dado grupo é fundamental para entender-se a identidade dele, por meio dos significados das tradições e os costumes para o grupo. Dessa forma, o passado de *andadores* é requerido por pelos ciganos como traço incontestado e simbólica de sua cultura.

A lembrança da vida de andador, ainda é cultivado entre os ciganos até os dias atuais, explicando a partir daí parte de sua origem, costumes, crenças e padrões culturais. Existe nessas movimentações uma forma de vida cigana, sentimento de dignidade, honra social e exigências convencionais, tornando-se um estamento positivamente privilegiado para criar a conduta de seus membros (WEBER, 1982).

Há assim nos ciganos modos de pensar e comportamentos transmitidos, coletivamente, a partir de crenças e ideias partilhadas pelo grupo. No que tange à consciência coletiva, práticas morais e crenças religiosas são feitas a partir de toda “consciência social” do grupo (DURKHEIM, 2010). Que são espelhos para as representações e ações do grupo dada pela vida de andança.

Patrícia Goldfarb (2013), em seu trabalho com os ciganos Calons em Sousa-PB, apresenta como estes ciganos operacionalizam a partir da memória de um passado *viajor* como forma de identificação, por isso mesmo, a experiência de viajantes é tida por eles como marcante em suas histórias. Nesse sentido, a partir de narrativas de tempos passados, os ciganos naquele contexto colocam o passado *viajor* como algo da essência de seu próprio ser, diferenciando-os dos outros.

Por ser um elemento constante na definição deste “ser cigano”, Goldfarb (2013) destaca como as falas retratavam um passado permanente e atuante na memória dos ciganos de Sousa-PB. O “*tempo de atrás*” é então um tempo mítico entendido como um construtor cultural extremamente importante para a elaboração social, bem como para a sua reflexão sobre a identidade cigana, assim como nos ensina Goldfarb (2013) pois eles têm na memória do *tempo de atrás* uma definição e caracterização.

Há entre os ciganos de Sousa uma preocupação em destacar as viagens e construir a partir delas a história do grupo como forma de representar a sua identidade. A autora então destaca a importância da memória coletiva como um mecanismo representativo de um conhecimento de si e do mundo.

E é nessa relação de conhecimento de si e do mundo, no qual os ciganos destacam e denotam uma diferenciação entre morador e andador. Em seu trabalho Goldfarb (2013) discorre sobre o tempo de morada (sedentarização), contrapondo-se ao tempo de atrás (nomadismo), tal como pontuou seus interlocutores.

Segundo Goldfarb (2013, p.156) “Para os grupos, “parar” ou transformar-se em “morador” também representou uma forma de acesso a bens socialmente valorizados como a casa”. A autora considera a importância da casa como forma de proteção da chuva e sol, de melhores condições de vida, ou seja, como abrigo. Algo percebido também entre

os ciganos interlocutores desta pesquisa, pois, como morador também passaram a ter melhores condições de vida, pois como andadores sofriam andando de jumento e agora alcançaram melhores condições de vida, o que os motivou a se fixarem

Outro ponto importante na análise de Goldfarb (2013) é sobre a fluidez dos conceitos, já que, mesmo como moradores, o tempo de atrás não se exclui, pelo contrário, faz-se presente. A autora destaca os valores reatualizados em novos espaços, os quais:

Apesar de sedentarizados, os valores do passado são reproduzidos nos ritmos do cotidiano, numa reatualização de um modo de viver, de fazer, de ser plural e, assim, de não se dissolver nas exigências de civilidade da sociedade envolvente (GOLDFARB, 2013, p. 168)

Os estudos ciganos vem mostrando a problemática existente em enquadrá-los como nômades ou sedentários, pois o campo demonstra a construção de suas moradias nos espaços das cidades, a partir de valores associados a uma vida em movimentação. Micol Brazzabeni (2013), em sua pesquisa com ciganos portugueses, reflete sobre as relações entre espaço e emoção nas famílias ciganas portuguesas, abandonando as “nomadologias”, ou seja, considerando os ciganos sem a limitação espacial, sem a perspectiva “dentro/fora, fixo/móvel, nômade/sedentário”. A autora analisa como os ciganos se relacionam com o espaço e as emoções neste contexto para a construção da pertença.

Dentro dos estudos ciganos é muito comum as terminologias, denominada pelo autor como “nomadologias”, ou seja, considerar os ciganos nômades ou sedentários. Em seu campo, ele foi levado a explorar o significado para aquelas pessoas de viver naquele lugar e não em outro, apontando assim o seu receio em colocar o termo nomadismo (BRAZZABENI, 2013).

Diante disso, a autora sugere que, a partir de ideias nativas, tais como o *abalar* e as *falas* cria uma “comunidade de palavra” e “performance da fala”, constitutivas do modo de “fazer-se Calon”, mostrado e compartilhado (BRAZZABENI, 2013). O termo *abalar* é utilizado pelos ciganos naquele contexto para se referirem ao “movimento de uma pessoa que se vai embora e que deixa de estar” (BRAZZABENI, 2013, p. 76). O termo *abalar* aparecia de forma recorrente nos discursos de seus interlocutores, utilizando-se para saber sobre o movimento de outro, bem como quem está e onde está, implicando as relações o ato de “estar ao pé”, sendo tais relações mais próximas e localizadora de pessoas.

Nessa perspectiva, a autora, ao discorrer sobre as falas constroem uma comunidade, orientando as práticas cotidianas como motor das relações sociais que “as palavras tenham a dimensão de coisas, como se as falas se tornassem coisas para serem vividas, cuja espessura experiencial muda nos seus contornos, dinâmicas, espaços e efeitos” (BRAZZABENI, 2013, p.76)

Quando iniciei a pesquisa com os ciganos da família do Tião, eu tinha a noção de os ciganos serem nômades ou sedentários e, ao estar em campo, eu não conseguia vê-los desta forma, mas fui percebendo então que os termos, *andador* e o *morador* eram falados por eles, levando-me para outra discussão, a qual passou a dualidade entre nômades e sedentários, entretanto, ela não era compreendida ou não identificada. O termo andador foi utilizado como fator de contraste e pertença étnica, contudo, o termo morador também era requisitado para falarem do seu modo de viver atualmente.

Para muitos a vida de andar, mudar de cidade é algo da cultura dos ciganos, mas cabe destacar que a história deste grupo é marcada por políticas anticiganas, com leis e decretos, os quais forçaram-nos a migrarem. Em alguns países da Europa foram considerados “raça maldita” e “demônios”, sendo associados a mendigos e bandoleiros. Sua dispersão pelo mundo deu-se muitas vezes de forma forçada e, às vezes, também por vontade própria (TEIXEIRA, 2009).

Mas ao destacar a vida itinerante, de andança ela passa a ser apontada como algo marcante da história deles, algo da cultura cigana, como foi dito pelos ciganos em São João do Paraíso: *cigano gosta de andar, a vida deles era andar*. No entanto, a oposição entre dois termos nômade/sedentário, reduz as possibilidades de entender como os ciganos em um dado lugar constroem relações e vivenciam o espaço. Estar morador não anula a movimentação ou fluxo, a enquadrando-se no imaginário de vida nômade, que seria algo diferenciador cigano do inconsciente popular. Por isso, afirmá-los unicamente como sedentários não permite entendê-los nas movimentações, ocorridas no dia a dia seja a partir dos negócios, das mudanças de casa ou de toda uma lógica de vida, baseada na *andança* e norteadora da pertença como ciganos.

Durante todo meu campo, era muito comum eles fazerem diferenciações entre moradores e ciganos, apontando sempre diferenças, e maneiras próprias de lidar com o espaço. Um dos casos passivos de comentário se desenvolve sobre o processo de luto, vou destacar dois acontecimentos ocorridos durante meu trabalho de campo. O primeiro aconteceu por volta de 2018, quando uma parente de Tião faleceu e o filho morava com a falecida na mesma casa,, rapidamente ele colocou o imóvel à venda e saiu da casa e foi

morar em outra casa sem cobertura de telhas, e sim por palha²⁵. Cabe ressaltar que a casa foi construída de tijolos e toda murada, sendo o falecimento da sua mãe o motivo da venda da casa.

Segundo o Tião “*no luto a gente fica muito sentido. Aquelas coisas não servem mais, se quebram e a casa se vende também. Porque fica vendo como se a pessoa estivesse todo dia ali. Os ciganos antigamente queimavam tudo*”. Outro fato interessante para essa análise ocorreu em 2020, quando a filha do Tião (casada com um morador), perdeu seu cunhado, que morava junto com ela e o marido em uma chácara. Ele veio a falecer no início do ano de 2020, fato este que era constantemente citado nas conversas destes. Segundo o Tião, “*Passei uns dias sem ir lá, porque a pessoa vai lá e fica relembando. Se fosse um cigano que houvesse morrido, tínhamos deixado*”

Em uma tarde enquanto estava sentada na frente da casa de Rosa, estando presentes a filha, nora e mulher de Tião e suas cunhadas Zaira e Rosa. Tal assunto foi comentado. A filha fala viu uma foto do cunhado falecido e a mãe logo destacou a dificuldade de comer naquela casa, pois não conseguiam mais olhar para o lugar onde ele ficava. Em seguida ela destacou que “*Se fosse cigano, não moraria mais naquela casa*”.

Tal fato obrigou-me a perguntar se quando algum cigano morre, os familiares do falecido não querem mais morar na mesma casa. Minha interlocutora afirma tal dificuldade, explicando como o lugar fica muito parecido com a pessoa, trazendo a eles o desejo de vender o imóvel. Ao relatar tal costume, a cunhada Rosa aproveita a oportunidade para explicar como existem diferenças entre a cultura de morador e de cigano, pois:

Quando morre gente os costumes deles são diferentes, eles não falam o nome da pessoa que morre, eles não gostam de falar e tudo que tem daquela pessoa eles destroem para não ficarem de lembrança. O morador quer lembrar para não deixar aquela coisa morrer. Por isso eles saem da casa queimam as coisas, e não querem ver nada da pessoa, o nome da pessoa eles não falam.

De acordo com a Rosa, enquanto os moradores querem lembrar os ciganos querem esquecer. Para Florencia Ferrari (2010, p. 246) “as ideias Calon sobre tempo-espço ganham expressividade em dois campos que se interconectam: a relação com os mortos e a viagem”. A autora alerta como diante da morte é possível perceber concepções do passado, presente e futuro.

25 A palha que é utilizada para cobrir a casa, ela é retirada do coqueiro, posta no sol para secar e depois utilizada.

De acordo com Ferrari (2010, p.246) “ A morte de um parente marca o limite de um ciclo espaço-temporal e a abertura de um novo ciclo em direção ao futuro”. Podemos então ver nesse modo de lidar com a morte o ideário de *viagem*, ou seja, de uma vida itinerante. De acordo com a autora, a morte para os Calons é marcada pelo deslocamento, silenciamento, já a lembrança, por sua vez; pelo sofrimento, justamente, por isso, eles procuram um certo distanciamento, sem querer dizer necessariamente que eles esqueceram. Era nítido o sofrimento deles perante a morte do morador em sua chácara, bem como era recorrente o assunto. Sair da casa não significa um apagamento de quem morreu, mas uma forma de acalantar o sofrimento.

Diante disso, os conceitos suscitados pelos ciganos da família de Tião era *morar* e *andar*, os quais, segundo Tião, não foram daqueles ciganos andarilhos do meio do mundo, mas explicou como já *viajaram* por várias cidades e moravam em casas. Outro termo destacado foi o *passrear*, pois ainda segundo o próprio Tião a vinda para esta cidade foi a passeio, gostaram e resolveram tentar a vida nesta cidade. Segundo Ferrari (2010) os termos *andar/viajar* e o *morar* são categorias muito complexas,

Se o parar/morar não significa fixação, o viajar/andar tampouco significa “erância”, o movimento sendo absoluto, não se define com relação ao espaço físico, o território, mas sim à rede afetiva de racionalidade – parentes, inimigos, estranhos, gadjes. (FERRARI, 2010, p.273)

Sendo assim, é preciso observar os “deslocamentos intermediários” (FERRARI, 2010, p.273), já que morar muitas vezes é marcado por deslocamentos, ficando perceptível como a relação com o espaço é marcado pela desterritorialização, daí a fragilidade de considera-los como sedentários. As movimentações, deslocamentos e fluxos ainda persistem mesmo com ciganos em situação de moradores. Tião destacou, por exemplo, tendo negócios tanto em Imperatriz quanto em cidades como São João do Paraíso, ademais ele destacou também como gostam de viajar a passeio para a Bahia ou Piauí onde eles têm parentes, sendo sua nora cigana do Piauí, cuja união se deu a partir de tais redes de relações com estes ciganos.

Por este caminho, percebemos como os ciganos em São João do Paraíso são marcados por movimentações, deslocamentos intermediários, fluxos e redes, considerados por eles mesmos, todos estes modos como sendo legitimamente modos ciganos de agir. Assim, os Calons são ativos no seu dia a dia e no modo como se apropriam do espaço.

A partir do trabalho de campo, quando estive mais próxima a este grupo, pude pouco a pouco perceber como eles, apesar de apontarem, em alguns momentos, como vivem e são até parecidos com os moradores, a pertença de ciganos é destacada a todo momento. Mesmo estando moradores, eles destacam a sua identidade, denotando o passado de andadores, como fator importante na construção da sua individualidade. Como bem destaca Goldfarb (2013), estando nessa condição, vão ressignificando maneiras próprias para não se dissolverem nas exigências da sociedade envolvente.

3.2. Expressões locais de fé e religiosidade entre os ciganos de São João do Paraíso.

Sobre religiosidade, demonstram como são, em sua maioria, católicos e que gostam de frequentar a comunidade Nossa Senhora da Salette, que fica no mesmo bairro. Em uma tarde assim que cheguei na casa da cunhada de Tião, ela explicou o motivo de não irem mais à igreja, pois, segundo ela, não gosta de ir sozinha, mas as outras ciganas se negavam a ir. Na casa do Tião, havia uma mesa com várias imagens de santos, dentre elas havia uma de Nossa Senhora da Salette, uma de São Francisco e outra da Nossa Senhora Aparecida.

Cabe ressaltar que os ciganos deste grupo familiar também têm muita devoção a Nossa Senhora da Serra e costumam participar da peregrinação até o santuário onde - segundo os devotos - está santa aparece a eles. Ficando a distância de cerca de 48 km da cidade, no povoado de Vão do Marco. Segundo Janete Cavalcante (2018), Nossa Senhora da Serra é uma das invocações da Virgem Maria, cuja aparição se deu por volta de 1970, quando vaqueiros avistaram-na em uma Serra. Passados alguns anos, as pessoas começaram a visitar o local na esperança de nova aparição da santa, iniciando a contação de histórias de milagres. Assim, em 1995 o pároco da cidade celebrou a primeira missa no local, dando início, posteriormente, à peregrinação - celebrando tal manifestação de crença com o festejo que, todos os anos, ocorre em Agosto.

Destaco ainda como os ciganos também tinham muitas regulações morais sobre os possíveis fenômenos sobrenaturais ou extranaturais, enquanto me falavam sobre a morte do morador, a cigana nora de Tião fala que não foi ao velório, o motivo segundo ela é que como tinha criança pequena, não era bom levá-la. Sua sogra então logo alerta: *não é bom, nem cemitério não é bom. Até a gente quando vai no cemitério quando chega lava as chinelas, pra tirar toda aquela terra.*

Outra regulação moral desse tipo foi apontada por Tião, ao dizer: “*Minha mãe quando um de nós viaja, ela só varre a casa quando chegamos no destino final*”. Eu queria compreender mais sobre as crenças ciganas e saber também se eles conheciam Santa Sara, assim, ao retornar ao campo, voltei a perguntar sobre sua religiosidade.

Ao voltar em visita a campo (Julho de 2019), em uma tarde, em frente à casa do Tião, comecei a indagar sobre as devoções próprias do povo cigano. Tião falou sobre sua família ser toda católica e muito devota dos santos. Sempre gostam de participar de rezas e, por isso, têm muitas imagens de santo em sua casa. Recentemente estes ficaram sabendo a respeito de Santa Sara Kali, uma santa dos ciganos, fato este declarado por eles. Este então destaca que;

Santa Sara Kali, Kali é um nome próprio da nossa língua, é a santa do nosso povo, temos foto dela aqui. Ela é morena. Ficamos sabendo dela por outros ciganos, seu dia é no dia 24, que também é o dia do cigano, é a santa do nosso povo (Tião Cigano, 2019).

No mesmo dia, agora presentes seus irmãos, o filho e também a esposa de Tião, eles me disseram o seguinte: “*ficamos sabendo agora, por outros ciganos, eles nos informaram, pois temos contatos com ciganos na Bahia e no Piauí*”, eu pergunto então se eles têm parentes em outros lugares e o Tião logo responde que sim, “*temos parentes perto de Imperatriz, Piauí, Goiânia, em muitos lugares nós temos*”. Apesar de reconhecerem Santa Sara e o dia do cigano, não fazem nenhuma festa especificamente para este dia, mas utilizando as ferramentas digitais como o celular, no dia do cigano, eles costumam atualizar seus *status* do aplicativo whatsapp, fazendo referência ao dia, parabenizando outros ciganos, como estava no *status* filha do Tião. Outro fato destacado pelos ciganos é como eles mantêm contato com os ciganos de outros estados, demonstrando a sociabilidade entre os ciganos no país:

Existe um fluxo de solidariedade entre os ciganos muito forte - eles ainda viajam, circulam entre as cidades nas quais existem parentes, amigos, conhecidos, aliados. Haja vista, que ao estar entre eles percebemos entre conversas que se constitui uma dinâmica constante de viajar, de receber parentes, amigos, o que demonstra essa atividade de sair em viagem com o grupo de parentes (BATISTA; MEDEIROS p.220, 2015).

Eles dizem que havia grupos no Whatsapp com os quais eles conversam com ciganos de outras cidades. Então Luiza, mulher de Tião, logo me diz sobre a Santa Sara que “*ela viveu com o nosso povo, com os ciganos, sabe o que já passamos, temos a imagem dela aqui em fotos, morena de cabelo escuro*”. Apesar de ficarem sabendo recentemente

da existência de Santa Sara, já possuem uma relação valorativa e de devoção, mesmo sem realizar festividades ou rituais do tipo.

Diante do exposto, pode-se notar como os ciganos têm maneiras próprias de agir, e isso ficava nítido nas conversas quando algum deles citavam, agindo dessa ou daquela forma diferenciada dos moradores. Mesmo vivendo em casas, eles sempre destacam o ser cigano e suas maneiras próprias de agir e crenças. Outro ponto importante ressaltado por estes foi a língua, como será tratado no ponto a seguir.

3.3. A importância da Língua: “É a cultura deles”

Como foi destacado pelos moradores, os ciganos costumam falar em sua língua. Durante todo meu trabalho de campo esse fato era recorrente. Em uma das minhas incursões, quando fui à casa de Tião, encontrei primeiramente sua mãe e, ao cumprimentá-la e pedir para chamá-lo, ela diz: *Tião tem uma garrin querendo falar com você.*

Percebi como eles tinham muito prazer e orgulho de manter a relação com a língua e procuravam manter tal prática. Durante uma tarde, sentada na calçada em frente à casa do Tião, sua neta de uns 3 a 4 anos chega com seu filho e ele fala: *olha ai minha neta, já sabe falar*, se referindo a língua Calon. Eles chamam de língua Calon, por isso optei por colocar como eles denominam.

Na tarde em que o Tião falou sobre a neta já saber falar a língua Calon, eu o indaguei sobre a tradução e ele me respondeu que estava falando a palavra *Jurin*, termo usado para falarem ante a algum morador não cigano ou ainda para se referirem a ele, tomando o termo geral (morador) pelo garrin podem falar só entre eles para resolver algo.

Segundo o Tião, a língua é aprendida pelos mais novos pela convivência, por que acompanham os mais velhos falando e vão aprendendo. Contam que os moradores que estão no seu ciclo familiar já aprenderam um pouco, e destaca também que, *cigano já nasce com o dom de falar esta linguagem*. Ademais, Diogo destaca que há diferenças entre as linguagens que os ciganos usam “*porque tem a linguagem Calon e tem um tal de Romani. Nós somos Calon, outra linguagem existente, nem nós entendemos, só eles mesmos*”.

Eu então indaguei sobre o motivo de só eles entenderem, então Diogo me informou se tratar de uma conversa entre os ciganos sem os moradores saberem. Nesse momento, Francina, filha de Tião, logo diz que “*Sempre aprendi, desde pequena, porque a gente vai aprendendo com eles falando, ai a gente vai escutando e aprendendo*”. Algo

confirmado por todos, seja entre os mais novos, seja entre os mais anciãos, todos aprendiam a falar tal língua dessa forma. Nesse momento, Tião fala como *“Agora, o menino que é criado por outra pessoa, porque tem cigano que dá o filho, aquele menino que vai criado por outra pessoa ele não sabe de nada não”*.

Em outra tarde fiquei conversando com as cunhadas de Tião, ambas não ciganas, então perguntei sobre a língua, se havia algo escrito, então a Rosa me fala que não, *“Eles já vão crescendo e vão vendo, o modo como eles são criados, eles são criados assim, as pessoas já vão falando”*.

Perguntando ainda se eles ensinavam essa língua para outras pessoas da cidade sabia, a Zaira me explicou: *“Tem muito morador aqui que sabe porque esses outros ciganos falaram, ensinaram, mas não pode, por que ali é a cultura deles”*. Ao ser questionada sobre se elas sabem, Zaira respondeu como aprendeu;

Eu ia escrevendo, agora só tenho na mente, mas há muito tempo eu fiz isso, a linguagem não pode ser ensinada, é porque ali é apenas a conversa entre eles, e também há muitas coisas que eles querem falar ali, que se o morador souber ele descobre.

Aos poucos fui percebendo como a língua deles é algo com significado e importância enorme, pois é uma forma única e interna de se comunicarem sem que os moradores. Segundo Rosa, ela aprendeu vendo, ou perguntando, quando não sabia alguma palavra. Contou-me ainda o seguinte, a fim de demonstrar a importância da língua e como foi seu processo de entrada neste grupo;

Quem me ensinou foi minha cunhada porque no tempo que eu fui morar com meu marido, eu era bem novinha, não era bem forte não, porque com o tempo a gente muda. Eu era bem magrinha, tinha 15 anos, aí lá eu me arrumei e a prima dele se arrumou. A prima dele já era refeita (Ou seja, com um corpo que elas já consideram de mulher), era casada, aí nós fomos na casa do tio dele que queria me conhecer e quando nós voltamos ela já me levou para casa da irmã (irmã da prima) dela para o povo dela poder ver. Aí lá começaram a falar a linguagem e eu não sabia, aí só que depois eu soube que o que a irmã dela falou. Algumas coisas era dizendo que eu era bonita, que eu era novinha, e ela já tinha me levado que era pra eles mangarem (caçoarem) de mim, porque eu era magrinha mesmo. A Tia dele começou a falar que eu era bonita, era bem novinha, mas eu era bonita. Quando eu cheguei de lá a minha cunhada perguntou, e eu falei que ela tinha me levado na casa da irmã dela, e me perguntou o que ela tinha falado: “ela falou um monte de coisa que eu não entendi foi nada, fiquei com medo da mulher querer me matar”. Aí aí ela disse “pois deixa eu te ensinar, tu vai anotar tudo no papel e tu vai botando a linguagem e o significado na frente”. Aprendi, e na próxima vez que eu fui a irmã da prima dela começou a falar que eu era feia, magra, aí a irmã dela falou que não, que eu era bonita, só era novinha, que quando pegasse corpo ia ficar muito bonita:

“tem muita *moradeira* que a gente conhece que é feinha mas essa aqui é bonita”, falando na linguagem. Ambas sorrindo e eu entendendo, e fingindo que não sabia. (Sara, 2020)

A partir dessa narrativa, compreendo a língua funcionando como elemento da cultura deles. Tratada como segredo e sendo prioritariamente um idioma agregador da cultura, unidade e um meio de compartilhar segredos, história e de fomentar seu próprio cabedal cultural, significando no contexto ambiental, cultural e temporal elemento de proteção e resistência. Sara mostra muito bem tal relação. Como *moradora*, ela foi apresentada a familiares de Diogo, que logo na sua língua começaram a falar dela, pressupondo que não estivesse entendendo.

Por isso, Sara, ao falar sobre essa forma de segredo da linguagem brinca comigo, explicando: “*Podem até dizer que vão te matar e tu não sabe, agora ela vai ficar com medo*”. Nesse momento elas então sorriem e dizem estar brincando.

Sendo assim, a forma de aprender a linguagem é um processo de socialização introduzido e ensinado às crianças desde cedo. É, portanto, de suma importância nesse grupo esse idioma, dialeto ou falar característico, algo natural e cultural, tornando-se também um mecanismo de unidade e proteção do grupo no meio onde vivam seja em qualquer grupo social no qual estejam, por isso eles evitam o aprendizado por quem não seja cigano.

Os elementos identitários eleitos pelos ciganos no seu contexto de pesquisa, em Sousa-PB, Patrícia Goldfarb (2013, p.120) destaca a língua como representação de “uma estratégia para a organização interna e uma forma de lidar com o mundo externo frente a uma realidade de sedentarização”.

Diante do exposto, pode-se relacionar tal fato a este grupo, tendo na língua tanto uma estratégia para falarem apenas entre si, se necessário, quanto um elemento identitário; pois, como destacou a cunhada de Tião “*a língua é a cultura deles*”. Por isso eles não contam a ninguém sobre ela e está só é repetida com intuito de ensiná-la ou mesmo em conversas jocosas no contexto de socialização, entre seus falantes originais para manterem a proteção da sua língua.

Ao destacar a língua como sua própria cultura, eles me expressaram a importância da linguagem cigana em seu conjunto de valores mais caros, utilizada em um cenário de convivência, gerando a fixação. Depois, a prática se mantém preservando a importância da aprendizagem, reforçando assim o pertencimento de grupo. Oliveira (1976), ao expor

a situação do sujeito dentro de sua coletividade, num momento de convivência, argumenta: “um indivíduo poderá invocar seu conhecimento da língua (como indicador de seu conhecimento da cultura do grupo)” (OLIVEIRA, 1976, p.10).

A antropóloga Edilma Monteiro (2017), em seu trabalho intitulado “*Educação entre Ciganos na Paraíba: Observando Práticas de Aprendizagem na Construção Identitária*” discorre sobre o processo de aprendizagem da língua, explicando como ela se torna um elemento constitutivo do ser Calon entre grupos ciganos na Paraíba.

De acordo com a autora, a língua é considerada um elemento de reconhecimento e de pertencimento étnico, trazendo dois contextos etnográficos, no primeiro a aprendizagem da língua se dá na prática no dia a dia do grupo; já no outro, a língua é inserida em projetos pedagógicos na rede de ensino. O primeiro contexto etnográfico se assemelha mais ao observado por mim entre os ciganos em São João do Paraíso.

No primeiro contexto etnográfico destacado pela autora, a língua é apreendida num processo de aprendizagem oral e visual. Na vivência com o grupo, a autora pôde observar que havia uma criança com menos de dois anos a qual sabia falar a língua *Chibi*, denominada assim por eles, e isso se repetia com outras crianças (MONTEIRO, 2017).

Segundo Monteiro (2017), a língua compõe a identidade Calon e sua importância se dá também pelos valores repassados, como a quiromancia, no contexto estudado pela autora. Para Goldfarb (2013, p.122) “Através da língua, desenvolvem formas de cumplicidade, de proteção e de resistência ao consentimento servil ao mundo juron”. A língua serve aos ciganos como forma de conhecimento de suas especificidades culturais, conforme demonstrou a estudiosa.

Lailson Silva (2010) em seu trabalho intitulado: “*Aqui todo mundo é da mesma família*”: Parentesco e relações étnicas entre os ciganos na cidade alta, Limoeiro do Norte-CE”, destaca o sangue, a memória e a língua como traços culturais que permitem que estes reforcem a condição de ciganos em relação aos não ciganos. Sendo assim, é a partir de tais sinais diacríticos que os ciganos Calon daquela localidade constroem sua identidade étnica.

Silva (2010) destaca a língua como forma de diferenciação entre os ciganos e os não ciganos em Limoeiro do Norte – CE, reafirmando quando eles chamam os não ciganos por *jurin*, sendo a língua diariamente (re) atualizada no espaço doméstico.

Percebi ainda, em meu campo, em uma tarde sentada à porta da casa da cunhada do Tião, Rosa, elas se referirem aos não ciganos como *jurin*, ou *garrin*, quando uma delas perguntou sobre o irmão de Tião: “*Ele foi numa fazenda de um jurin*”. A língua neste

contexto também é requerida para chamarem e classificarem os não ciganos, eu também já fui chamada de *garrin* por eles.

De acordo com Silva (2010, p. 75) “Essa (re) atualização dá-se por meio da oralidade, não apenas como um recurso fonético expresso por palavras, mas que traz em si histórias de origem, valores, práticas culturais”. Dessa forma, a língua funciona como preservação da cultura cigana ou como mecanismo para tanto, sendo assim é valorizada por eles, pois a língua é a sua própria cultura.

Pierre Bourdieu, em *A identidade e a representação: Elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região*, discute os elementos que tem funções de representações práticas e que podem servir para a construção da identidade. A representação segundo Bourdieu depende do conhecimento e do reconhecimento, “a identidade é produto” (BOURDIEU, 2007, p.110). Dessa forma é produto do meio e das relações sociais estabelecidas onde elas se estabelecem.

No presente texto, discuto os critérios utilizados para a identidade ser um identificador regional ou étnico. Bourdieu destaca os elementos objetivos de identidade étnica ou regional, em que deve ser pautada na prática social do grupo, esses critérios são objetos de representações "mentais" (como língua, sotaque), e de representações "objectuais" (como emblemas, bandeiras, construções), são assim, “[...] as características que os etnólogos e os sociólogos objectivistas arrolam funcionam como sinais, emblemas ou estigmas, logo que são percebidas e apreciadas como o são na prática” (BOURDIEU 2007, p. 112).

O autor realça as categorias para revelação e construção da identidade, exercida pela objetivação do discurso, bem como os componentes para a identidade étnica ou da região, tal como o parentesco e a língua.

[...] o efeito do conhecimento que o fato da objectivação no discurso exerce não depende apenas do reconhecimento consentido àquele que o detém; ele depende também do grau em que o discursos, que anuncia ao grupo a sua identidade, está fundamentado na objectividade do grupo a que ele se dirige, isto é, no reconhecimento e na crença que lhe concedem os membros deste grupo assim como nas propriedades econômicas ou culturais que eles têm em comum, pois é somente em função de um princípio determinado de pertinência que pode aparecer a relação entre estas propriedades. (BOURDIEU, 2007, p.117).

Nesse sentido, a construção da identidade por meio de suas representações da língua, tais como o sotaque e os símbolos materiais que funcionam para “orientar e estruturar a ação social, elas acabam sendo afetadas pelas lutas ou disputas de classificação que

caracterizam as interações, razão pela qual os planos da representação e da prática são complementares na investigação no entendimento das identidades” (BOURDIEU, 2007, p. 111).

Assim, a partir de representações "mentais" (como língua, sotaque) e as representações "objectuais" (como emblemas, bandeiras, construções) a identidade é percebida nesta luta apoiando-se nesses elementos para conhecer e reconhecer.

Dessarte, os ciganos têm na língua um símbolo marcante e característico da sua cultura, funcionando como traço identitário e característico aos outros, utilizando a língua, por exemplo, como fator de proteção e resistência perante os demais. Ademais, a língua representa para eles o conhecimento cultural dos povos ciganos, como forma de identificação e pertencimento.

3.4. As festas como momento de performatização da identidade cigana.

Vivendo em meio a cidade, onde segundo eles já misturaram, através de negociações, costumes ciganos com costumes de morador, os ciganos interlocutores desta pesquisa destacam que no dia a dia vestem roupas *simples*, como as roupas dos moradores. Assim foi percebido, no período de incursão em campo, o uso pelas mulheres de roupas, chamada de simples, pois são semelhantes às dos moradores, entre elas: como shorts jeans, blusas ou calças, mas esse costume era mais comum entre as ciganas mais novas: a mãe de Tião, sempre estava de roupa cumprida. Mas isso não ocorria sempre, pois, às vezes, quando estava em campo, independentemente da idade, todas estavam de roupas compridas, vestidos ou saias coloridas. A vestimenta dos homens também era semelhante à dos moradores, camisas, shorts jeans, já o pai de Tião sempre estava de chapéu e as vezes de bota.

Em uma tarde, quando eu havia acabado de chegar e me sentar à frente da casa de Rosa, onde também, estavam presente a filha e esposa de Tião e uma das noras com a sua filha. Cheguei, cumprimentei-as, e elas então conversavam entre si, dentre um dos assuntos comentados era sobre a ida dos maridos delas em uma fazenda. Logo em seguida, chegou Sara. Enquanto conversávamos, moradores locais passavam e as cumprimentavam. Dentre um dos assuntos tocados, Sara fala que havia uma loja na cidade que tinha vestidos coloridos muito bonitos e que elas iam gostar. Segundo Rosa, um dos costumes que diferencia ciganos e moradores além da roupa, são os cabelos, pois em sua maioria

costumam ter cabelos cumpridos, fato observável neste ciclo familiar no qual todas as mulheres tinham cabelos longos.

Ao indagar naquela oportunidade sobre as roupas ciganas, o que seriam roupas típicas dos ciganos, Sara então destacou: “*Cigano para fora só usa roupa comprida, e feita por uma alfaiate própria, eles aqui gostam de roupa comprida*”. Já Rosa, destacou que dentre eles não é sempre que usam roupas cumpridas, mas que as vezes usam sim. Ela ainda destacou que “*depende se o marido gostar de roupa comprida, por que as vezes o marido gosta de ver a mulher bem-vestida*”.

O Tião em outro momento ao falar sobre as mudanças que acontecem quando um morador se casa com um cigano: “*A primeira coisa que vai mudar é a roupa, depois vai começar colocar brinco de ouro nas orelhas, cordão, pulseira, dente de ouro, troca tudo. Gostamos de ouro, agora até que paramos. Eu tinha seis dentes de ouro eu tirei, porque estraga muito os dentes*”.

Outro detalhe que marca a cultura cigana é o ouro, eles costumam usar dentes de ouro. Também têm o gosto por pulseiras e adereços nesse metal. Percebi que, desde as crianças menores, todos usam cordão, pulseira ou algum adereço de ouro. Durante uma tarde o irmão do Tião me falava que desejava um cordão de ouro ainda maior. Tião destaca que “*cigano gosta de ouro, ouro na boca, anel, pulseira, cordão. Cigano gosta muito de ouro*”. Ele disse que tinha dente de ouro, mas retirou. Que é um costume muito recorrente entre eles cobrir o dente com ouro.

Em uma conversa com a Francina (filha do Tião), dentro da residência do Tião, ela me falava das diferenciações entre ciganos e moradores, e eu buscava identificar o que para eles era algo típico aos ciganos, como festas, comidas, entre outros. Ela então me fala que muita coisa era parecida com as dos moradores, começando do vestuário, afirmando que no dia a dia vestem roupas *simples*, ou seja, iguais às dos moradores. Mas destaca que:

nos dias que fazemos festa tais como no Natal, virada de ano, quando nos batizamos um filho aqui, ai nos vestimos de forma diferente, dançamos, as mulheres ficam de um lado dançando e os homens ficam tomando uma cachacinha (Francina, 2020)

Uma das diferenças entre cigano e morador, segundo a Francina, é o modo de ser e de vestir, destacando os tempos de festa quando eles vestem suas *roupas mesmos*, pois, no dia a dia, eles usam roupas *simples*. De acordo com Florencia Ferrari (2010, 148) “o corpo é suporte de diferenciação, no qual a roupa, as tatuagens específicas e os dentes de

ouro cumprem um papel fundamental”. A autora explica como homens e mulheres ciganos dispõem de um arsenal estético, o qual funciona como “traço identitário” e também como diferenciação entre ciganos e não ciganos, sendo “constitutiva da pessoa Calon” (FERRARI, 2010, p.148).

As roupas, o ouro foram algo destacado no ciclo familiar do Tião, que ressaltavam que uma das primeiras mudanças que haveria assim que uma mulher se casasse com um cigano seria a roupa, que ela teria que adotar as vestimentas próprias aos ciganos. Ao considerarem as roupas dos moradores *simples*, apontam que estes detêm vestimentas próprias a sua cultura, sendo tais modos de vestir constitutivos da pessoa Calon, como bem destacou Florencia Ferrari (2010).

São nas festas entre eles onde as roupas e o ouro são elementos acionados e facilmente identificado. As festividades são momentos para reunirem-se apenas entre si, mas também podem convidar moradores considerados por eles como amigos, completou ainda Francina. A preferência de festas entre famílias é sempre privilegiada por causa dos perigos existentes em festas ocorridas na cidade (como as brigas em que se utilizam até de armas), além disso como gostam muito de festejar a família e em família, permitindo a diversão sempre.

Por isso, as comemorações são sempre realizadas em datas festivas da vida cigana, como os ritos de aniversário, casamento e batizado para festejarem. Podendo assim, entre eles beber até a hora que quiserem, dançarem se divertirem e se vestirem, como bem destacou Francina, do jeito cigano.

As festas, foram sempre postas em destaque nas falas de Tião, contando sempre sobre suas festividades, falando como eram momentos em que podiam escutar música sertaneja, divertirem-se e vestirem-se com os seus adereços. Também destacou quando os parentes de fora vêm, eles costumam fazer uma “brincadeira”, indo para a chácara, assar carne e ouvir músicas sertanejas.

Monteiro e Pires (2020), no texto, *“Party as perspective” between Calon in Mamanguape, Paraíba (Brazil): abundance and ostentation in Gypsies transforming borders*, discorrem sobre como as festas e comemorações entre os Calons em Mamanguape-PB, são momentos privilegiados para a realização e atualização do ser Calon, a partir das festas observadas, as autoras tratam as categorias festas de calendário: como os dias das crianças, festa de Natal e ano novo, e também os ritos de passagem: como casamentos e aniversários.

As festas, segundo as autoras, são momentos importantes também para demarcar a fronteira entre ciganos e não ciganos, pois no caso estudado, os não ciganos são convidados. As festas servem para os ciganos mostrarem o sucesso financeiro e também a prosperidade, a comida é sempre servida com abundância, conforme destaca,

This is how we understand the parties as central place in the building a performance Calon. In this becoming Calon process, it is the feast of excess and ostentation that sets the tone. Through the luxury, the festival realizes the great amount of food and details, the clothes and gold that adorn the bodies of Calon, the possibility of reconstructing the imagery about the Roma in the locality. (MONTEIRO; PIRES, 2020, p.497)

As festas são assim compreendidas como momento no qual os ciganos podem performar a identidade, podendo usar roupas, joias e adereços próprios aos ciganos, mesmo que tais adereços sejam hodiernamente usados, as festas compreendem, portanto, momentos de fazer-se Calon.

Compreendo que os ciganos enfoque desta pesquisa, utilizando-se de momentos festivos para personalizarem-se na sua própria identidade e também concordo que as festas são momentos de atualização do ser Calon, conforme explicado pelas autoras, por ser destacado entre as falas a utilização de elementos característicos próprios entre si e entre os outros (não cigano).

Eu não tive oportunidade de ir em uma festa deles, pois quando retornei a campo para a escrever este trabalho, por causa da pandemia de COVID-19, as autoridades sanitárias proibiram aglomerações, interrompendo este trabalho de campo. Eles falavam sobre o desejo de que eu visse de perto uma festa a modos ciganos.

Ao conversar com uma vizinha e amiga dos ciganos, da qual sou parente, ela disse ter ido a algumas festas dos ciganos, como casamentos ou batizados. Segundo ela, eles gostam de servir muita comida e sempre há presença de ciganos de outras localidades. Também costumam ouvir música sertaneja em seus carros (com som alto) e as ciganas se vestem de vestidos longos e coloridos, utilizando vários adereços, como colares e pulseiras.

Durante a pandemia, interrompemos o contato presencial, mas eu continuei conversando por WhatsApp com a filha de Tião. Eu sempre ficava atenta aos status do seu Whatsapp publicados por ela e durante a pandemia eles costumavam comemorar os aniversários entre si e postavam fotos de tais comemorações. Nas fotos, o Tião e os três filhos estavam de bota, chapéu, e a mulher e filha ambas de vestidos, colares e anéis de

ouro, descrição que foi dada quando eles se vestem do *jeito cigano*. Eram momentos apenas com a família não havendo convidados. Na virada de ano, tal situação perdurou e eles mantiveram a comemoração apenas entre eles.

Em uma das minhas primeiras visitas a campo, ainda em 2018, em conversa com o Tião, eu perguntei se havia alguma festa típica dos ciganos, ele me respondeu negativamente, entretanto, afirmou como gostavam de eles mesmos organizarem festas, destacando que “ *os ciganos quando fazem uma festa vem todos de chapéu, só toca música sertaneja e convidamos vários amigos*”. (Tião, 2018). Os amigos não ciganos convidados são os vizinhos, os compadres e comadres. Ainda segundo Monteiro e Pires (2020), entre os convidados estão também pessoas de prestígio na sociedade local, como empresários e políticos.

O Tião sempre me falava que as festas entre eles eram momentos importantes e felizes, que contava com a presença de não ciganos que eram amigos deles, vizinhos e (as vezes) parentes de outras localidades. Era um momento para confraternizarem entre si. Em casamentos, segundo ele, *tem festas grandes*, regadas de muita comida e bebida, próprio do jeito cigano de comemorar.

Segundo Guarinello (2001) há uma diversidade de interpretações sobre a definição de festa, tal termo é comumente dito no dia a dia, podendo então ser considerado festa para uma gama de situações. O autor discorre sobre as festas não se dissociarem do cotidiano, mas se manterem integradas a ele, sendo uma relação coletiva que implica organização e preparação, participação coletiva de um determinado grupo.

[..] uma festa é uma produção social que pode gerar vários produtos, tanto materiais como comunicativos ou, simplesmente significativos. O mais crucial e mais geral desses produtos é, precisamente, a produção de uma determinada identidade entre os participantes [...] A festa é, num sentido amplo, produção de memória e, portanto, a identidade no tempo e no espaço. (GUARINELLO, 2001, p. 972)

Ademais, o autor explica como tais festas são mais um elemento para reforçar a identidade, não sendo apenas nas comemorações simples, mas identidades firmadas, pelo contrário a festa é produto da realidade social (GUARINELLO, 2001). Segundo Guarinello (2001, p. 973) “O que chamamos de festa é um espaço significativo por excelência, um tempo de exaltação dos sentidos sociais, rígido por regras que regulam as disputas simbólicas”. As festas são destacadas neste grupo como momento de acionarem assim modos e vestimentas próprios dos ciganos, assim como danças e músicas, se apropriando de símbolos que eles consideram próprios da sua cultura.

Guarinello (2001), portanto, enfatiza como as festas são produto da sociedade, sobre ela mesma. Podendo ser festas familiares, ou de calendários as festas são momentos em que retrata o grupo que esteja organizando. Como disse Francina, em suas próprias festas eles podem se vestir e comemorar à maneira cigana.

Falamos como a festa Calon ganha novas reconfigurações nesta produção social interna, elas são uma espécie de momento de reforço da identidade cigana, podendo reforçar as diferenças entre estes e os moradores, a partir das roupas, e adereços que se contrapõem ao modo simples como destacou a Francina, vestidas no dia a dia, sendo simples o modo como os moradores se vestem.

A partir das falas pode-se perceber como as festas assume para esse grupo um momento da performance da identidade cigana e de sua própria cultura, utilizando-se de símbolos que eles consideram próprios. As festas são momentos em que os modos de *ser cigano* são então denotados, e expressados através das roupas, músicas. Segundo Schechner (2003) através das performances se afirmam identidades, contam histórias..

A performatização se inicia nas roupas e adereços e segundo os trabalhos de Ferrari (2010) e Monteiro e Pires (2020), vemos que mulheres utilizam vestidos longos e mais de uma roupa em dias de festas, usam joias, sejam elas ouro ou não, estão com cabelos bem arrumados. Os homens nos estados do Sudeste se utilizam do chapéu de couro, do cinto com a fivela, e de camisas xadrez, remontando quase uma figura de sertanejo. A partir dos relatos ouvidos em campo e das fotos em status do WhatsApp tal descrição de vestimenta se destaca entre os ciganos em São João do Paraíso. Os ciganos são, portanto, interlocutores desta pesquisa destacam que eles festejam entre si e também com amigos próximos não ciganos, e que em tais momentos eles performam e reforçam a identidade cigana, sendo assim, considero que tais momentos que podem ser uma mistura de diversão, com comida, música e bebida. As festas podem ser de dias do calendário, como também ritos importantes (casamento e aniversário), ou então momentos em que festejam a visita de parentes. Tais momentos são oportunos para reforçar e destacar a identidade.

Ao destacarem o passado de andança, a língua, e as vestimentas e adereços como aspectos culturais próprios aos seus povos, eles estão destacando elementos descritivos de suas identidades como ciganos, traços que tem para estes significados, sendo elementos de contraste interétnico. Manuela Carneiro da Cunha (2009) ao discorrer sobre cultura, destaca a categoria cultura com aspas, para discorrer sobre aquilo que é dito acerca da cultura.

De acordo com a Manuela Carneiro Cunha, “com mais frequência do que costumamos admitir, pessoas tem consciência da própria “cultura” (CUNHA, 2009, p. 359). Sendo assim, a cultura com aspas se refere à reflexão dos próprios ao falarem de si mesmos e de seus traços e elementos culturais. A autora ressalva que na “cultura” os povos seriam os autores destas visões acerca da sua própria cultura.

O debate cunhado neste capítulo, sobre os ciganos em São João do Paraíso busca remontar a partir de suas vivências na cidade em constantes relações com os moradores, destacam o ser cigano por elementos, noções e valores baseados numa contraposição aos cidadãos não ciganos, que segundo estes são moradores.

Dessa forma, a elaboração contrastiva da relação cigano e não cigano está embasada na elaboração de um ethos próprio, a partir do gosto por andanças, o passado andador, a língua Calon, o modo de experienciar os momentos de festas, em contraponto aos moradores locais não-ciganos, residentes de forma fixa em residências, não possuem essa memória de andador, nem uma língua que marque o pertencimento étnico e não utilizam momentos públicos para experienciar uma alteridade máxima, entre eles e os outros.

Dessa forma, a partir do passado andador, da língua e de maneiras próprias de agirem destacam a sua identidade e como ciganos, em contraposição aos moradores, tais fronteiras de diferenciação e pertencimento são reforçadas no dia a dia, ao destacarem maneiras próprias de vestuários, língua e de viverem na presente cidade, afirmando seus valores e o pertencimento como ciganos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presença dos ciganos em vários contextos é marcada por relações conflituosas, dada pelos preconceitos enfrentados por eles por onde passam. Muitas vezes, o que chamamos de “algo da essência dos ciganos”- as idas e vindas, uma vida itinerante - é mais uma maneira de resistir. As mudanças entre territórios são marcadas por tentativas de procurar por algo melhor para sobreviver e, em outras circunstâncias, a mobilidade se dava por serem obrigados a obedecer às leis.

Os ciganos são em diversas situações reconhecidos por meio de estereótipos, que os caracterizam de forma errônea, e reduz a história destes povos. É muito comum, mas errada, a vinculação destes povos a *ladrões*, *trambiqueiros*, nômades e praticantes da quiromancia, caracterizações que sempre os colocavam – na visão dos demais – em uma condição de receio e controle. Os ciganos por onde passam sofrem preconceitos e em muitos lugares foram mandados embora.

Segundo alguns trabalhos a respeito da presença cigana no Brasil (BARROSO, 2004; TEIXEIRA, 2009; MOONEM, 2011), eles foram degredados de Portugal e enviados ao Brasil ainda no período colonial, quando recém-chegados em terras brasileiras foram enviados ao Maranhão, pois se localizava longe dos principais centros do país. Mas pouco se sabe sobre a presença dos ciganos no Maranhão, segundo a Secretaria de Estado Extraordinária de Igualdade Racial- (SEIR), esta pasta também enquadra os ciganos, pois trata das comunidades tradicionais, o contato com os povos ciganos que vivem no Estado é muito recente, não havendo assim muitas informações.

O presente trabalho destacou a presença cigana em uma pequena cidade do interior sul do Maranhão. A pesquisa teve foco no grupo familiar do Tião, que vive há mais de 20 anos neste local. Por ser uma cidade interiorana marcada pela pessoalidade, em que todos se conhecem, a chegada destes causou em um primeiro momento repulsa. Diante disso, buscou-se, compreender as relações interétnicas entre moradores e ciganos, e como neste espaço eles destacam a identidade e quais os elementos da cultura cigana são acionados como forma de pertencimento étnico.

O presente texto buscou discutir as relações entre ciganos e não ciganos, identificando como em um contexto que teve seu início marcado pelo preconceito e o afastamento entre moradores e ciganos, São João do Paraíso se tornou um local em que as relações entre estes são próximas.

Quando se deu a chegada dos primeiros grupos ciganos, por volta de 1960, este lugar ainda não havia se tornado cidade. Sendo assim, eles foram considerados *outsiders* e *estrangeiros* (ELIAS; SCOTSON, 2000; SIMMEL, 1983) ou seja, pessoas de fora não pertencentes àquele ciclo e causavam receio à tranquilidade daquele pequeno lugar. Foram colocados sob vigilância e sofreram discriminações, sendo considerados *ladrões*, *trambiqueiros* dentre outros preconceitos.

O grupo familiar do Tião chegou anos depois e foram morar em um local distante do centro da cidade, em um barracão, e começaram a construir e vender casas. O local, onde inicialmente havia apenas ciganos, começou a ser composto por ciganos e não ciganos. Diante disso, houve a expansão do local, posteriormente dividido em dois bairros, nos quais os ciganos construíram a maioria das suas casas.

É nesse ingresso à cidade, marcado por uma ética do trabalho, que os ciganos negociaram as representações direcionadas a eles, redirecionando o estigma e destinando os estereótipos dado a eles aos outros ciganos. Foi negociando as imagens e representações reconstruindo sua imagem mais positiva.

Os ciganos acreditam terem construído uma moral frente aos preconceitos. Por meio do trabalho, conseguiram mostrar para a população local que são pessoas honestas. Diante dos entrevistados não ciganos, essa crença parece não existir somente entre os ciganos: os demais cidadãos reconhecem-nos como “diferentes” em relação aos demais ciganos, os quais poderiam ou deveriam ser imediatamente alinhados aos estereótipos citados.

Dessa forma, a partir das discussões teóricas, ressaltou-se como em relações marcadas por uma identidade estigmatizada existe um esforço em esconder o estigma ou mesmo o empenho no controle das informações (GOFFMAN, 2004). Sendo assim, ao serem considerados forasteiros na cidade a moralidade se relaciona a identidade social, sendo então considerados inferiores aos nativos. Diante disso os atores sociais conseguem negociar as tensões sociais (HERZFELD, 2005).

Tal negociação se faz pelo controle das informações e pelo reendereço do estigma (CONCEIÇÃO, 2018), direcionando tais estigmas aos outros ciganos, e também pelo trabalho, em que o trabalho é muito mais que um meio de sobrevivência material, pois há benefícios morais nesta atividade (SARTI, 1994). Os ciganos da família do Tião destacaram que hoje em dia são bem-vistos na cidade, tendo amigos e sendo reconhecidos por todos, adentrando então as relações de *pessoalidade* presente nas cidades pequenas, algo presente em São João do Paraíso. Com o reconhecimento vêm então a confiança e

eles passam então a tecer relações comerciais, e também relações mais próximas com os moradores, como o compadrio.

De acordo com o Tião, eles mantêm relações muito amigáveis com a população local, sendo eles ‘de dentro’ da casa das pessoas e vice-versa. A partir das observações que fazia sentada na calçada de suas casas, nos finais de tarde, pude compreender as maneiras de produção nas relações com a população local.

Além disso, escutar a narrativa do lugar dos ciganos na consolidação de São João do Paraíso como cidade. Os ciganos se consideram e são considerados grandes contribuidores no desenvolvimento da cidade, sendo responsáveis pela expansão de bairros e construção e venda de casas. Este fato também não está só no imaginário dos ciganos, pois Tião e seu irmão receberam, oficialmente, da câmara de vereadores o título de cidadão paraisense pelas contribuições a cidade.

Evidenciou-se, por meio das narrativas feitas pelos moradores entrevistados, que eles consideram os ciganos residentes nesta cidade pessoas *tranquilas* e de *boa convivência* e a qual vem contribuindo economicamente com a cidade. Mas cabe destacar como eles colocam em destaque os ciganos da cidade, ou seja, eles são diferentes de outros. Não deixaram de ter preconceitos contra ciganos, mas acreditam que a diferença que marca aqueles que moram na cidade permite uma atitude menos vigilante e maior abertura.

Durante todo o trabalho de campo os ciganos reafirmaram que são bem conhecidos na cidade e mantêm boas relações com a população local, seja comercial ou de amizade. Todavia, assim que chegaram na cidade eles eram postos a vigilância nos comércios quando entravam, sempre havia alguém para observá-los de perto e não podiam comprar a prazo nas lojas, fato este que mudou, pois segundo o Tião, basta falar quem ele é que as pessoas confiam e vendem.

Os ciganos da presente pesquisa destacam que hoje vivem em uma condição de moradores, e porque já misturaram a prática cigana com a dos moradores, tanto por aceitarem casamentos entre ciganos e moradores, como por estarem morando em residências fixas. Todavia, no presente contexto eles consideram-se mais ciganos que moradores, reforçando a fronteira entre eles e os outros.

A partir do contato mais próximo, foi possível verificar como mesmo em tal condição eles ressaltam a pertença étnica. Sendo assim os próprios ciganos reforçavam que eram *mais cigano que morador*. Segundo eles, não foram daqueles ciganos que andaram pelo meio do mundo, mas viviam viajando e quando chegavam na cidade moravam em

casas, destacando a importância de ressaltar a diversidade de povos ciganos no Brasil e no mundo. A partir das conversas, eles enfatizaram os ciganos como pessoas que gostam de andar, vivem assim andando. Destacaram a essência de ser cigano, reafirmando ser exame está no sangue, não havendo, por isso, possibilidade de acabar com o nome cigano.

De acordo com os eles, uma das primeiras características elencadas sobre a auto-definição dos ciganos era uma vida de andança. Alguns estudos sobre os povos ciganos, discorrem sobre eles viverem de forma nômade ou sedentária. O nomadismo é então destacado como algo com cuja cultura ficou marcada da cultura cigana, em oposição a uma vida sedentária, ou seja, aos que vivem de forma fixa, em residências. Nesta leitura, podemos compreender os ciganos em alguns contextos, aos poucos foram sedentarizando, ou seja, vivendo como moradores.

O exercício de pesquisa junto aos ciganos em São João do Paraíso me possibilitou observar como é problemático definir os ciganos como nômades ou sedentários reduzindo-os a apenas uma característica de seu comportamento. A partir do convívio com os ciganos e das falas, pude perceber como a movimentação, viagens, passeios é algo presente na vida destes no presente local, sendo assim eu não poderia considerá-los como sedentários, até porque mesmo vivendo como moradores eles agiam conforme valores de uma vida de andança. Sendo muito comum eles destacarem que isso acontece porque são ciganos, que gostam de vender e por isso não se apegavam as casas, e que vivem de negócios, tanto nesta cidade como em outras.

Ademais, foi possível observar como estes se utilizam da língua como fator de diferenciação, e que eles preferem não ensinar para não ciganos, por ser uma forma de conversarem apenas entre si, e por ser algo passado por meio da convivência em grupo. As vestimentas também foram destaque nesse processo de diferenciação entre os moradores, já que segundo os eles, enquanto os moradores se vestem de forma *simples*, eles têm maneiras próprias de vestimenta, podendo-se destacadas nas festas, momentos em que estes podem reforçar a identidade e o pertencimento étnico.

Sendo assim, a identidade cigana é construída em oposição aos moradores, se utilizando do passado de andança, da língua e das vestimentas como forma de diferenciação e da construção da identidade cigana. A partir do contato mais próximo pude perceber como eles ressaltam tais diferenciações entre a cultura cigana e a de morador, acionando então elementos que para estes são próprios da sua cultura para descrever e realçar o pertencimento étnico.

O presente trabalho descreveu como os ciganos na presente cidade não negam a identidade como cigano, pelo ao contrário, afirmam e são reconhecidos na cidade como ciganos, mas passam por um processo de negociação que os colocam como “ciganos da cidade”, “nossos ciganos”. Identificou-se também como eles têm uma imagem positiva, que fora construída, nesse interim de chegada e aproximação entre as relações próximas aos moradores, tanto de compadrio como de casamentos.

Observando como os ciganos constroem maneiras próprias de se apropriarem do espaço, a partir de um *ethos Calon*, que são atrelados aos valores dados a andança como algo que marcar o ser cigano, e dentre outros valores que regulam uma moralidade cigana, destacados como modos ciganos de vida. Na presente cidade, eles continuam realçando a pertença, e mesmo se estando como moradores e considerados como grandes contribuidores na cidade a partir do investimento imobiliários, os modos de viverem e agirem significam os valores culturais e sociais da vida cigana.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**; tradução Julia Romeu. – 1 ed. São Paulo: Companhia das letras, 2019.

AQUINO, André Ribeiro. **Uma aproximação entre a realidade jurídica da Colômbia e do Brasil**. In: Brasil, Ministério Público Federal. Coletânea de artigos; povos ciganos: direitos e instrumentos para sua defesa/ 6ª Câmara de Coordenação e Revisão, Populações indígenas e Comunidades Tradicionais – Brasília: MPF, 2020.

ARRUTI, José Mauricio. Etnicidade. *Dicionário Crítico das Ciências Sociais dos países de fala oficial portuguesa* (org.) Lívio Sansone e Cláudio A. Furtado. Salvador: EDUFBA, 2014.

ARAÚJO, Marivânia Conceição; SHIMURA, Igor. Ser cigano: contatos interculturais e reelaboração identitária. In: GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; TOYANSK, Marcos; Oliveira, Luciana de; (organizadores) **Ciganos: olhares e perspectivas**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

BART, Fredrik. **Grupos étnicos e suas fronteiras**. In: POUTGNAT, P; FENART-STREIFF, J. Teorias da etnicidade. São Paulo: Difel, (P. 185-227) 1998.

BERREMAN, Gerald. "**Etnografia e Controle de Impressões em uma Aldeia do Himalaia**", In: A. Zaluar (Org.). *Desvendando Máscaras Sociais*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, p. 123-174, 1975.

BRASIL, Relatório Executivo. **Povo Cigano**. 2013.

BRAZABENI, Micol. **A construção de uma “comunidade de palavras”**. In: Ciganos Portugueses: Olhares plurais e novos desafios numa sociedade em transição. (Orgs) MENDES, Maria Manuela; MAGANO, Olga. Editora Mundos Sociais, 2013.

CARVALHO, Renato Sérgio Chaves de. **Porto Franco, terra que amo: mosaicos de uma história**- Imperatriiz, MA: Ética, 2008.

CAVALCANTE, Janeide da Silva. **Ciganos em São João do Paraíso-MA: de andadores a moradores**. Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, UFT, Tocantinópolis, 2018.

CAVALCANTE, Janeide da Silva; LEITE, Watilla Cirqueira ; CONCEICAO, Wellington da Silva . Entre rotas e fixações: A presença Calon no sul do Maranhão e sua invisibilidade política. **Dossiê: estudos ciganos no brasil. PERSPECTIVAS E ENTRELACAMENTOS ETNOGRÁFICOS**, v. 3, p. 32-54, 2020

CAVALCANTE, Janeide da Silva.; CONCEICAO, Wellington da Silva. “**Nossa casa era o chapéu**”: o nomadismo como elemento de identidade e o processo de fixação de ciganos em São João do Paraíso (MA). **O PÚBLICO E O PRIVADO**, v. 1, p. 311-328, 2019

CAVALCANTE, Janete da Silva. **Uma análise da peregrinação de Nossa Senhora da Serra na Cidade de São João do Paraíso – MA**. Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Sociais, UFT, Tocantinópolis, 2018.

CHAUVIN, Sébastien; JOUNIN, Nicolas. **A observação direta**. In: PAUGAM, Serge (Cord) tradução de Francisco Morás. – Petrópolis, Rj. Vozes, 2015.

CIRQUEIRA, Watila. **Interações sociais e o estigma: Um estudo das relações sociais entre Calon do bairro Madre Paulina e os gadjes em Estreito/Ma**. Trabalho de conclusão de curso (Ciências Sociais), UFT, Tocantinópolis-TO. 2020.

CLIFFORD, James. **Sobre autoridade etnográfica** In: A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: UFRJ, (p. 17-62), 2002.

CONCEIÇÃO, Wellington da Silva. “**Sossega, moleque, agora você mora em condomínio**”: segregação, gestão e resistência nas novas políticas de moradia popular no Rio de Janeiro. -1 ed. – Curitiba:Appris, 2018.

COUTINHO, Cassi Ladi Reis. **Os Ciganos nos Registros policiais mineiros (1907-1920)**. Tese (Doutorado em História) Universidade de Brasília, UNB, Brasília, 2016.

CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Bauru: EDUSC, 1999.

CUNHA, Manuela Carneiro da. “**Cultura**” e cultura: conhecimentos tradicionais e direitos intelectuais. In: *Cultura com aspas*. 1ª ed. São Paulo: Cosac Naify,. pp. 311-373, 2009.

DAMATTA, Roberto. **O ofício de etnólogo ou como ter anthropological blues**. In: NUNES, E. de O. A aventura sociológica. Rio de Janeiro: Zahar, p 23-35, 1978.

_____. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1981.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade** / Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FAZITO, Dimitri. **Transnacionalismo e Etnicidade: a construção simbólica do Romanesthán (Nação Cigana)**. Dissertação (Mestrado em Sociologia e Antropologia). Universidade Federal de Minas Gerais-UFGM, 2000.

FERRARI, Florencia. “Nunca Sozinho”: redes de parentes Calon e o mundo gadje. In: GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; TOYANSK, Marcos; Oliveira, Luciana de; (organizadores) **Ciganos: olhares e perspectivas**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

_____. **Um olhar oblíquo. Contribuições para o imaginário ocidental sobre o cigano**. Dissertação (Mestrado em Antropologia social), PPGAS, USP, São Paulo, 2002.

_____. **O mundo passa: uma etnografia dos Calon e suas relações com os brasileiros**. 2010. 380 f. (Tese de Doutorado). Universidade de São Paulo, 2010.

GEERTZ, Clifford. **Uma descrição densa: por uma Teoria Interpretativa da Cultura**. A Interpretação das Culturas. Rio de Janeiro: LTC, p. 3-21, 1989.

_____. **Obras e vidas: o antropólogo como autor**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petropolis, RJ: Vozes, 2013.

_____. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2004.

GUARINELLO, Noberto Luiz. **Festa trabalho e cotidiano**. IN: Jancsó, Istvan, Khantor, Íris. Festa: Cultura e Sociabilidade na América, 2001.

GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes. **Memória e etnicidade entre os ciganos Calon em Sousa-PB**. João Pessoa: Editora da UFPB, 2013 (Coleção Humanidades).

IMESC, Instituto maranhense de estudos socioeconômicos e cartográficos. **Regiões de desenvolvimento do estado do maranhão proposta avançada**. São Luís-MA, 2018.

HERZFELD, Michael. **Intimidade Cultural: poética social no Estado-nação**. Edições 70, LTDA, 2008.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. A antropologia urbana e os desafios da metrópole. **Tempo Social** vol.15 no.1 – USP, P 81-95, 2003.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Introdução: o assunto, o método e o objetivo desta investigação**. In.: DURHAN, E. R. (org). Bronislaw Malinowski. São Paulo: Ática, 1986.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Trad. Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MEDEIROS, Marilla Salles Falci. **A construção teórica dos conceitos de socialização e identidade**. Revista de ciências sociais v. 33 n. 1, p. 78 a 86. 2002.

MELO, Erisvelton Sávio Silva de. **A antropologia e os estudos com ciganos**. Trabalho apresentado na 31ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 09 e 12 de dezembro de 2018, Brasília/DF.

MELLO, Marco Antonio da Silva; VOGEL, Arno. **“Lições da Rua (ou Quando a Rua vira Casa): Algumas considerações sobre habito e diligo no meio urbano”**. Biblioteca virtual do Laboratório de Etnografia Metropolitana da Universidade Federal do Rio de Janeiro. 2002

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. -Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MOONEN, Frans. **Anticiganismo: os ciganos na Europa e no Brasil**. 3ª ed. Recife. 2011. (editora do autor).

MONTEIRO, Edilma do Nascimento Jacinto. Fluxos e redes: pensando o espaço territorial cigano a partir de uma experiência de campo. In: GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes;

TOYANSK, Marcos; Oliveira, Luciana de; (organizadores) **Ciganos: olhares e perspectivas**. João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

MONTEIRO, Edilma do Nascimento Jacinto; ALCÂNTARA, Marcilania Gomes. **Teoria e experiência em diálogo: perspectivas para pensar o direito à escolarização entre ciganos**. In: Brasil, Ministério Público Federal. Coletânea de artigos; povos ciganos: direitos e instrumentos para sua defesa/ 6ª Câmara de Coordenação e Revisão, Populações indígenas e Comunidades Tradicionais – Brasília: MPF, 2020.

MONTEIRO, Edilma do Nascimento Jacinto; MONTEIRO, Renan Jacinto. A MASCULINIDADE CIGANA EM PROCESSO: uma análise etnográfica a partir dos Calon da costa norte da Paraíba. **ÁLTERA REVISTA DE ANTROPOLOGIA**, v. 02, p. 129, 2018.

Monteiro, Edilma do Nascimento Jacinto.; PIRES, Flávia Ferreira. **Party as perspective? between Calon in Mamanguape, Paraíba (Brazil): abundance and ostentation in Gypsies transforming borders**. Civitas (Porto Alegre), v. 3, p. 488-498, 2020.

MONTEIRO, Edilma do Nascimento Jacinto. **As crianças Calon: Uma etnografia sobre a concepção de infância entre ciganos no vale do Mamanguape-PB**. Dissertação (Mestrado em Antropologia) pela Universidade Federal da Paraíba, UFPB, Paraíba. 2015.

_____. **Tempo, redes e relações: uma etnografia sobre infância e educação entre os Calon**. Tese (Doutorado em Antropologia Social) pela Universidade Federal de Santa Catarina, UFSC, Florianópolis, 2019.

_____. **Educação entre ciganos na Paraíba: Observando práticas de aprendizagem na construção identitária**. Revista de Estudos e Investigações Antropológicas, VII, p. 33-47, 2017.

NASCIMENTO, Leal Dantas. **Memória do Estradar: A identidade cigana analisada sob à luz das narrativas de um chefe cigano**. Dissertação (Mestrado em Antropologia), pela Universidade Federal da Paraíba, UFPB, Paraíba, 2015.

_____. **Posicionando os ciganos nas pesquisas antropológicas: desmistificando o campo.** ARIÚS: revista de ciências humanas e artes. –v. 19, n. 1, – p. 31-53. Campina Grande: EDUFPG, 2013.

OLIVEIRA, Márcio de. **O conceito de representações coletivas: uma trajetória da divisão do trabalho às formas elementares.** Debates do NER, Porto Alegre, ano 13, p. 67-94, 2012.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **Identidade, etnia e estrutura social.** São Paulo. Pioneira, 1976.

_____. **O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir e escrever.** In: *O Trabalho do Antropólogo*. Brasília/ São Paulo: Paralelo Quinze/Editora da UNESP, 1998. Pp. 17-35.

PARIZORT, Isabelle. **A pesquisa por questionário.** (p. 85-102). In: PAUGAM, Serge. *A pesquisa sociológica*. Petrópolis: Editora Vozes, 2015.

PARK, Robert Ezra. **A cidade: sugestões para a investigação do comportamento humano no meio urbano.** In: velho, otávio (org.). *o fenômeno urbano*. Rio de Janeiro, Guanabara. 1987.

PEREIRA, Cristina da Costa. **Os ciganos ainda estão na estrada.** –Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

PRADO, R. M. **Cidade pequena: paraíso e inferno da personalidade.** Cadernos de antropologia e imagem/Universidade do estado do Rio de Janeiro, núcleo de antropologia e imagem n. 1, p.31-56, 1995.

ROCHA, Ana Luísa Carvalho da; ECKERT, Cornelia. **Etnografia: Saberes e práticas.** Revista Iluminarias, v. 9, n. 21, 2008.

ROTHENBURG, Walter Claudius; STROPPA, Tatiana. **Estatuto dos povos ciganos no projeto de lei do senado N° 248, de 2015.** In: Brasil, Ministério Público Federal. Coleção de artigos; povos ciganos: direitos e instrumentos para sua defesa/ 6ª Câmara de Coordenação e Revisão, Populações indígenas e Comunidades Tradicionais – Brasília: MPF, 2020.

VELHO, Gilberto. **Observando o familiar**. In: *Individualismo e Cultura: Notas para ma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, Pp. 121- 132 1981.

_____. **O observador participante**. In: WHYTE, William Foote: *Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área pobre e degradada*. Rio de Janeiro, Jorge zahar Ed., 2005.

SARTI, Cinthia Andersen. **A família como espelho: Um estudo sobre a moral dos pobres na periferia de São Paulo**. Tese (doutorado em Antropologia) pela Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

SCHECHNER, Richard. **“O que é performance?”**, em *Performance studies: an introduction*, second edition. New York & London: Routledge, p. 28-51, 2006.

SILVA, Lailson Ferreira da. **“Aqui, todo mundo é da mesma família”:** Parentesco e relações étnicas entre os ciganos na cidade Alta, Limoeiro do Norte-CE. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais), Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, Natal, 2010.

SIMMEL, Georg. **O estrangeiro**. In: MORAES Fº, Evaristo (Org.). *Sociologia*. São Paulo: Ática, 1983.

SELL, Carlos Eduardo. **Sociologia clássica: Marx, Durkheim e Weber**. 7 ed.- Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.

SHIMURA, Igor. **Ser cigano: a identidade étnica em um acampamento Calon itinerante Maringá**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) pela Universidade Estadual de Maringá, UEM, Paraná, 2017.

SOUSA, Emilene Leite de. As crianças e a Etnografia: criatividade e imaginação na pesquisa de campo com crianças. **Illuminuras**. Porto Alegre, v 16, p. 140-164, 2015.

SOUZA, Keli Carvalho Nobre de. **Tecendo Redes e Construindo Histórias: o apadriñamento dos escravos adultos no Distrito Diamantino entre os anos de 1744 a 1758**.

Dissertação (Mestrado em História), Universidade Federal de Ouro Preto, UFNOP, Mariana, MG, 2013.

SOUZA, Mirian Alves. **Ciganos, Roma e Gypsies: projeto identitário e codificação política no Brasil e Canadá.**- 1 ed. – Rio de Janeiro:Autobiografia, 2017.

SOUZA, Virginia Kátia de Araújo. **Entre laços e teias: famílias ciganas no Seridó Potiguar.** Tese (Doutorado em Ciências Sociais) pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, UFRN, Natal, 2016.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. **Ciganos no Brasil: Uma breve história.** Segunda edição, revista. Belo Horizonte: Crisálida, 2009.

TOYANSK, Marcos. Identidades ciganas: origens, grupos e contextos. In: GOLDFARB, Maria Patrícia Lopes; TOYANSK, Marcos; Oliveira, Luciana de; (organizadores) **Ciganos: olhares e perspectivas.** João Pessoa: Editora UFPB, 2019.

URIARTE, Urpi Montoya. **O que é Fazer Etnografia para os Antropólogos.** Ponto Urbe, São Paulo, n. 11, 2012.

VALLADARES, Lícia Prado. “Os dez mandamentos da observação participante”. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, 22(63):153-155. 2007.

WAGNER, Roy. **A presunção da cultura e A cultura como criatividade.** In: A invenção da cultura. São Paulo: CosacNaify, 2010.

WEBER, Max. **Economia e sociedade:** fundamentos da sociologia compreensiva -Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1999.

_____. **Ensaio de Sociologia.** Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

WHYTE, William Foote. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área pobre e degradada.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2005.

APÊNDICE I – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM OS MORADORES LOCAIS

ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM OS NÃO CIGANOS DE SÃO JOÃO DO PARAÍSO

Dados Pessoais

Idade: _____

Sexo: _____

Estado Civil: _____

Escolaridade: _____

Profissão: _____

1. Você é natural de São João do Paraíso?
Sim () Não ()

2. Tem conhecimento da presença de ciganos em São João do Paraíso?
Sim () Não ()

3. O que acha da presença cigana em São João do Paraíso?

4. Já teve relações algum cigano na cidade? De que tipo?
() Comercial
() Amigável
() Vizinhança
() Compadrio (Seria padrinho ou madrinha de uma criança cigana)

5. Vocês acham que os ciganos sofrem algum tipo de preconceito na cidade?
() Sim () Não

- Se sim, quais tipos de preconceito?

6. O que acha desses preconceitos?
7. Como você define os ciganos?
8. Você considera que há mais de um grupo cigano na cidade?
Sim () Não (). Se respondeu sim, responda também a questão 9.1

8.1 Percebe diferença nos dois grupos?

Você já considera os ciganos como paraisenses?

Sim () Não ()

9. Você acha que os ciganos vêm contribuindo economicamente na cidade?
10. Você se casaria com um cigana (o) ?
Sim () Não ()
11. Manteria relações comerciais com um cigano (a)?
Sim () Não ()
12. O que te faz perceber que uma pessoa é cigana?

APÊNDICE II – ROTEIRO DE ENTREVISTA COM GESTORA PÚBLICA**ROTEIRO DE ENTREVISTAS COM A SECRETÁRIA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL
DE SÃO JOÃO DO PARAÍSO****Dados Pessoais****Idade:** _____**Sexo:** _____**Estado Civil:** _____**Escolaridade:** _____**Profissão:** _____

1. **Tem conhecimento da presença cigana em São João do Paraíso-Ma?**
Sim () Não ()
2. **Tem conhecimento que os ciganos, enquanto dotadores de peculiaridades linguística, culturais e de costumes, enquadram-se na classificação de povos e comunidades tradicionais de acordo com os decretos 6.040/2007 e 10.841/2006?**
Sim () Não ()
3. **O Cadastro Único para Programas Sociais do Governo Federal (CadÚnico) é o instrumento de identificação e caracterização socioeconômica das famílias de baixa renda para a seleção de beneficiários e a integração dessas pessoas a programas sociais governamentais. Diante disso, como pode-se caracterizar as famílias ciganas que residem em São João do Paraíso –MA.**
4. **Os ciganos em São João do Paraíso-MA enfrentam preconceitos? Quais?**
5. **Há a necessidade de ações sociais em prol da comunidade cigana em São João do Paraíso-MA?**
6. **Como você define os ciganos?**
7. **Os ciganos contribuem economicamente e culturalmente com a cidade? Como?**